

Uma garota de sorte

Alison Fraser



CASAMENTO: a prazo fixo e sem compromissos.

A oferta de Baxter Ross era tentadora. Se Dee concordasse com o casamento, ganharia uma soma considerável de dinheiro. Por que não? Era jovem e não tinha nada a perder.

Dee decidiu aceitar. Sua curiosidade estava aguçada. Afinal, por que um homem tão atraente precisava pagar por uma noiva? Ao que tudo indicava, nunca lhe faltara companhia feminina.

O principal era que o emprego não duraria a vida inteira. Após um ano, estaria livre e com uma situação financeira confortável... O que não esperava era sentir o coração acelerado toda vez que Baxter estava por perto...

Título original: *Bride Required*

Dados da Edição: Editora Nova Cultural 1998

Publicação original: 1997

Gênero: Romance histórico contemporâneo

Digitalização e correção: Nina

Estado da Obra: Corrigida

CAPITULO I

Baxter estava prestes a desistir da busca quando encontrou a garota ideal.

Ela estava sentada em um banco, na estação do metro, e tocava uma flauta. A seu lado, o estojo se encontrava aberto em um franco convite para que os transeuntes demonstrassem sua apreciação em forma de pagamento.

O talento da jovem, porém, e sua apresentação discreta não mudavam o fato de que ela era, certamente, mais um membro do imenso número de pessoas sem um emprego fixo e, talvez, sem um teto sob o qual se abrigar.

Fazia tempo que não vinha a Londres e a quantidade de desocupados que perambulava pelas ruas o chocou, apesar de ter visto coisas piores em Addis e Mogotu.

Mais tarde, viria a se questionar sobre as razões que o levaram a selecionar a flautista. No momento, limitara-se a seguir sua intuição.

Ela estava usando uma jaqueta militar e um jeans surrado, mas limpo. Era jovem, mas não mais uma menina. A habilidade de tocar flauta a colocava em uma categoria superior a uma mendiga, mas não afastava a impressão de penúria.

Ou, talvez, fosse a presença do cachorro.

A maioria dos mendigos, que costumava ver, se fazia acompanhar por um cachorro, provavelmente na esperança de despertar a simpatia dos mais favorecidos da sorte.

O cachorro da garota, no entanto, não era um vira-lata, mas um belo animal com uma pelagem que sugeria cuidados e até mesmo um pedigree.

A jovem não ergueu os olhos do chão nem sequer quando ele se aproximou e atirou uma moeda de uma libra no estojo.

Baxter continuou caminhando pela estação e só olhou para trás quando foi obrigado a dobrar uma esquina. Nesse instante, resolveu parar e examiná-la melhor. Estava em dúvida. Não gostava de mulheres de cabelos curtos nem daquelas que usavam mais do que um brinco nas orelhas. Mas como seu interesse não era de cunho pessoal, decidiu voltar e seguir em frente com seu plano.

Dee tinha uma excelente memória. Principalmente para sapatos. Afinal, o que fazia durante o dia inteiro exceto tocar flauta e olhar para o chão? Seu amigo Terry que ganhava a vida tocando violão a ensinara a reconhecer a importância das pessoas pelos sapatos que usavam.

Aquelas botas de couro marrom de amarrar, por exemplo. Tinha certeza de tê-las visto cinco minutos antes quando seu dono lhe atirara uma moeda de uma libra. A curiosidade tocou-a. Por um instante, pensou em arriscar um rápido olhar para o rosto dele, mas logo se conteve. Não era por causa de sua música que o homem

havia voltado. Isso já lhe acontecera antes. Alguns sujeitos não conseguiam entender que nem todas as mulheres que viviam pelas ruas estavam dispostas a venderem seus corpos.

Aquele homem, porém, não disse nada. Parou a sua frente e ficou imóvel, como se estivesse determinado a esperar o tempo que fosse preciso para que ela lhe desse um pouco de atenção.

Quando finalmente olhou para ele, Dee ficou surpresa. Não se tratava de um tipo mal-encarado, mas de um homem alto e bonito, de cabelos castanhos e pele bronzeada de um sol que certamente não era o de Londres.

—Toca muito bem — ele elogiou-a.

—Eu sei.

Por um momento, ele pareceu desconcertado.

—E não é adepta da falsa modéstia.

Dee ergueu os ombros e fez menção de colocar a flauta novamente entre os lábios em uma clara demonstração de que a conversa estava encerrada, mas como o homem continuou imóvel, foi obrigada a tornar a fitá-lo.

— Se ainda não notou, estou aqui porque preciso ganhar minha vida. Portanto, a menos que esteja à caça de novos talentos para a Filarmónica de Londres...

— Infelizmente não — ele respondeu —, mas tenho uma proposta para lhe fazer.

—Eu tinha certeza.

—Não do tipo que está pensando — Baxter apressou-se a esclarecer ao mesmo tempo que tirava a carteira do bolso e pegava uma nota de vinte libras. — Quero pagar por seu tempo.

—Está me ofendendo — Dee murmurou entre os dentes.

—Não estou me referindo a sexo — Baxter explicou, impaciente. — Quero apenas conversar com você.

O tom de voz pareceu sincero. E o modo como ele examinava seu corpo não demonstrava nenhum interesse sexual, realmente.

Deveria sentir-se aliviada, Dee pensou. Afinal, vestia-se com deselegância de propósito para não despertar a libido dos homens. Por quê, então, aquela frieza a incomodava?

— Vamos a um café? Pagarei um lanche a você e a seu cachorro.

— Ele se chama Henry.

—Como disse?

—O nome dele é Henry.

Como se entendesse que era a ele que estavam se referindo, o cachorro se levantou e abanou a cauda. Baxter afagou-o.

—Quantos anos ele tem? Onze? Doze?

—Treze, mas seus dentes ainda estão afiados.
Baxter sorriu. Conhecia animais e aquele era dócil e inteligente.

—Ele parece faminto.

A moça ficou irritada.

—Ele *nunca* passa fome! Eu o trato muito bem!

— Já notei isso. Você, entretanto, dá a impressão de ainda não ter se alimentado hoje.

A observação irritou-a ainda mais, talvez porque estava correta. Não era todos os dias que conseguia ganhar o suficiente para comer.

—Trinta libras — o homem aumentou a oferta — e um bom jantar para você e para Henry.

Era uma proposta difícil de recusar, mas ela não era tola.

— Está disposto a me pagar um jantar e ainda por cima me dar trinta libras em troca de uma simples conversa? Pensa que sou ingênua?

Baxter não culpava a garota por sua incredulidade. Ele mesmo estava começando a ter dúvidas sobre a validade de sua ideia. Mas como o primeiro passo já fora dado, decidiu ir em frente.

— Como eu disse, tenho uma proposta para lhe fazer. Estranha, eu admito, mas não envolve sexo nem perigo.

A moça fitou-o em silêncio por um minuto. De repente, pegou as moedas e guardou a flauta.

—Está bem. Eu escolho o restaurante.

Baxter se levantou e fez um sinal afirmativo com a cabeça. A jovem estendeu a mão.

—Quero o pagamento adiantado.

Baxter hesitou. E se desse o dinheiro e ela saísse correndo?

— Sem o dinheiro, nada feito — ela disse e começou a se afastar.

Baxter alcançou-a e a segurou pelo braço.

—Metade agora, metade depois.

—Certo — Dee concordou. Quinze libras era melhor do que nada, afinal. E tinha boas pernas. Na primeira oportunidade, fugiria. Por mais que aquele homem insistisse que não tinha nada de vergonhoso a propor, preferia confiar na prudência.

O que não lhe passou pela cabeça foi que ele se referia à metade ao pé da letra! Uma nota de vinte e uma de dez libras foram rasgadas ao meio e ele lhe entregou as duas metades, guardando as outras novamente na carteira.

Dee sorriu, contrafeita, mas aceitou-as. Em seguida, ajeitou a mochila no ombro e pegou a ponta da coleira de Henry.

—Deixe-me ajudá-la. — Baxter recolheu o estojo com a flauta e estendeu a mão para a mochila.

—Eu a levo. Não se preocupe. A flauta é garantia suficiente de que eu não fugirei.

Baxter franziu o cenho.

— E desconfiada demais para alguém de sua idade. A propósito, quantos anos tem?

— Quantos anos preciso ter para o que você tem em mente? De repente, Baxter se perguntou se a garota não seria nova demais. Falava como se tivesse a maturidade de uma mulher de trinta anos, mas seu aspecto era pouco mais do que o de uma menina.

Evitou dar uma resposta direta.

—Dezoito? — ele sugeriu.

—Por aí.

— Ótimo. — Baxter suspirou, aliviado, e seguiu a moça em direção à plataforma de embarque. Ela era muito séria e fechada. Não sabia se isso era bom ou mau para seus propósitos. Bom, provavelmente. A seriedade combinava com a discrição.

Dee era alta. Aos dezesseis anos, sentia-se uma gigante. Por sorte parara de crescer nessa idade. Ao lado daquele estranho, porém, parecia uma criança.

Diante da catraca, Dee hesitou.

—Não tenho passagem.

—Eu sabia! — Baxter exclamou.

Não esperava que a garota tivesse uma reação tão brusca.

— Você não sabe nada! — Ela lhe estendeu a guia do cachorro. — Leve-o. Encontro-os lá fora.

Assim dizendo, afastou-se e pulou rapidamente sobre a catraca. Mas não tão depressa que o gesto passasse despercebido. Dois guardas a detiveram.

Baxter estava tão estupefato que não se moveu do lugar. Mas o cachorro, ao ver sua dona presa, pôs-se a latir com surpreendente ferocidade.

E ele que esperava discrição!

—Muito engraçado — Baxter disse à garota, assim que teve uma ideia de como tirá-la da enrascada. — Não entendo esse tipo de diversão dos jovens de hoje. Queiram, por favor, desculpá-la, senhores.

—O senhor a conhece? — quis saber um dos guardas.

—Gostaria de dizer que não, mas ela é minha sobrinha, Morag.

Os guardas se calaram enquanto decidiam se acreditavam ou não na informação. Dee fez o mesmo. *Morag*? Que espécie de nome era aquele?

—Ela tinha uma passagem, mas perdeu-a. Antes que eu tivesse a chance de

comprar outra, correu e pulou sobre a catraca. Acho que essa é a última das façanhas que os adolescentes andam aprontando.

—Uma brincadeira cara — declarou o outro guarda. — Se espera resolver o assunto com o simples pagamento da passagem, lamento dizer que não será possível. Seremos obrigados a levá-la para o distrito de onde sairá apenas com o pagamento de uma fiança.

—Estão em seu direito, infelizmente. Você se portou muito mal, Morag. Sua mãe ficará aborrecida quando souber.

Um dos guardas pareceu penalizado. Baxter resolveu aproveitar a situação.

— Por favor, permitam que eu cubra a despesa. Morag é ainda uma menina. Não fez isso por mal.

Os guardas se entreolharam. Estavam cansados após um longo dia de trabalho.

—Preciso verificar o valor da tarifa no guichê.

Um se afastou e o outro permaneceu junto a Baxter e Dee. Assim que notou que ele havia se distraído, Dee olhou para Baxter e sugeriu que corressem.

—Não se atreva — Baxter ordenou.

Ela teria escapado sem problemas, mas pareceu-lhe injusto abandonar o homem depois que a livrara de uma encrenca.

Quando alcançaram a rua, respirou fundo. Sabia que deveria dizer ao menos obrigada, mas a sensação de estar devendo um favor era odiosa.

—Não precisaria ter gasto seu dinheiro comigo. Eu teria escapado.

—Da cadeia?

—O delito não foi dos mais sérios. Tenho certeza de que eles não levariam a ameaça até o fim. De que adiantaria me ficharem? Não tenho endereço para fornecer nem dinheiro para pagar uma fiança.

—Estou comovido com sua gratidão.

A observação dessa vez atingiu-a.

—Ok. Muito obrigada.

—De nada. Para que lado fica o restaurante?

A primeira intenção de Dee era realmente dar um golpe no estranho, mas, após o sucedido, o mínimo que lhe devia era sentar-se a uma mesa e ouvi-lo.

— Por aqui.

Conduziu-o a um pequeno restaurante onde costumava lavar pratos em troca de um sanduíche e de uma xícara de chá. Rick, o dono, olhou Baxter de cima a baixo, e cumprimentou-a.

—Tudo bem, Dee?

—Tudo. Poderia nos trazer duas xícaras de chá?

—Dee? — Baxter repetiu quando se sentaram a uma mesa de canto. — E

esse seu nome?

Dee fez um sinal afirmativo com a cabeça. Dee era a abreviatura de Deborah DeCourcy, um nome bonito demais para ser divulgado levando-se em consideração a vida que levava.

—Melhor do que Morag, eu acho. Aonde foi buscá-lo?

—Já que fui obrigado a mentir que somos parentes, ao menos não menti sobre o nome de minha sobrinha nem sobre o golpe que minha irmã teria levado se a filha resolvesse pular sobre uma catraca. Mas você deve estar acostumada.

—Não, não estou. Costumo ir a pé aos lugares. Seria difícil usar outros meios de transporte com Henry.

Baxter não respondeu de imediato. Dee não usava o linguajar próprio das ruas. Parecia educada.

— Fez um comentário sobre não ter um endereço para fornecer. Onde dorme, então, com seu cachorro? Em algum abrigo para indigentes?

Ela olhou para ele muito zangada.

—Não sou uma indigente!

—Desculpe-me. Não pretendia ofendê-la.

Os olhos azuis estavam faiscando de raiva. Pela primeira vez, Baxter notou o quanto Dee era bonita.

Naquele instante, o dono se aproximou com as xícaras de chá.

—Quer vir trabalhar no sábado à tarde? — ele perguntou.

—Quero sim.

Com um sorriso satisfeito, o homem se afastou.

—Trabalha aqui?

—De vez em quando.

—Então estamos em seu território?

—Mais ou menos. Tenho um lugar por perto.

—Mora sozinha?

—Isso importa?

A desconfiança voltou a se insinuar nos olhos de Dee.

— A mim, não, mas para o que tenho em mente seria mais conveniente que você não tivesse um relacionamento.

—Nesse caso, estou sozinha. E você? Tem alguém?

A pergunta pegou-o de surpresa. Sorriu.

—Acho que isso não lhe diz respeito.

—Entenderei sua resposta como afirmativa. — Dee murmurou e pôs-se a adoçar o chá. — Preciso garantir minhas calorias — ela explicou ao abrir o quinto envelope de açúcar diante do olhar estupefato de Baxter.

—A maioria das mulheres pensa o contrário.

—Talvez eu devesse escrever um livro sobre as necessidades dos que vivem pelas ruas.

Baxter sorriu embora o comentário não fosse engraçado. Talvez a compaixão fosse a responsável por ele ter escolhido Dee entre tantas mulheres. Estava chegando, afinal, do Terceiro Mundo, onde vivera quase uma década.

—Como é a comida neste lugar?

—Se você não se importa com sua taxa de colesterol, é boa. Tudo é servido com batatas fritas.

—Estou disposto a encarar um prato, se você me acompanhar.

O orgulho de Dee tentou convencê-la a recusar a caridade, mas seu estômago falou uma linguagem diferente.

—Está bem.

—Peça o que quiser.

Após uma última hesitação, mais uma vez movida pelo orgulho, Dee decidiu assumir que estava faminta.

—Salsicha, tomate, pão, ovos e batatas fritas.

Baxter reprimiu um sorriso.

— O mesmo para mim. — O dono anotou o pedido e se afastou. — Ele não é do tipo simpático. Não sei como consegue formar uma clientela.

Dee não gostava muito de Rick, mas sentiu necessidade de defendê-lo.

— A esposa o deixou recentemente e levou todo o dinheiro que ele tinha.

— É para isso que as mulheres existem.

Dee franziu o cenho.

—Você nos tem em baixo conceito. Não gosta do sexo oposto?

—O que está querendo dizer?

—Por acaso é gay?

—Gay? De onde tirou essa ideia?

—Bem, você não parece se interessar muito pelas mulheres, apesar de seu aspecto másculo.

—Devo entender essa observação como um elogio?

—Não.

—Foi o que pensei.

Dee não podia entender o que lhe dera para abordar um assunto tão perigoso. Em vez de falar de preferências sexuais, por que não fizera uma simples observação sobre o tempo?

Assim que os pratos foram servidos e eles ficaram novamente a sós, Baxter perguntou:

—Onde mora?

—Em um pequeno prédio que foi desapropriado pela prefeitura.

—Há quanto tempo?

—Seis semanas.

—Ninguém notou?

—Se notaram, não tomaram nenhuma providência para me expulsarem de lá. Não valeria a pena. O gás, a água e a eletricidade foram desligados. Em breve, o prédio será demolido.

—Para onde irá depois?

As perguntas poderiam significar interesse humano, mas também lucrativo.

—Quem você é? Um jornalista? Está escrevendo alguma matéria sobre os sem-teto?

—Não, apenas estava cogitando se você tem planos para o verão.

—Bem, talvez eu faça um cruzeiro pelas ilhas gregas, se o estaleiro entregar meu novo iate a tempo — Dee ironizou.

—Não leva nada a sério?

—Para quê?

Baxter não retrucou. Era compreensível. Sem perspectivas para o futuro, Dee preferia viver um dia de cada vez. Rick passou subitamente pela mesa. Parecia disposto a ouvir a conversa. Dee e Baxter pararam imediatamente de falar. Quando Rick se deu conta de que sua intenção havia sido descoberta, afastou-se resmungando.

Dee e Baxter se entreolharam e riram.

O momento foi breve, mas suficiente para Baxter rever sua opinião sobre Dee. A mudança o fascinara.

Enquanto comia, Dee dava a impressão de ter voltado à infância.

—Quantos anos você tem? — Baxter tornou a perguntar.

—Dezoito. — O que era quase a verdade, pois faltava pouco para seu aniversário.

—Ainda bem.

—Ainda bem?

—Estava preocupado com a possibilidade de você ter fugido de casa, sendo menor de idade.

Baxter poderia ser um mago de adivinhação. Ela havia fugido de casa no último verão após meses de economia. Na época, o dinheiro que guardara do Natal, do aniversário e das mesadas parecia uma fortuna, mas acabou em poucas semanas, obrigando-a a voltar para casa. Três meses depois, tornara a fugir, pois a vida nas ruas lhe parecera melhor do que a que levava.

— Se tem receio de que minha família bata a sua porta para me reclamar, fique tranquilo. Mesmo que me mate, eles não tomarão conhecimento.

Baxter não gostou do humor negro.

— Se está desconfiada que eu seja um psicopata, o que faz aqui comigo?

Dee agitou as notas rasgadas diante do rosto de Baxter do mesmo modo que ele fizera com ela.

—Você não parece um maníaco homicida.. O que é? Um ator, talvez?

—Ator? O que a levou a pensar isso?

—Você é bonito — ela disse com franqueza.

—Costuma ser sempre direta?

—Não com os homens — Dee confessou. — A maioria interpretaria minhas palavras como um convite à sedução.

—Devo sentir-me grato por não estar incluído nessa categoria?

Dee fez um movimento com os ombros.

—Disse que não é artista. O que é?

—Médico.

Baxter esperou para ver a reação. Em geral as pessoas ficavam impressionadas quando ele se apresentava. Dee surpreendeu-o com uma risada.

—Acha minha profissão engraçada? — Baxter indagou, ofendido.

—Não parece um médico, mas aposto que faz sucesso junto à clientela feminina.

—O que a faz pensar assim?

Um súbito rubor cobriu as faces de Dee.

— Bem, com sua aparência, deve partir muitos corações.

Foi a vez de Baxter ser irônico.

—Quem diria que sob a fachada de cinismo existe uma jovem romântica?

—Eu não sou romântica! — Dee protestou.

—E meus pacientes estão muito ocupados no esforço de alcançar uma cura para se preocuparem com minha aparência. — Ele falou com tanta veemência que Dee não se atreveu a ironizar. — Trabalhei durante muitos anos em um hospital na África.

—Em um hospital público?

Baxter respondeu que sim e não deu margem à continuidade da conversa.

Enquanto jantavam, Dee o observou. Não tinha certeza se ele falara a verdade. Conhecia muitos médicos. Seu próprio pai fora um. E seu padrasto, além de ser médico, dirigia um hospital. Nenhum deles se preocupava muito com a medicina e com o sofrimento alheio. O dinheiro era mais importante.

Mas aquele estranho era diferente. Não sabia como descrevê-lo.

Após alguns minutos de silêncio, encarou-o.

—Então, doutor, que tipo de trabalho quer que eu faça?

Ele não pareceu gostar da forma de tratamento. Sua expressão tornou-se ainda mais séria.

— Antes quero esclarecer um ponto. Caso não aprove minha proposta, aviso-a para não perder seu tempo indo à polícia ou aos jornais porque eu negarei tudo. Acho que não preciso acrescentar que terei a opinião pública a meu favor. Se tiverem de escolher entre minha palavra e a sua, não terá nenhuma chance.

Dee sentiu vontade de sumir. Fora uma tola em acompanhá-lo. Era óbvio que o que aquele homem tinha a propor era algo ilegal.

Fez menção de se levantar, mas ele segurou sua mão sobre a mesa.

— Aonde vai?

Ela tirou os dois pedaços de notas do bolso e atirou-os sobre a mesa.

— Estou fora. Não farei nada que possa me comprometer.

— Não espero que faça — Baxter mentiu e quase suspirou de alívio quando Dee tornou a se sentar. — Por que ficou tão assustada? Tem problemas com a polícia?

— Não! — Dee exclamou, indignada.

— E quanto a seu estado civil?

— Sou solteira. Por quê?

Baxter decidiu que já era tempo de explicar o motivo de seu interesse por Dee.

— Porque casamento é o item principal da proposta que tenho para lhe fazer.

A perplexidade de Dee deixou-a muda. Aquele homem devia estar maluco! Queria se casar com ela e nem sequer se apresentara!

CAPITULO II

— Eu nem sequer sei seu nome! — Dee I respondeu, atônita.

— Baxter.

— Olhe, sr. Baxter.

— Não é sr. Baxter — ele a corrigiu.

— Desculpe — ela continuou em tom irônico, sem lhe dar chance para continuar —, dr. Baxter.

Ele não se deixou impressionar.

— Eu queria dizer que meu sobrenome é Ross.

— Ross?

— Sr. Ross, se faz questão de formalidade.

— Então Baxter é seu primeiro nome? — ela perguntou, perplexa. — De onde o tiraram?

— A origem é escocesa.

— Ah! Isso explica.

— Posso saber o que isso explica?

— A razão de você falar engraçado.

—Eu falo engraçado? — Baxter sorriu com malícia. — O que me diz de você? Qual delas é real? A jovem que às vezes usa o linguajar das ruas ou aquela que às vezes esquece seu disfarce e conversa como qualquer pessoa instruída?

—Em minha defesa, posso afirmar que nenhuma das duas é louca o bastante para se casar com você.

—Eu não a pedi em casamento — Baxter retrucou.

—Não disse as palavras exatas, mas foi o que deu a entender. Ou pretendia me pedir em casamento para outra pessoa?

— Essa questão é irrelevante. Seria um casamento de conveniência.

— Ou seja, sem sexo. Não precisa se dar ao trabalho de explicar. O casamento seria uma espécie de camuflagem para você.

— O que está pensando?

— Que você quer convencer o mundo de que é um homem normal e uma esposa é a melhor prova disso.

Dee estava analisando o assunto sob um prisma inesperado, mas Baxter não se importou em desfazer o equívoco. Estava disposto a alcançar seu objetivo, a qualquer preço.

—Como eu já disse, seria apenas um casamento de conveniência.

—Olhe, eu o compreendo. Não deve ser fácil fingir ser o que não é. Também compreendo que queira manter seu problema em segredo, mas talvez devesse refletir sobre uma mudança de atitude. Hoje em dia, muitas pessoas estão optando por assumir suas condições.

—Não, você não compreende.

—Bem, a vida é sua. Talvez fosse mais feliz se não complicasse tanto sua situação.

—Você conhece alguém que leve uma vida feliz e sem nenhuma complicação?

—Não. E você?

A resposta imediata provava que Dee não acreditava em felicidade. O que teria acontecido para torná-la uma jovem amarga?

—Conheço. Minha irmã, Cathy, e seu marido, parecem ser felizes.

—*Parecem*. Você não tem certeza. — Dee falava com conhecimento de causa. Sua mãe e seu padrasto eram um bom exemplo de que casamentos perfeitos só existiam em fachada.

—Você terá a possibilidade de julgar por si mesma.

—Julgar o quê?

—Se a felicidade deles é genuína.

Baxter sorriu naquele momento. Ela quis responder, mas não conseguiu. Aquele sorriso, por incrível que pudesse parecer, desarmou-a por completo.

—Ei, eu não disse que concordava.

—Diga agora.

Dee negou com um movimento de cabeça.

—Eu teria de me mudar para as montanhas da Escócia?

—Minha moradia fica perto de Edinburgh. A distância exata é de trinta quilômetros. O lugar é totalmente civilizado, eu garanto.

—Mas seria por quanto tempo? Sei que não adiantaria me apresentar como sua esposa e me comprar uma passagem de volta para Londres no dia seguinte.

—Lógico que não. O contrato seria de um ano.

—Um ano?

—No máximo. Se tudo correr bem, eu a liberarei antes.

—Isso está parecendo uma condenação.

—Mas você não teria de viver a pão e água e confinada a uma cela. Ficaria instalada em um bonito quarto, comeria do bom e do melhor e receberia uma ajuda de custo para as despesas extras. Parece muito ruim?

—Parece excelente! — Dee se calou por um instante. — Por que eu?

—Não havia muita escolha.

—Obrigada.

Aquilo era uma loucura. Ele era louco por propor e ela era louca por estar ouvindo-o.

Sem dizer mais nenhuma palavra, Baxter tirou uma caneta e um talão de cheques do bolso e preencheu uma folha.

— Você receberá esta importância no dia do casamento e outra igual no aniversário de um ano.

Os olhos de Dee quase saltaram das órbitas. Cinco mil libras. No total, seriam dez mil.

—Está brincando comigo, não?

Os escoceses não brincam com dinheiro. Quer me pagar dez mil libras apenas para que me case com você de mentirinha?

Acha que estou oferecendo demais? Dee pensava que sim, mas não respondeu.

—Quantos anos você tem?

—Trinta e quatro.

—Não acha que as pessoas farão comentários sobre nossa diferença de idade?

—Por dez mil libras, espero que mude sua imagem. — Ele não deu explicações, mas os olhos fixos nos três brincos que enfeitavam a orelha direita de Dee e em seus cabelos curtos e espetados não davam margem à dúvidas.

Dee não teria problemas nesse sentido. Não gostava de se vestir e de se

comportar como uma *punk*. Assumira essa aparência porque cabelos longos e roupas femininas atraíam por demais os homens.

— Eu até poderia mudar minha imagem, mas vamos ser realistas. Acha que sua família e seus amigos acreditarão que somos compatíveis?

Nunca, Baxter pensou. Até mesmo sua irmã que vinha insistindo havia anos para que ele se casasse, não aprovaria sua escolha.

—Não dizem que os opostos se atraem? — Baxter caçoou. — Não se preocupe. Isso não será problema. Cuide apenas de comprar umas roupas condizentes. Se necessário, posso lhe adiantar uma parte do pagamento.

—Saías de *tweed* e *blazers* de lã?

—Você escolhe.

Dee não respondeu por um longo tempo. A proposta parecia ser séria. Não havia como negar. E ela não tinha nada a perder.

—O que me diz? — Baxter quebrou o silêncio.

—Não sei.

—Talvez esteja pensando no futuro e em um casamento de verdade com outro homem. Isso tampouco será problema. Eu assumirei todas as despesas com o divórcio.

—Essa questão não existe. Não pretendo me casar de verdade.

—Nunca?

—Jamais — ela disse com convicção.

—Não me diga que não gosta de homens — Baxter provocou-a.

—Isso não vem ao caso. Sou contra o casamento.

—E a única mulher que já conheci que não sonha com sinos de igreja. Onde esteve durante toda minha vida?

Dee encarou-o.

—Pensei que não se interessasse por mulheres.

Era preciso encerrar esse assunto pela raiz, Baxter pensou.

—Enganou-se.

—Então você não é *gay*?

—Pode apostar que não.

Algo na inflexão de voz e no brilho do olhar fez Dee acreditar na informação. E isso, ao contrário do que deveria, deu-lhe um imenso alívio.

—Por que sustentou o mal-entendido até agora?

—Foi você quem interpretou mal as minhas palavras. Eu apenas disse que não estava interessado em garotinhas. Prefiro mulheres mais maduras.

A explicação deixou Dee confusa.

—Por que me escolheu, então? E por que quer se casar?

—E difícil explicar.

Dee, impaciente por natureza, precipitou-se a outra conclusão.

— Para receber alguma herança? Alguém impôs essa condição para lhe doar seus bens?

A jovem era esperta. Baxter cogitou em dizer a verdade. Mas poderia confiar em uma desconhecida?

— No momento, não posso lhe fornecer nenhum detalhe. Repito apenas que seria um casamento de conveniência.

O reforço da explicação não era necessário, Dee havia entendido o recado. Ele não sentia a menor atração por ela.

Baxter estava fitando-a com expectativa. Não havia mais como adiar sua decisão.

—Eu teria de levar Henry.

—Claro que sim. Ele parece ser um animal obediente. Gosta de andar de trem?

—Nós iremos de trem... se eu concordar?

Baxter fez um movimento afirmativo com a cabeça.

—Faz pouco que voltei de Kirundi e ainda estou sem carro.

—Você esteve em Kirundi? — Dee sempre lia os jornais expostos nas bancas e recolhia aqueles que alguns passageiros abandonavam na estação do metro. Estava a par da guerra civil que assolara o país africano.

—Nos últimos dois anos.

Ela engoliu em seco. Baxter deveria ter vivido um inferno nesse período.

—Pretende voltar?

—Não.

Ele parecia indiferente, mas, por uma fração de segundo, ela viu dor naqueles olhos e soube que não deveria fazer mais nenhuma pergunta a respeito.

— Aceitei um convite para trabalhar com pesquisas médicas na Universidade de Edinburgh.

Dee refletiu por um minuto.

— Está bem. Diga-me a que horas pretende pegar o trem e eu o encontrarei na estação.

Baxter estava tão certo de que Dee não concordaria com sua proposta que a resposta o deixou sem fala por um instante.

—Você irá?

Dee chamou-se de maluca ao mesmo tempo que fazia um movimento afirmativo com a cabeça.

—Sim, por que não?

Ainda sem saber o que fazer, Baxter sorriu. Dee, por sua vez, resolveu ir embora para não correr o risco de mudar de ideia.

— Se ainda não definiu a data nem o horário, ligue depois para Rick. Ele me dará o recado.

Baxter endereçou um olhar para o dono do café e franziu o cenho. O sujeito não lhe parecia confiável.

—Não seria mais fácil eu apanhá-la de táxi?
A sugestão horrorizou-a.

— No prédio abandonado? De jeito nenhum. Ou nos encontramos na estação ou nada feito.

Baxter percebeu que Dee não queria que ele conhecesse o lugar onde morava. Não pressionou-a. Em vez disso, tirou o passaporte do bolso e entregou-lhe. Conforme esperava, Dee folheou-o. Era um passaporte antigo. Baxter estava bem mais novo na foto. O nome completo era Baxter Mac-Farlana Ross. Profissão: médico. País de Origem: Bangkok.

—*Bangkok* — ela exclamou. — Na Tailândia?

—Meus pais eram missionários — Baxter explicou. — Estavam tentando converter o povo do sudeste da Ásia quando nasci.

—Cresceu lá também?

—Em muitos lugares, mas principalmente na Escócia, onde viviam meus avós.

—Morou com eles?

Quando não estava no colégio interno.

Isso explicava muito a ausência de sotaque, Dee pensou. Ou melhor, o inglês perfeito que Baxter falava e que lhe chamara a atenção ao conhecê-lo. Baxter falava como um estrangeiro que aprendera o idioma nas melhores escolas.

—Seus pais estão morando agora em Edinburgh? — Dee continuou e sentiu-se aliviada quando Baxter respondeu que não. Bancar a esposa dedicada e apaixonada para um casal de catequistas estava fora de cogitação.

—Eles morreram quando eu tinha doze anos.

—Sinto muito — Dee apressou-se a dizer, arrependida pelos pensamentos pouco cristãos.

—Aconteceu há muito tempo. Para ser franco, eu mal os conhecia. Minha única família agora é minha irmã, meu cunhado e minha sobrinha.

—Vocês são íntimos.

—Sim e não. Nossas casas são próximas, mas eu vivi fora do país por um longo tempo. E você? Tem irmãos?

—Não, sou filha única. Meus pais, como muitos casais ingleses, resolveram seguir a política chinesa de gerarem apenas um filho para terem condições de lhe dar tudo.

—E você ganhou tudo que queria? — Baxter perguntou, mais uma vez perplexo

com aquela garota cheia de mistérios.

—Lógico! — ela ironizou. — Como pode ver, janto todas as noites nos melhores restaurantes e só visto roupas de grife.

Ao olhar de impaciência de Baxter, Dee calou-se e fez um movimento com os ombros. Ele deveria entender como quisesse.

Realmente fora mimada no sentido material. Ao menos até o dia que decidiu sumir de casa para depois voltar cabisbaixa e faminta após perambular durante semanas pelas ruas de Londres.

Baxter esperou até que Dee lhe devolvesse o passaporte.

—Agora que sabe quem eu sou, concorda em me dar seu endereço?

—Só porque provou que é um *doutor*?

—Está bem. Não irei insistir. — Baxter escreveu algo em um guardanapo.

—Hotel Continental — Dee leu. — Impressionante. Baxter continuou a escrever sem se importar com o tom de ironia. — Esteja na recepção amanhã às nove e faremos algumas compras, certo?

Dee assentiu de olhos baixos. Já estava em dúvida quanto à resolução tomada. Não seria a primeira vez que uma garota se meteria em confusão após se envolver com um estranho, por mais respeitável que parecesse.

Baxter observou-a em silêncio enquanto se levantava, agradecia pela refeição e se afastava com o cachorro. Não era um tolo. O mais provável seria eles nunca mais se encontrarem.

— Não seja ingênua — Dee falou consigo mesma ao sair para a rua. — Não vá ao encontro. Por mais maravilhosa que soe a proposta, nada é de graça na vida.

Seguiu pelas ruas procurando não pensar mais nem em seu futuro nem em seu passado. Diante do prédio onde estava morando temporariamente, olhou para o alto. Estava escuro. O local parecia abandonado. Mas ela tinha certeza de que havia outras pessoas abrigadas ali.

Com cuidado para não ser vista, subiu dois andares. Olhou para a direita e para a esquerda antes de soltar a tábua que fechava a parte de baixo da janela. Em seguida espremeu-se pelo vão e puxou Henry. Colocou a tábua de volta e prendeu-a com um tijolo. Só então acendeu a lanterna e foi até o esconderijo, sob a pia, onde guardava as velas e fósforos.

Dormia no quarto dos fundos onde o último ocupante deixara um velho colchão. Estava sujo e manchado, mas era melhor do que um assoalho duro. Possuía um saco de dormir, mas deixara-o junto com algumas roupas em uma lavanderia e eles ficariam prontos apenas no dia seguinte.

Fazia três meses que vivia assim e já estava começando a se acostumar com as dificuldades. Depois de conhecer Baxter Ross, contudo, sua mente estava tentando lhe cobrar uma reavaliação de sua vida.

Olhou-se ao pedaço de espelho sobre a pia do banheiro e a imagem que viu foi a de um rosto pálido com olheiras. Aqueles que a conheceram no passado e a chamavam de bonita, mudariam de ideia, com certeza. Não havia perspectivas em seu futuro. Exceto a proposta de Baxter Ross. Se a aceitasse, estaria vivendo uma mentira. Por outro lado, o que tinha a perder? Sua própria mãe não estava cercada de mentiras havia anos?

Quando seu pai morreu, sua mãe sofreu muito. Foi uma surpresa, portanto, quando, após alguns meses, começou a sair com Edward Litton. O relacionamento chocou-a no início, por considerá-lo uma traição ao pai, mas com o decorrer do tempo, aceitou Edward e ele também a aceitou.

A cerimônia foi bonita, mas a vida em comum logo provou não ser tão boa quanto esperavam. Sua mãe era uma mulher linda, mas insegura e depressiva, e Edward não era um homem paciente.

Algumas vezes, Dee chegou a sentir pena de Edward por seu desencanto com o casamento e temeu um divórcio. Mas a situação foi contornada e o casal resolveu manter as aparências.

Dee aprendeu a gostar de Edward. Ele tornou-se, inclusive, mais seu amigo do que a própria mãe. Dava-lhe dinheiro para comprar roupas jovens, quando sua mãe insistia em ignorar seus catorze anos. Foi Edward quem lhe deu permissão para ir à discoteca pela primeira vez e que a apoiou quando soube que ela havia experimentado seu primeiro cigarro.

Na opinião de Edward, Dee não precisaria ter estudado em um colégio interno, mas sua mãe fez questão de uma educação completa e em uma das escolas mais tradicionais do país, em Hampshire.

Apesar do ambiente tenso que existia em sua casa, Dee esperava com ansiedade pelas férias.

No ano que completou dezesseis anos e que foi passar o Natal e o Reveillon em casa, Edward lhe comprou um vestido branco curto que a fez sentir-se mulher. E o mesmo deveriam ter pensado os garçons e convidados, pois ninguém fez nenhum comentário ao vê-la se servir de vários copos de vinho. Mais alegre do que embriagada, Dee dançou a noite inteira com um jovem, chamado James e experimentou seu primeiro beijo, sob uma árvore, no jardim.

Não aconteceu nada de reprovável entre ela e James, mas Edward tirou outras conclusões ao vê-los abraçados no escuro. Expulsou o rapaz e ofendeu-a. Por mais que ela tentasse explicar que não fizera nada de errado, Edward não a ouviu. Também havia bebido muito aquela noite. Mas o que no início pareceu uma briga entre pai e filha, mudou de aspecto quando Edward afrouxou a pressão em seus braços e passou a acariciá-los.

Em pânico, Dee recuou. Edward deu um passo e quis beijá-la. Ela lutou até se

desvencilhar e correu para a casa. Pretendia contar o sucedido à mãe, mas Edward foi mais rápido. Disse que Dee havia bebido além da conta e flertado com vários jovens durante a festa, inclusive com ele. Levou o caso na brincadeira, afirmando que era algo normal na adolescência. Assim, quando Dee procurou a mãe, ela se recusou a ouvi-la.

O problema não se repetiu durante as férias. Dee tentou esquecer a noite de Reveillon e voltou para o colégio. Nas férias seguintes, porém, Edward tentou novamente beijá-la.

O que poderia fazer? Ameaçava contar para sua mãe e Edward prometia comportar-se. E se contasse a ela, tinha certeza de que Edward torceria a verdade e a culparia.

O problema atingiu o auge no dia que Edward apareceu na escola de surpresa e pediu à diretora licença para levá-la para almoçar. O que ela poderia dizer diante de um homem que parecia um modelo de pai? Não poderia nem sequer recorrer a sua melhor amiga que vivia sonhando de olhos abertos com o amor e que considerava seu padrasto um homem muito sexy.

A única saída que lhe veio à mente foi provocar um acidente. Assim, quando subiu a seu quarto para pegar um casaco, caiu de propósito na escada e rompeu os ligamentos do joelho.

A visita do padrasto à escola foi a última gota para Dee. Ela esperou que o joelho sarasse e os exames terminassem e comprou uma passagem para Londres. Tinha planos de se hospedar em um hotel barato até encontrar um emprego. Passaram-se quase dois meses e o dinheiro acabou sem que ela conseguisse uma colocação. Sem poder continuar pagando pela hospedagem, dormiu três noites na porta de uma loja. Na quarta, a polícia levou-a e descobriu que estava desaparecida.

Quando sua mãe e Edward foram buscá-la, a impressão que Dee teve foi a de que tudo ficaria bem. O padrasto abraçou-a como fazia quando era criança, de um modo natural e preocupado.

Em seu aniversário de dezessete anos, deram-lhe uma grande festa e a cobriram de presentes.

A felicidade durou oito meses e poderia ter durado mais se ela prolongasse a tática. Em vez de passar as férias em casa, pediu para fazer uma viagem com as amigas.

Seu erro foi visitá-los na Páscoa. Nessa ocasião, Dee decidiu dar um basta ao problema. Agora era dona de sua própria vida. Não tinha mais um lar, nem uma família. Podia fazer o que quisesse e ir para onde desejasse. Podia se casar e receber um dote de dez mil libras. Baxter Ross parecia um homem decente.

Por que não?

CAPITULO III

Dee passou a noite virando-se de um lado para o outro sem conseguir dormir. O cansaço só conseguiu vencê-la aos primeiros raios do sol. Quando acordou, o calor era intenso. Não precisava nem sequer consultar o relógio para saber que era tarde demais para o encontro no hotel que estava marcado para as nove horas. Foi assim mesmo e levou Henry consigo.

Sua entrada não foi permitida no hotel. Mas depois dos protestos de que estava sendo esperada pelo dr. Ross, o porteiro acabou concordando em ligar para o apartamento dele. A resposta, como não poderia deixar de ser, foi que o dr. Ross já havia saído.

A culpa era inteiramente de Dee, mas isso não impediu que ela ficasse zangada por Baxter não tê-la esperado. Havia gastado seus últimos centavos com a condução. Como estava sem a flauta, foi obrigada a fazer o que mais detestava: mendigar.

Ao conseguir o suficiente para voltar para casa, tomar um chá com um pãozinho e comprar uma lata de ração para Henry, Dee seguiu para o restaurante de Rick,

Se imaginara que o dia não poderia ficar pior do que estava, foi obrigada a mudar de ideia. O prédio onde estava abrigada fora isolado e muitos cartazes colocados anunciando que a demolição ocorreria em dois dias.

Dee correu para o local, ansiosa por recuperar seus poucos pertences. Quando conseguiu encontrá-los, respirou aliviada. Sabia que não poderia contar com aquele teto por muito tempo. Só não calculara que o tempo fosse tão curto. Sentou-se no colchão e escondeu o rosto nas mãos.

Como pudera deixar escapar uma chance como a que o médico lhe dera?

Horas deveriam ter passado quando um barulho chamou sua atenção. Vinha do outro extremo do andar onde estava e parecia que alguém estava arrancando tábuas. Provavelmente era o pessoal da empresa de demolição certificando-se de que o prédio estava desocupado.

Para não ser vista, Dee saltou por uma abertura no piso para o terraço de baixo. Puxou Henry em seguida, mas ele não obedeceu. O barulho estava cada vez mais próximo. Em pânico, tornou a puxá-lo. Henry latiu em protesto.

Uma voz a chamou. Com o coração aos saltos, Dee tentou correr. A manga do casaco ficou presa a um prego. Sem condições de se soltar com calma, puxou-a. O tecido rasgou e a costura da manga foi desfeita. Não se importou com isso. Não podia ser apanhada.

Os passos estavam mais e mais próximos. Pôs-se a correr. Olhou rapidamente para trás e viu um homem alto perse-guindo-a. Com o susto, desequilibrou-se e

caiu de bruços.

O homem impediu que se levantasse. Quando a fez virar, ela lhe deu um tapa, movida pelo instinto de defesa.

Aconteceu muito rápido. O tapa já havia sido dado quando viu quem ele era.

—Baxter!

—Calma! Não vou lhe fazer nenhum mal.

—Então solte-me!

—Desculpe se a machuquei. Caí em cima de você ao tentar segurá-la.

—De que adianta pedir desculpa?

—O que mais posso fazer?

—Levantar-se!

—Promete não me atacar novamente?

Ela? Atacá-lo?

—Está bem.

Dee não estava mais com medo. Havia algo em Baxter que transmitia segurança. Por outro lado, havia machucado o joelho por causa dele e seu humor não era dos melhores.

—O que veio fazer aqui, afinal de contas?

—Procurar você e me certificar de que realmente não pretende cumprir sua parte em nosso acordo.

Dee poderia ter explicado a verdade naquele momento, mas a raiva que a dominava não permitiu.

—Como me encontrou?

—Seu amigo me forneceu o endereço.

—Rick não é amigo de ninguém. Quanto pagou a ele?

—Vinte libras.

—Você foi roubado. Rick seria capaz de vender a mãe por cinco.

—Está enganada. Cusei a convencê-lo de que minhas intenções eram as melhores.

—Já entendi. Você contou a ele sobre nosso compromisso.

—Não exatamente. — Baxter deu um sorriso que sugeria o absurdo da situação. — Eu disse que você era minha sobrinha desaparecida.

—Que original! — Dee caçoou. — A mesma história que contou aos guardas. Por acaso mencionou o nome Morag?

—Fui obrigado. Não sei seu nome.

—Deborah DeCourcy.

—Invente outro — Baxter respondeu com uma risada.

—Esse é meu nome.

—Está bem, Deborah. Farei de conta que acredito.

—Não me chame assim.

—Não afirmou que é assim que se chama?

—Não gosto desse nome. E você ainda não respondeu minha pergunta. Por que veio me procurar?

Baxter abriu a carteira e tirou as duas metades das notas que faltavam.

—Para lhe dar isto. Achei que iria precisar.

O inesperado do gesto deixou-a sem fala por um momento.

—Obrigada.

Dee se levantou em seguida e mancou ao tentar andar.

—Quer que eu examine? — Baxter ofereceu.

—Para quê? O que poderá fazer?

—Sou médico, lembra-se?

Ela havia se esquecido, mas mesmo que se lembrasse, não o considerava *seu* médico. Não respondeu.

—Se prefere que a leve a um pronto-socorro, basta dizer. Sou forte. Posso carregá-la.

Dee continuou calada. Baxter esperou alguns minutos. Por fim, suspirou e começou a se afastar.

—Ei! Não vai me deixar aqui, vai? — Dee chamou-o.

Ele virou-se, com as mãos nos bolsos do casaco.

—Eu ofereci ajuda. Pensei que não a quisesse.

Dee resmungou e tentou andar. No segundo passo, cambaleou. Baxter resmungou também e voltou para junto dela. Sem dizer nada, ergueu-a nos braços.

O gesto foi tão inesperado que Dee prendeu o fôlego. Era espantosa a facilidade com que Baxter caminhava com ela em seu colo. Por mais que se esforçasse para não sentir o calor que se desprendia daquele peito, não foi bem-sucedida. Sensações estranhas percorreram-lhe o corpo.

—Aonde está me levando? — Dee perguntou quando Baxter se encaminhou para a rua e não para seu abrigo.

—Há um ponto de ônibus aqui perto. Poderá me esperar lá, sentada, enquanto busco o carro.

Carro? Que carro? Eles não iriam para a Escócia de trem? E se a história do casamento e das dez mil libras fosse uma mentira? Quanto mais Dee pensava a respeito, mais absurda lhe parecia a situação.

Por outro lado, mesmo que Baxter fosse um mentiroso, ele não lhe despertava medo. Seu medo, aliás, depois que ele a deixou no ponto do ônibus, foi o de que não voltasse.

Foi um alívio ver um carro parar e Baxter abrir a porta. Ele enlaçou-a pela cintura e ajudou-a a entrar no veículo. O selo da companhia de aluguel era um

sinal de que não havia motivos para dúvidas.

— Vou levá-la a um pronto-socorro.

— Irei amanhã.

—Não seja tola. Não conseguirá ir sozinha.

—Antes preciso voltar ao local onde estou morando.

—Para quê? Deixou algum namorado a sua espera?

—Deixei meu cachorro! — Dee exclamou, zangada.

—Oh, sim. Henry.

— Não posso abandoná-lo — Dee declarou, surpresa que Baxter lembrasse do nome.

—Fique aqui. Eu irei buscá-lo.

—Tenha cuidado. Henry pode estar um pouco nervoso.

—Ou seja, talvez morda.

—Talvez — Dee confirmou.

—Obrigado pelo aviso — Baxter respondeu e se afastou.

Dee ficou olhando a figura alta e elegante que caminhava em direção ao prédio. Um arrepio de frio a sacudiu. Cruzou os braços sobre o peito na tentativa de se aquecer. Mas esqueceu-se do frio ao ouvir latidos. Henry parecia muito nervoso. Os latidos aumentaram. Depois, contudo, de ouvir um barulho de tábuas sendo arrancadas, fez-se silêncio. O que estaria acontecendo?

Alguns minutos depois, Baxter e Henry saíram do prédio. Baxter estava carregado. Abriu a porta de trás e ajudou Henry a subir. Depois, guardou o estojo com a flauta e a mochila no porta-malas.

Dee olhou para Baxter com incredulidade.

—Você trouxe minhas coisas! Ainda quer me levar consigo para a Escócia?

—Não. Acho melhor esquecermos nossos planos.

— Por quê, então, está se dando ao trabalho de me ajudar?

—: Eu poderia responder que estou ajudando-a por um senso humanitário, mas acho que você não entenderia. Prefiro responder que estou fazendo isso para não ser o primeiro suspeito caso você acabe nas mãos de um criminoso qualquer.

—Muito engraçado — Dee resmungou. — Está tentando me assustar?

—Sim, e espero ser bem-sucedido.

Baxter não sabia o que estava acontecendo com ele. Se tivesse juízo, levaria Dee para um hospital e se despediria para sempre. A garota só lhe dera problemas desde o instante que a encontrara. Mas como ignorar alguém que tremia de frio a seu lado?

—Você não tem um casaco? — perguntou ao ouvi-la batendo os dentes.

—Eu o estraguei em um prego. Deve tê-lo visto.

—Seu cachorro estava brincando com um pedaço de pano. Pensei que fosse um

velho tapete.

De repente, ao passarem por uma fábrica abandonada, Baxter parou o carro. Dee colocou a mão automaticamente no trinco da porta. Baxter desabotoou o próprio casaco e tirou-o.

— Vista-o.

Dee pensou em devolvê-lo, mas se conteve. Seria uma atitude infantil.

— Qual é o hospital mais próximo? — Baxter indagou.

— O St. Thomas.

Ele usou o celular para se informar sobre o endereço. Avisaram que o pronto-socorro estava lotado e que o atendimento seria demorado.

Dee consultou o relógio do carro. Passava das onze horas.

— Olhe, meu joelho já não está doendo tanto. Por que não me deixa no prédio e amanhã eu cuido dele?

— Não seria uma boa opção. Precisei arrancar todas as tábuas para conseguir tirar seu cachorro. O lugar está sem nenhuma proteção.

— E agora? Para onde irei?

— No momento, um hotel seria o mais indicado.

— Acha que eu iria para um hotel com você?

— Eu me referi a um hotel, não a uma cama — Baxter retrucou. — Não seja convencida.

Dee sentiu que corava. Era óbvio que Baxter não sentia a menor atração por ela. Como pudera se esquecer disso?

— Não tenho dinheiro.

— Eu tenho. Alguma preferência?

Dee não conhecia nenhum hotel na cidade.

— O Continental.

Não foi uma sugestão. Jamais lhe passaria pela cabeça hospedar-se em um hotel luxuoso no centro de Londres.

— Por que não? — Baxter respondeu com um sorriso. — Desde que tenham quartos separados? Pegue o cartão em minha carteira.

Dee olhou para o jeans surrado e para a camiseta suja.

— Não estou vestida para ir a um lugar como aquele.

— Eles não barrarão sua entrada, acredite. A carteira está no bolso interno do casaco. Ligue você mesma. Assim terá certeza de que eu não pedirei quartos com comunicação.

A expressão que Dee viu nos olhos azuis de Baxter afastou seus últimos temores. Por outro lado, não era agradável saber que não despertava nenhuma atração em um homem como aquele.

Dee abriu a carteira e notou várias notas e recibos.

—Quanto tempo ficou hospedado no Continental?

—Três dias.

—Deve ser rico para arcar com tantas despesas.

—Não sou rico, mas depois de viver dois anos em Kirundi, achei que merecia um pouco de comodidade.

Sob esse aspecto, Dee achou que Baxter tinha razão. Mas não gostava da ideia de ele gastar com ela.

— Por que não vamos a outro hotel? Eu estava apenas brincando quando sugeri o Continental. Basta uma cama e um café da manhã. E um lugar para Henry.

—Quer economizar para mim? — Baxter perguntou, divertido.

—Não creio que ganhe muito trabalhando por caridade.

—Acertou, mas tenho o suficiente para mais uma noite no Continental. E como já estamos perto, é melhor você ligar.

Dee concordou, mas quando a ligação foi completada, passou-lhe o celular.

Baxter explicou rapidamente que havia deixado o hotel pela manhã, mas que precisaria de duas acomodações por mais aquela noite. Dee ouviu-o pedir dois quartos de solteiro, depois dois de casal. Pelo jeito dele, adivinhou que não havia vagas.

— Sim, está bem — ele concordou com alguma outra sugestão depois que confirmaram que Henry também seria acomodado.

Dee esperou que Baxter fizesse algum comentário sobre a reserva. Como ele não disse nada, dúvidas voltaram a assaltá-la. Sabia que a proposta de casamento não era mais válida. Por quê, então, ele a estava levando para um hotel?

Examinou-o furtivamente enquanto seguiam pelas ruas da capital. Era bonito demais. As mulheres deveriam se apaixonar por ele a um simples estalar de dedos.

— Só há uma suíte disponível — Baxter falou apenas quando parou o carro diante do hotel. — Não precisa entrar em pânico. Não pretendo pedir que a dívida comigo. Eu a deixarei lá, pagarei a diária e irei para outro hotel. Está bem para você?

— Ótimo.

Baxter fez exatamente o que disse. Tirou as coisas dela do carro, ajudou-a a entrar no hotel e pagou a diária adiantado.

Se o recepcionista estava curioso com o aspecto da nova hóspede, não deu demonstração. Sua atitude foi gentil quando pediu que um carregador levasse sua pouca bagagem para o quarto. E continuou gentil quando Baxter pediu que ele ligasse para outros hotéis a fim de verificar sua disponibilidade.

Baxter sentou-se enquanto esperava. Parecia calmo. O mesmo não estava acontecendo com Dee. E se o recepcionista não encontrasse nenhuma acomodação?

— Eu a acompanho até o elevador — Baxter ofereceu. — Depois levarei Henry para o canil atrás da cozinha. Você ficará bem? — Ele indicou a perna.

Dee fez um movimento afirmativo com a cabeça. O joelho estava doendo, mas não queria se queixar. Já estava devendo favores em demasia.

A porta do elevador, fez menção de tirar o casaco que Baxter lhe emprestara.

—Você tem outro?

—Não.

—Então fique com ele.

Dee não recusou. Quando voltasse para a rua, precisaria de um casaco. Em seguida, Baxter ofereceu-lhe dinheiro. Dessa vez, ela não aceitou.

—Obrigada. Já fez o bastante por mim. Darei um jeito.

Ela tentou imprimir segurança à voz. Deveria ter conseguido, pois Baxter fez um movimento com a cabeça e virou-se de costas para ir embora. Mas algo a fez chamá-lo.

—Baxter?

—Sim?

—E tarde. E se você não conseguir um quarto?

Ele ergueu os ombros.

—Provavelmente seguirei esta mesma noite para a Escócia.

— Precisa descansar. Se alugou uma suíte, significa que há um quarto e uma sala. Um de nós poderia dormir no sofá.

Baxter demorou a responder.

— Por que isso agora? Pensei que não confiava em mim.

—Não confio em ninguém. Mas se quisesse me fazer mal, não lhe faltaram oportunidades.

—Com certeza.

—Então?

— Você ficará com o sofá — ele disse subitamente e sorriu.

Ela retribuiu o gesto, pela primeira vez.

—Nada disso. A cama é minha. Acho que a mereço após dormir no chão por três meses.

—Está bem. — Baxter esperou que Dee entrasse no elevador. — Subirei em dez minutos.

Antes que a porta fechasse, Baxter notou uma expressão de dor no rosto de Dee.

— Não. Subirei agora mesmo e darei uma olhada em sua perna.

Dee teria protestado se Baxter lhe desse uma chance. Mas ele a segurou pelo braço e assim que chegaram ao último andar, acompanhou-a pelo corredor.

Um perfume de rosas inundava o ambiente. Dee olhou ao redor e viu uma

garrafa de champanhe em um balde de prata e duas taças.

—É a suíte nupcial — murmurou.

—Sim. Foi cancelada. Um dos noivos deve ter desistido antes de subir ao altar — Baxter explicou.

—Um deles recuperou a razão em tempo — Dee observou.

—Alguém já lhe disse que é cínica demais para sua idade? — Baxter caçoou.

—Obrigada — Dee respondeu como se tivesse recebido um elogio.

Baxter sorriu. A jovem era inteligente e determinada. Estava com dores, obviamente, mas não se queixava. Ao lembrar-se disso, ele assumiu sua postura de médico.

—Vá para o quarto e tire o jeans.

—O quê? — Ela arregalou os olhos.

—A cama é mais alta do que o sofá. Poderei examiná-la com mais facilidade. Se estivesse de vestido, eu não pediria para tirá-lo. De que modo espera que eu examine sua perna?

A resposta a fez sentir-se uma tola.

—Certo.

Dee foi para o quarto, sentou-se na cama e tirou o casaco, depois os sapatos e as meias. Estava começando a tirar o jeans quando Baxter entrou.

Ele não pareceu se importar. Afinal, deveria estar acostumado a ver mulheres nuas. Ajoelhou-se e ajudou-a a despir-se. Depois examinou cuidadosamente o joelho. Estava inchado e deveria doer muito, mas não constatou nenhuma fratura.

—Ao menos não está quebrado — ele disse: — Eu o enfaixarei por esta noite e amanhã a levarei para tirar uma radiografia.

—Obrigada.

—Também lhe darei um antiinflamatório e um analgésico. E alérgica a algum tipo de medicação?

Dee negou com um movimento de cabeça. Baxter estava se portando como um médico, mas ela estava ansiosa por vestir novamente a calça.

— Enquanto isso, repouse. — Ele cobriu-a, mas o frio do lençol a fez tremer. No mesmo instante, Baxter tocou-lhe a testa. — Voltarei em seguida.

Sozinha, Dee virou-se na cama e viu seu reflexo no espelho. Estava exausta. Fazia meses que não se deitava em uma cama e dormia sem medo.

No dia seguinte teria de tomar uma decisão: voltar para as ruas ou para casa. Nenhuma das alternativas a seduzia.

Fechou os olhos. Estava cansada demais para raciocinar. Estava tão cansada que nem sequer a dor no joelho a impediria de dormir.

Baxter encontrou-a adormecida. Colocou os comprimidos e a faixa sobre a mesa-de-cabeceira e apagou a luz. Tocou-a novamente na testa e suspirou de alívio ao constatar a ausência de febre.

Observou-a por um momento. Com os olhos fechados, Dee parecia ainda mais bonita.

CAPITULO IV

Dee acordou no meio da noite e viu Baxter de pé a seu lado, com o torso nu. Pestanejou.

— Não tenha medo — ele murmurou. — Ouvi-a chorar. Está sentindo dor?

Dee demorou a responder. Estivera chorando? Se assim fosse, não seria a primeira vez.

— Vou lhe dar um analgésico.

Dee sentou-se na cama enquanto Baxter pegava um copo de água no banheiro. Tomou o remédio e agradeceu.

—Desculpe se o acordei.

—Não estava dormindo. — Ele pegou o copo. — Posso examinar sua perna?

O tom formal contrastava com a intimidade da situação. Dee deu permissão. Baxter ergueu o lençol apenas o suficiente para descobrir a perna.

—O comprimido a aliviará por enquanto, mas amanhã teremos de drenar o líquido que se formou.

—Que sorte a minha!

—Prometo que não doera muito.

—Como sabe? Já passou por isso?

—Não, mas já cuidei de casos parecidos.

—A perspectiva é diferente, não acha?

—Talvez.

Dee sabia que a experiência não era das mais agradáveis. Não era a primeira vez que machucava o joelho.

—Henry está bem? — perguntou.

—Acho que sim. Dei-lhe um bom jantar.

Dee sentiu-se culpada. Deveria ter cuidado de Henry em vez de entregá-lo a Baxter. Estava confiando demais naquele quase desconhecido. Aliás, estava completamente à mercê dele naquele momento.

Baxter, porém, estava olhando para Dee com a experiência . adquirida pela profissão. A jovem estava pálida. Era o reflexo da má alimentação. Segurou-a pelo braço e mediu a pulsação.

Dee não fez objeção. O interesse de Baxter era o de um médico. Não a via

como uma mulher, como ela o via como homem. Aliás, a atração que estava sentindo por ele era tão poderosa que chocou-a.

—Seu pulso está acelerado — Baxter comentou por fim.

—Isso é normal em mim — Dee mentiu, corada.

—Deveria fazer um check-up — ele aconselhou.

—Não creio que seja necessário.

Baxter deu um sorriso.

—Não comigo e não agora. E se não precisa mais de mim, vou desaparecer.

—Boa noite.

Baxter dirigiu-se à porta. Antes de sair, estendeu o braço para o interruptor.

—Deixo a luz acesa ou apagada?

—Apagada. Obrigada, doutor.

Não era muito. Ela não tinha o costume de agradecer. Mas, daquela vez, o gesto foi sincero. Estava dando muito trabalho a Baxter. Ele devia estar contando as horas para o amanhecer e para se ver livre dos problemas que ela lhe trouxera.

Sob o efeito do analgésico, Dee adormeceu profundamente. Na maciez daquela cama e dos lençóis perfumados, poderia ficar ali por dias.

Em vez disso, foi acordada por uma batida à porta. Ignorou-a. Após outras duas batidas, ouviu-a sendo aberta.

—Está acordada?

—Não — resmungou e cobriu o rosto com o travesseiro.

Baxter abriu as cortinas e se colocou ao lado da cama.

—Como está se sentindo hoje?

Horrível, Dee pensou. Ao contrário de Baxter que exibia uma calça e uma camisa limpas e os cabelos úmidos do banho.

—Bem — respondeu, mas ao se mover e tentar se levantar, um esgar de dor surgiu em seu rosto.

—Não parece — Baxter murmurou e levantou o lençol para examinar o joelho.

Dee apressou-se a ajeitar a camiseta para esconder, ao menos, a calcinha.

— Precisamos radiografá-lo antes de mais nada.

Dee refletiu sobre o uso do plural. A essa altura, pensava que Baxter já estivesse a caminho da Escócia.

—Posso tomar um banho antes?

—Claro que sim.

Ele estendeu a mão, mas Dee preferiu tentar se levantar sozinha. Se Baxter não a segurasse, teria caído. Entreolharam-se. Em silêncio, Baxter sustentou-a pelo braço e a levou até o banheiro.

—Será melhor um banho de imersão.

—Acho que sim.

Ela esperava que Baxter a deixasse à porta. Em vez disso, ele tampou o ralo e abriu as torneiras.

—Como gosta?

—Quente.

—Consegue entrar na banheira sozinha?

—Sim, obrigada.

Baxter deixou-a. Dee ficou olhando a porta se fechar. Não havia necessidade de trancá-la. A falta de interesse de Baxter era tão óbvia que chegava a ofender. Mas também era compreensível. Em outros tempos, talvez fosse diferente, quando seus cabelos eram longos e a pele saudável.

Teve alguma dificuldade para entrar no banho, mas valeu a pena. Por cinco minutos, entregou-se ao prazer da sensação. Depois esfregou-se até que seu corpo adquiriu um tom rosado.

Saiu do banheiro enrolada em uma toalha, certa de que Baxter estaria na sala. Em vez disso, ele estava esperando-a no quarto, sentado em uma poltrona.

Olhou-a por um instante. Em seguida virou-se para a janela.

Dee apanhou uma calcinha e uma camiseta coral em sua mochila e vestiu-as.

—Daria para você enfaixar meu joelho? — Dee pediu.

—Claro. Sente-se. — Ele providenciou o curativo. — Não ficou muito bom.

—Está ótimo.

Baxter fitou-a.

— Você é uma paciente admirável. Não se queixa. Há quanto tempo está desabrigada?

Ela entendeu a que Baxter se referia. Ao fato de a vida pelas ruas tê-la endurecido.

—Três meses.

—Tanto assim?

—Faria ainda mais tempo se eu não tivesse voltado para casa da primeira vez que o dinheiro acabou.

—Então você tem urria casa para onde ir.

Baxter entendeu o silêncio de Dee como uma afirmação e continuou:

— Por que não volta? Não pode ser pior do que a vida que tem levado.

— Você não sabe do que está falando!

Subitamente zangada, Dee vestiu o jeans sem se importar com a presença de Baxter.

—Por que não me conta? — ele pediu após um minuto.

—Por que não usa sua imaginação?

Dee guardou a roupa suja na mochila, fechou-a e em seguida pegou o estojo

com a flauta. Encaminhou-se para a porta com relativa firmeza por causa da faixa. Baxter seguiu-a, pegou a mochila e colocou-a no chão.

—Não conseguirá andar cem metros desse jeito.

—Isso importa a você? — Baxter murmurou.

— Não — ele respondeu. — Mas seria uma tolice ir embora de estômago vazio quando a diária inclui o café da manhã.

O orgulho de Dee tentou discutir com a fome. Perdeu.

— Está bem.

Baxter percebeu que Dee se comportava como se estivesse fazendo uma concessão a ele. Quase sorriu.

—Depois vou levá-la a um hospital.

A caminho do hospital, Baxter não resistiu à curiosidade.

—Que tipo de emprego gostaria de arrumar?

—Francamente não sei, doutor. Não creio que teria muita chance sem referências e sem um endereço fixo.

—Eu não disse que seria fácil. Por que não tenta pelo menos? Eu lhe compraria uma roupa mais convencional e...

—Não, obrigada. Não é nada pessoal, mas não gosto de ser objeto de caridade. Ontem à noite foi o bastante.

—Por falar nisso, onde pretende dormir esta noite?

—Ainda não pensei a respeito.

—Não está preocupada?

Ela encolheu os ombros.

—Encontrarei um lugar.

Diante do hospital, Baxter desceu do carro e abriu a porta.

—Ficarei esperando aqui.

—Pensei que fosse seguir viagem.

—E Henry? Achou que eu o abandonaria amarrado a um poste?

—Desculpe — Dee murmurou, envergonhada.

—Procure a irmã Sullivan.

—Irmã Sullivan?

—Trabalhei com ela uma época.

Dee se dirigiu à recepção e perguntou pela freira. A funcionária encarou-a em silêncio por um instante. Depois pediu que preenchesse um formulário e aguardasse.

Cinco minutos depois, uma mulher de cerca de trinta anos chamou-a.

—É a amiga de Baxter?

—Mais ou menos — Dee respondeu. — Ele me instruiu para que a

procurasse.

—Queira me seguir, por favor.

Deram-lhe um avental e pediram que se despisse. Em seguida levaram-na para a sala de radiografia. Quando retornou, Baxter estava sentado no posto de enfermagem com a irmã Sullivan. Ambos riam. Dee sentiu-se incomodada com a visão enquanto era levada para um cubículo onde seria atendida por um dos médicos de plantão.

Baxter a procurou somente depois que o médico trouxe a radiografia para ser examinada.

—Por que não me avisou que já havia machucado o joelho anteriormente?

—Você não perguntou.

Baxter ignorou a atitude desafiadora e continuou a conversar com o outro médico.

— Alguma chance de interná-la para exames generalizados?

—Não creio que tenhamos vagas, mas darei uma olhada.

—Não quero ficar! — Dee protestou.

—Veremos — Baxter respondeu quando o outro saiu. — Agora me diga quando e como machucou o joelho pela primeira vez.

—Há um ano. Caí de uma escada.

—Está se tornando um hábito ao que parece. Quem a estava perseguindo daquela vez?

—Ninguém — Dee mentiu.

—Precisa cuidar desse joelho.

—Não quero ficar internada!

—De que outra forma pretende fazer repouso? Mancando pelas ruas?

— Pensa que sou uma tola, não?

— Não, apenas muito jovem.

Havia preocupação genuína nos olhos de Baxter. Dessa vez, ela não se atreveu a responder. Sabia que era jovem. Apenas não se sentia mais assim.

—Não tem nem sequer dezoito anos, tem?

—Farei aniversário em breve.

Não houve tempo para continuarem a conversa, pois o médico voltou acompanhado por uma enfermeira que o assistiria no tratamento.

Feita a infiltração e o curativo, a enfermeira ofereceu-se para ajudá-la a se vestir. E antes que Dee respondesse, viu-se com os seios à mostra diante de Baxter. Cruzou os braços e ele se apressou a sair. Um segundo depois, antes que vestisse sua camiseta, a irmã Sullivan surgiu e avisou que já estava sendo providenciado um leito para ela.

—Não, obrigada. Tenho certeza de que consigo andar.

—O dr. Walker quer verificar seu estado geral.

— A senhora está se referindo ao dr. Ross, é claro. Ele está ansioso para transferir seu problema a outra pessoa.

A freira pestanejou.

— Absolutamente. Ele está interessado em ajudá-la. Deveria seguir seu conselho.

Dee negou com um movimento de cabeça.

— Não posso. Tenho um compromisso. Poderia me ajudar a vestir o jeans, por favor?

A enfermeira ignorou o pedido.

—O médico decidirá, está bem?

Dee ficou sozinha por um instante. Do lado de fora, ouviu vozes. Entre elas, a da freira e a de Baxter.

—Quem é essa garota exatamente?

—Ninguém. Eu a recolhi das ruas.

Dee estava tentando vestir o jeans quando ele entrou.

—O que está fazendo?

—Quero sair deste lugar!

—Não se atreva! Está magra e pálida. Precisamos ter certeza de que não há nada de errado com sua saúde.

—E o que acontece quando se é ninguém!

—Você ouviu minha conversa com Mary Sullivan.

Zangada, Dee sentou-se outra vez e continuou se esforçando para vestir a calça que se recusava a passar pela faixa ao redor do joelho.

—Permita que eles façam ao menos um exame de sangue — Baxter aconselhou.

— No mínimo, você está anêmica.

—Não me importo. Quero ir embora.

Dee conseguiu se levantar, mas Baxter barrou-lhe a passagem.

—Com uma condição.

Sua vontade era empurrá-lo, mas estava exausta.

—Qual?

—Recusa-se a ficar no hospital e não está em condições de se cuidar. Portanto, ou irá comigo para a Escócia ou terá de voltar para casa.

—O quê? Ainda quer se casar comigo?

Baxter hesitou antes de negar com um movimento de cabeça.

— Acho que aquela foi uma das ideias mais insanas que já tive. Mas não vejo problema em cuidar de você por algumas semanas até que se recupere.

Caridade, em outras palavras.

—Irei para casa.

A expressão de Baxter era de alívio ao ajudá-la a descer da maca. Era óbvio que lhe fizera aquela proposta por um senso de dever. Ele não a queria realmente. Ninguém a queria. Exceto Edward.

Seu último dia em casa passou-lhe pela mente. Em seu entusiasmo, Edward não ouvira a porta da cozinha sendo aberta e não vira o rosto da esposa antes que dissesse:

— Como pôde?

O detalhe foi que sua mãe estava se dirigindo a ela, não ao marido. A dor fora insuportável. Nunca mais voltaria para casa. Dissera isso apenas para tranquilizar Baxter.

CAPITULO V

Não quero voltar para casa! — Dee repetiu pela terceira vez. — Por que não me escuta?

—Porque há dez minutos, você optou por isso. Era mentira, não?

—Era — Dee admitiu. Não imaginara que Baxter fosse levá-la de carro, mas deixá-la na estação.

—Bem, só nos resta a Escócia.

—De jeito nenhum! — Ela abriu a porta com o carro em movimento.

—Faça isso e acabará sem sua mochila e sem seu cachorro. Dee tornou a fechar a porta.

—Por que está se dando a esse trabalho? Não sou nada para você.

—Digamos que sou um sujeito obstinado. Então? Escócia ou sua casa?

—Nenhuma das duas.

Esgotada a paciência, Baxter breiou o carro e apanhou a mochila no banco de trás. Sem dizer nada, esvaziou-a sobre o colo de Dee e pegou o passaporte e a certidão de nascimento.

—Seu pai é médico? — perguntou, surpreso.

—Era. Ele morreu.

—E sua mãe é modelo?

—Foi.

—O sotaque das ruas era para dar mais realismo? Dee encolheu os ombros.

—Você não é pobre nem ignorante — Baxter continuou. — Sua família reside em endereço nobre. Ou residia. Por acaso se mudaram? Dee não respondeu.

— Willow Trees, Steeple Hartdean. Fica perto de Royston, em Hertfordshire. Baxter tornou a ligar o carro e a seguir. O silêncio estendeu-se por quase uma

hora.

—Você está perdendo seu tempo — Dee disse por fim.

—A que está se referindo?

—Willow Trees. Meu pai morreu. Minha mãe casou-se de novo. Nós nos mudamos.

Baxter não devia ter acreditado, pois continuou em frente.

—O que foi mais traumático, a mudança ou o padrasto?

—Nenhuma das alternativas. Nós nos mudamos para um palácio e meu padrasto era um príncipe.

O que era quase verdade. Edward era muito rico e a nova casa, uma mansão. Nunca lhe faltara nada na parte material.

— Ok. Vou levá-la a esse palácio. Preciso apenas do endereço.

Silêncio.

— Eu a levarei de uma maneira ou de outra. Se não facilitar meu trabalho, serei obrigado a investigar o local de seu nascimento e fazer indagações.

Baxter era esperto. Precisava encontrar um meio de vencê-lo.

— Se não me ajudar, direi às pessoas que você está sofrendo de amnésia e que o velho endereço é o único que consta em seus documentos.

Dee fitou-o de esguelha. Era evidente que não estava brincando.

— Vá em frente. — Resolveu blefar.

O problema era que Baxter não estava blefando. Estavam se aproximando rapidamente de Royston. E embora tivessem se mudado após a morte de seu pai, a mansão ficava no mesmo bairro.

Estavam perto de sua casa quando Baxter parou em um posto de gasolina e consultou o mapa que tirou do porta-luvas.

— Já resolveu se me dará o endereço ou se me obrigará a seguir pelo caminho da amnésia?

Dee suspirou. Não havia tempo a perder. Devia ser meio dia. Para conseguir uma carona de volta a Londres, precisaria estar claro.

Apontou para o mapa e seu estômago deu uma reviravolta.

—A casa é outra, mas o bairro é o mesmo. Steeple Hartdean.

—Que tipo de recepção está esperando? — Baxter perguntou, como se lesse sua mente, mais uma vez.

—Não creio que estejam ansiosos por me ver.

A resposta não o surpreendeu.

—Há quanto tempo foi embora?

—Desde a Páscoa.

—Quer me contar o motivo?

—Não.

Ele não queria saber realmente. Escolhera aquela jovem no metro para resolver seu problema, não para se envolver com os dela.

—Vou comprar uns sanduíches e abastecer o carro. Quer algo?

—Cigarros? — Dee arriscou.

—Eu me referi a algo de comer. Cigarro faz mal à saúde. Nunca ouviu falar?

Dee franziu o cenho. Por que Baxter insistia em tratá-la como se fosse seu pai? Ele não era velho. Ao contrário!

—Todos os médicos que conheço fumam. Meu pai fumava.

Edward também fumava. Ao descobrir que ela havia experimentado um cigarro, em vez de se escandalizar, passou a lhe oferecer os dele.

—Não entendo como pode gastar seu dinheiro em cigarros.

—Não gasto. De vez em quando, consigo um.

Fazia semanas que Dee não fumava. Não era uma viciada. Naquele instante, sentiu vontade de fumar por causa da ansiedade provocada pelo iminente reencontro com sua família.

Baxter desceu do carro e se afastou. Ela não esperava que seu desejo fosse ser atendido. Mas Baxter era imprevisível. Quando voltou, colocou um maço de cigarros e uma caixa de fósforos em seu colo.

Ela hesitou por um instante. Depois pegou um cigarro e colocou-o entre os lábios. Mas antes de acendê-lo, Baxter pediu que esperasse.

Sem entender, fez o que ele pedia. Baxter conduziu o carro para longe da bomba de gasolina e desceu.

— Dou-lhe cinco minutos.

Dee saiu do veículo antes de acender o cigarro. Baxter fizera-lhe um favor. Ou melhor, vários. Não seria certo poluir o ar que ele teria de respirar no interior do veículo.

Encostou-se ao capo e acendeu-o. Por sorte estava apoiada. A primeira baforada, sentiu a cabeça girar.

Baxter voltou em poucos minutos. Ao vê-la, deu um sorriso de censura.

—Não se cansa de ser perfeito? — ela o provocou, sem saber por quê.

—Confesso que sim. Dá trabalho.

O comportamento de Dee indicava nervosismo, Baxter notou. O que estaria acontecendo?

— Vamos? — Ele ligou o carro e prosseguiram rumo ao lugar onde Dee passara a infância. No tempo que seu pai era vivo, moravam em uma casa que também servia de consultório.

O bairro havia crescido nos últimos anos, mas ainda era pequeno o bastante para as pessoas se cumprimentarem ao se encontrarem pelas ruas.

Dee nem sequer piscou ao ver a escola onde estudara e a igreja que

costumava ir com os pais. Mas Henry deu sinais de reconhecer a região, latindo e abanando a cauda.

Dee estava rígida no banco.

—Vire à esquerda.

Passaram por um haras onde Dee tivera aulas de equitação. Dois quilômetros adiante surgiram as primeiras casas.

Estavam quase chegando. O coração de Dee batia forte no peito. Seria diferente dessa vez? Três meses de ausência a teriam tornado mais esperta para lidar com Edward?

Baxter não perdia nenhum movimento de Dee. Ela estava ansiosa. Ou seria medo o que lia em seus olhos? De que uma jovem esperta como aquela teria medo?

—O que está havendo? — ele quis saber.

Dee balançou a cabeça. Dissera a verdade uma vez e não acreditaram. Não estava disposta a cometer o mesmo erro.

—Não quero ir para casa. Você me leva de volta a Londres?

Baxter fez que não.

—Já chegamos.

—Estamos perdendo nosso tempo. Eles não querem me ver. Para que forçar a situação?

—Talvez você esteja certa, mas ao menos poderia mostrar a eles que está viva.

—Eu devia ter imaginado.

—O quê?

—Que você se colocaria no lugar deles.

—Devem estar preocupados. — Baxter parou o carro e fez menção de descer.

—Eu entrarei sozinha.

—De acordo.

Enquanto Baxter apanhava a mochila, Dee olhou ao redor. Suspirou, aliviada, ao ver o carro de sua mãe. O de Edward não estava por perto.

Desceu do carro e esperou. Assim que Baxter abriu a porta de trás, Henry saltou sobre o portão em uma demonstração de franca alegria pelo regresso.

— Obrigada pela carona — Dee despediu-se. — Não precisa me acompanhar. Tenho condições de subir sozinha os degraus.

Baxter sentou-se novamente atrás do volante e estava se preparando para ligar o carro quando seus olhos foram atraídos para uma loira à porta da frente.

Ela notou o carro, mas não parecia ter visto a filha. Ou, talvez, não a tivesse reconhecido por causa dos cabelos e da roupa.

Dee, obviamente, sabia que sua mãe a havia reconhecido no primeiro instante, e contou os segundos que foram necessários para ela se recobrar do choque.

—Deborah, querida!

—Olá, mamãe. — Dee encontrou-a no meio da escada e deixou-se abraçar.

—Graças a Deus você está bem. Fiquei muito preocupada.

—Ficou? — Dee achou melhor imitar a mãe em seu comportamento teatral.

—Lógico que sim. Você é minha filha. Vamos entrar, querida. Traga seu amigo também.

Dee seguiu o olhar da mãe e entendeu a razão do convite.

Baxter estava encarando-as ao mesmo tempo que vinha ao encontro delas.

—Prazer em conhecê-la — Baxter cumprimentou e estendeu a mão que Bárbara Litton apertou com um sorriso.

—Baxter me trouxe desde Londres — Dee explicou.

—Foi muito gentil de sua parte — a mãe agradeceu. — Fica para o chá?

—Ele está com pressa — Dee afirmou, mas Baxter não se importou com o tom de dispensa.

—Para uma xícara de chá, sempre há tempo.

A mãe tornou a sorrir. Dee percebeu que Baxter a havia conquistado com seu charme. Além disso, a presença de um estranho significava adiar uma conversa a sós.

Assim que a mãe se afastou para providenciar o chá, Dee puxou a manga da camisa de Baxter.

—Não quero que se envolva nisto.

Ele não queria, mas estava intrigado. O que poderia ter acontecido para que Dee preferisse passar fome pelas ruas de Londres a viver com a família naquela casa bonita e confortável?

— Não vai me convidar para entrar? — Baxter perguntou diante da porta. — Preciso colocar suas coisas em algum lugar.

Dee indicou o hall. Depois seguiu a mãe em direção à cozinha.

—Machucou a perna outra vez? — Só então a mãe notou. — Como foi?

—Não me lembro — Dee respondeu e estranhou que a própria mãe enchesse a chaleira com água. — Onde está Hetty?

—É seu dia de folga.

—Que pena! Eu gostaria de vê-la — Dee falou sem pensar.

—Por quê? Não pretende ficar?

O tom de voz poderia sugerir desapontamento, mas Dee conhecia bem a mãe. Era alívio que leu em seu rosto.

— Ainda não sei. Baxter me pediu em casamento. Ele tem um castelo na Escócia. Romântico, não?

Era uma grande mentira, mas algo a fez dizê-la. Baxter ergueu uma sobrancelha, pego de surpresa. Olhou para Dee como se perguntasse que espécie de

jogo ela estava fazendo, mas não a contradisse.

A mãe foi a primeira a quebrar o silêncio que se seguiu.

—É verdade? Vocês estão pensando em se casar?

Dee prendeu a respiração.

—O assunto foi discutido.

Bárbara não conseguiu disfarçar a perplexidade.

— Confesso que não sei o que dizer.

— Por que não experimenta nos dar os parabéns? — Dee sugeriu.

Bárbara sorriu, sem jeito. Não conseguia imaginar como um homem atraente e de aparência respeitável como aquele podia se interessar por uma jovem rebelde como sua filha.

—Eu... Como disse que se chama, sr...

—Ross — Baxter respondeu.

—Espero que compreenda, sr. Ross, que não sabemos nada a seu respeito e...

—Ele é médico — Dee informou. — Isso o coloca acima de qualquer suspeita, não? Ninguém pode acusá-lo de ser um oportunista, um mau-caráter.

O desconforto de Bárbara ficou patente quando ela começou a tocar repetidamente em seu colar.

—Dee, por favor. Mal chegou e já vai começar...

—Começar o quê, mamãe? — Dee não pretendia discutir, não na presença de outra pessoa, mas não conseguiu se conter.

—Desculpe. Não posso resolver esta situação sozinha. Preciso ligar para Edward.

Dee deu um sorriso quando a mãe se afastou. Ela não havia mudado nada.

—Não vai me contar o que está acontecendo antes que ela volte? — Baxter pediu.

—Não. Quero ir embora antes que meu padrasto chegue. Vou buscar Henry.

Dee saiu para o terraço dos fundos e Baxter seguiu-a, incrédulo. Como ela podia estar pensando em ir embora sem se despedir da mãe?

—Não tem intenção de fugir outra vez, tem? — Baxter segurou-a pelo braço.

—Não penso em outra coisa!

—Não pode fazer isso. Não sei o que houve entre vocês, mas ela ainda é sua mãe.

—Você deve estar com pena dela. Provavelmente está pensando que uma mulher adorável como Bárbara Litton não merecia ter uma filha como eu. Se soubesse a verdade...

—Conte-me.

—Você acreditará?

Baxter vacilou e esse foi seu erro.

—Foi o que imaginei. — Dee puxou o braço. — Agora, solte-me. — Ele demorou a atendê-la. Quando o fez, Dee encarou-o. — Leva-me de volta a Londres?

—Não.

—E para a estação ferroviária?

—Não. Antes você precisa resolver seu problema com sua mãe.

—Que espécie de médico é você? — Dee protestou. — Um psicanalista? Henry!

Baxter seguiu-a pelo jardim até o canil onde Henry descansava. Ela tornou a chamá-lo, mas o cachorro não se moveu.

Baxter notou o desapontamento no rosto juvenil. Era como se o último amigo a abandonasse.

—Deborah? — a mãe chamou do terraço.

Dee suspirou. Lá se fora a chance de escapar sem ser notada!

— Fique por mais uma hora e depois eu lhe darei uma carona — Baxter percebeu que estava travando uma batalha inútil. — Tomaremos chá, conversaremos com sua mãe e depois, se você ainda quiser ir, partiremos.

"Para onde?", Dee pensou. "Para debaixo de uma ponte? Já que estava em casa, não seria melhor ficar?" A lembrança da Páscoa a fez recuperar a coragem.

—Uma hora. Nem um minuto mais.

—Continuaremos com a farsa do casamento? — Baxter quis saber.

—Se você concordar... Será que minha mãe acreditará? Não parecemos um casal de namorados.

—Podemos tentar ser mais convincentes — Baxter sugeriu e abraçou-a pela cintura.

—Ei! O que está fazendo?

—Representando meu papel. — Ele fez um gesto em direção à casa e à mãe.
— Prepare-se para um beijo.

—Você faria isso por mim? — Dee perguntou, surpresa.

—Sim, se você quiser.

—Eu... não...

Antes que Dee pudesse raciocinar, Baxter beijou-a com uma ternura e com uma sensualidade que a deixou sem fôlego. Sem que percebesse, ela entreabriu os lábios. O beijo tornou-se ainda mais sensual.

Foi ela quem se afastou primeiro, assustada com o próprio gemido.

Baxter obrigou-a a encará-lo.

—Não precisa ficar desse jeito só porque correspondeu a meu beijo.

—Eu não correspondi! — ela negou.

—Não? Nesse caso, mal posso esperar para que você *corresponda*.

Os olhos de Baxter pousaram nos lábios trémulos como se sua vontade fosse beijá-los outra vez. Dee suspirou. Embora fosse difícil admitir, também queria outro beijo. Por sorte, sua mãe chamou-a.

—Deborah, o chá está pronto.
Baxter sorriu.

—Acho que nossa representação foi convincente.

CAPITULO VI

O chá seria servido na sala de estar.

—Liguei para Edward — Barbara informou assim que Baxter se afastou para lavar as mãos. — Ele disse que adiaria a reunião para amanhã e que estaria em casa o mais depressa que pudesse.

— Como pôde imaginar que eu queira vê-lo depois do que aconteceu? — Dee perguntou, espantada. — Ou ainda acredita que eu tenho planos de seduzir seu marido?

A mãe baixou os olhos.

—Foi um equívoco. Edward explicou tudo depois que você foi embora.

—Quanto cavalheirismo!

—Ele foi sincero — a mãe declarou. — Disse que a culpa foi inteiramente dele. Que não pretendia beijá-la daquele jeito. Que aconteceu. E você, jovem e curiosa, correspondeu...

—Eu não correspondei!

—Querida, não estou acusando-a. Juro. Sei que Edward perdeu a cabeça. Mas se eu fui capaz de perdoar um momento de fraqueza...

Dee olhou para a mãe, boquiaberta. Seria possível que fosse tão ingênua? Ou era apenas medo que sentia de enfrentar a realidade?

Bárbara Litton pôs-se a brincar com as pérolas de seu colar. Seus olhos continuavam baixos.

O gesto demonstrava nervosismo, mas também poderia ser simbólico. Afinal, fora o dinheiro de Edward que com-Prara aquelas pérolas. Se resolvesse aceitar a versão de sua filha, como poderia continuar vivendo com o atual marido? E sem ele, como sobreviveria?

— Não precisaremos tocar nunca mais nesse assunto, querida — ela propôs. — Edward está arrependido e fará tudo para compensá-la.

—Não podemos ficar mais do que uma hora — Dee mentiu. — Estamos a caminho da Escócia. Baxter vai me apresentar a sua família.

—Eles já sabem sobre vocês?

—Sim — Dee respondeu. — Estão muito contentes. Começavam a pensar que

Baxter jamais encontraria a mulher ideal.

—Eles já te conhecem?

—Ainda não.

—Oh. — A mãe olhou para Dee da cabeça aos pés. — Você não acha... Bem, é apenas um conselho, querida. Não seria melhor vestir algo mais feminino?

—Para que eles me aprovem?

—Sim.

—Não me importo com o que os outros pensam — Dee respondeu. — Aprendi isso enquanto mendigava.

Bárbara Litton empalideceu.

—Você fez isso?

—Se não mendigasse, precisaria fazer certas concessões aos homens.

—Deborah! Não entendo o que se passa com você. Teve tudo que queria, tudo o que pedia. Por que...

Barbara parou de falar ao ver Baxter à porta.

—Continue, mamãe.

Mas a mãe preferiu voltar a seu papel de anfitriã.

—Sente-se, Baxter, e tome seu chá.

Baxter sentou-se ao lado de Dee, talvez para continuar a representar o papel do noivo apaixonado. No mesmo instante, Dee se levantou e procurou uma poltrona. Tirou um cigarro do maço e estava prestes a acendê-lo quando a mãe pediu que não fumasse. Não a atendeu.

— Poderia tratá-la de maneira um pouco mais civilizada, não acha? — Baxter censurou-a quando a mãe se retirou para buscar um cinzeiro.

Aborrecida, Dee se afastou.

—Vou arrumar minhas coisas.

Não se deu conta do passar do tempo até ouvir a porta se abrindo as suas costas. Virou-se e o sangue congelou em suas veias.

Não era Baxter, mas Edward quem a visitava, a estampa do homem bem-sucedido e educado. O homem que um dia a fizera pensar que teria um segundo pai.

— Deborah — ele cumprimentou-a com um sorriso. — Como é bom vê-la outra vez.

Ele abriu os braços e avançou um passo. Dee se encolheu.

—Não se aproxime.

O sorriso desapareceu, mas o tom de voz continuou suave.

—Não seja melodramática, querida. Não irei machucá-la. Jamais a machucaria.

—Pare — Dee repetiu.

Edward franziu o cenho, como se Dee estivesse cometendo uma injustiça.

— Estou contente que tenha voltado. Quase enlouquecemos de preocupação. As histórias que saem nos jornais sobre os jovens que se perdem em Londres... Foi lá que você esteve, não?

Dee limitou-se a concordar com um movimento de cabeça. Não acreditava que Edward estivesse sendo sincero. Não depois do modo que a tratara da última vez.

— Mais tarde, quando sentir vontade, você nos contará — ele continuou.
— O importante é você ter voltado. Sentimos muito sua falta.

Os olhares se encontraram por um momento e Dee surpreendeu-se ao reconhecer que Edward estava dizendo a verdade. O que não deixava de ser uma ironia, quando o mesmo não acontecera com sua própria mãe.

—O que fez com seus cabelos?

—Como não tinha condições de mantê-los limpos, cortei-os.

—Está mais magra, mas isso se conserta com algumas boas refeições — ele continuou.

—Não vou ficar.

—Veremos — Edward disse, como se não acreditasse na determinação de Dee.

—Não, não veremos. — Dee atravessou o quarto e se dirigiu à porta, sem se lembrar de apanhar a mochila.

Impressionado, Edward não tentou detê-la, mas seguiu-a pelo corredor.

—Ouça-me, Deborah. Espere um minuto.

—Não quero ouvir mais nada. Não sou mais a pequena Deborah. Você a destruiu!

—Tente compreender, Deborah. — A voz pareceu mais triste do que zangada.
— Admito que me portei mal, mas sua mãe me perdoou. Por que não me perdoa também?

—Impossível! Você tentou me seduzir!

As palavras atingiram o alvo. Edward enrubesceu violentamente. Quando Dee tentou se afastar, segurou-a pelo braço. Sua intenção era suplicar que ela esquecesse o passado, mas não houve tempo pois Baxter chamou-a naquele exato momento.

—Dee!

—Suba! — Dee respondeu, aliviada.

—Quem está aí? — Edward quis saber.

—Meu noivo.

—O quê? Não pode ser!

—Por que não? Porque ele é um pouco mais velho do que eu?

Baxter chegou ao topo da escada e se aproximou.

—Não vai nos apresentar? — perguntou a Dee sem tirar os olhos de Edward

nem sequer por um segundo.

—Não.

—Sou Baxter Ross — ele se apresentou. — Deve ser o padrasto de Dee.

—Sim. Edward Litton. — disse, apertando a mão que Baxter lhe estendeu. — Como vai, sr. Ross?

—Dr. Ross — Dee corrigiu-o. — Baxter trabalha para a Cruz Vermelha. Esteve na África por dois anos e agora deve assumir a direção de uma pesquisa em medicina tropical.

Baxter olhou para Dee com ar de censura, mas ela não se importou.

—Meus parabéns — Edward declarou. — Eu prefiro clinicar. É mais gratificante.

—No sentido financeiro, é claro — Dee declarou.

—Deborah às vezes pode ser mordaz em seu senso de humor — Edward comentou.

—Eu já notei — Baxter concordou.

—É por isso que não se pode levar muito a sério o que ela diz — Edward concluiu.

Dee percebeu de imediato aonde Edward queria chegar. Estava se protegendo para o caso de ela ter contado a sórdida verdade.

Baxter não respondeu, mas seus olhos se estreitaram. Dee cogitou o que ele estaria pensando.

— Ela me disse há pouco, por exemplo, que vocês estão noivos. Tenho certeza de que foi mais uma de suas piadas.

Os olhares de Dee e de Baxter se cruzaram.

—É mesmo? — Baxter perguntou, sem afastar os olhos de Dee. — Por que chegou a essa conclusão?

—Bem, você deve estar sabendo que Deborah tem apenas dezessete anos.

A hipocrisia do padrasto fez Dee prender a respiração.

—Não vejo nenhum problema nisso — Baxter afirmou.

—Ela é menor de idade perante a lei — Edward declarou — E preciso a autorização dos pais para uma menor se casar.

—Qual o problema? — Dee retrucou. — Minha mãe dará. Ela consentiria em meu casamento com qualquer um se disso dependesse sua segurança financeira.

—Sua mãe faz somente o que eu lhe aconselho fazer — Edward argumentou. — Não tenho nada contra o senhor, dr. Ross, mas antes de darmos nosso consentimento, precisamos conhecê-lo melhor. Espero que compreenda. Afinal, é muito mais velho do que nossa filha.

—Estou começando a compreender.

O assunto parecia estar encerrado, mas Dee aprendera a conhecer Baxter

Ross o suficiente para não subestimá-lo.

— Por que não vamos a meu escritório e conversamos a respeito? — Edward sugeriu. — Afinal, deve estar interessado em saber mais sobre nossa Deborah.

Baxter sorriu para Edward e Dee sentiu um aperto no peito. Mais dez minutos de representação como pai preocupado e Baxter iria embora sem ela.

Mas, não. Baxter consultou seu relógio de pulso e tornou a sorrir.

— Infelizmente estamos atrasados. Talvez em uma outra oportunidade. Dee, você está pronta?

Dee arregalou os olhos. Sua vontade era pular nos braços de Baxter.

— Só um instante. Vou buscar minha mochila.

— Está em seu quarto? — Baxter perguntou. — Eu a pego. Edward olhou para Dee como se a atitude de Baxter o tivesse ofendido. Em seguida, desceu para a sala e estava ao lado da esposa quando Baxter e Dee se prepararam para sair.

— Diga a ela, Bárbara, que não deve ir embora novamente de casa, especialmente com um homem que mal conhece.

Todos os olhos se voltaram para a mãe de Dee.

— Fique, querida. Edward disse que tudo ficará bem entre nós.

Dee fechou os olhos. Não sabia se devia sentir desprezo ou compaixão pela mãe.

—Você acredita?

—Eu... — O olhar de Edward tornou-se ameaçador. Bárbara sustentou-o. Em seguida dirigiu-se a Baxter. — Você cuidará bem de Deborah?

Dee olhou para Baxter a tempo de vê-lo movendo a cabeça em sentido afirmativo.

Aquela foi a despedida. Bárbara saiu da sala e Edward seguiu-a. Dee apanhou o estojo com a flauta. Baxter pegou a mochila e a maleta e foram para o carro.

As consequências demoraram a se fazer sentir. Quando aconteceu, Dee precisou encostar-se no carro para não cair.

—Você pode buscar Henry para mim?

Naquele instante, Edward surgiu à porta. Baxter demorou a responder.

—Você ficará bem?

—Sim.

Assim que Dee ficou sozinha, o padrasto se aproximou.

— Deborah, por favor, não vá. O que sabe sobre esse homem?

Pouco, Dee poderia ter dito.

—Que é digno de confiança.

Edward franziu o cenho.

— Eu fiz por merecer seu desprezo, mas não tornará a acontecer. Se pudesse compreender... Eu me enganei com sua mãe. Ela continua tão bonita quanto no dia que nos casamos, mas é *vazia*, e não tem a metade de sua inteligência, de sua paixão. Não pude evitar meus sentimentos por você.

De repente, Edward tocou-a na face.

—Não!

—Não consigo evitar, minha pequena. Se ainda estou aqui é por sua causa.

Edward parecia estar falando sério, mas Dee estava magoada demais para perdoar.

—Deixe-me em paz ou chamarei meu noivo.

Não foi preciso. Baxter surgiu de trás da casa junto com Henry. Ao ver Edward, seu rosto endureceu. O outro não esperou que se aproximasse para desaparecer de cena.

Quando chegou junto ao carro, Baxter ordenou que Dee entrasse ao mesmo tempo que abria a porta de trás para Henry. Sentou-se em seguida, ligou o carro e saiu cantando os pneus.

—Não sei por que está bravo comigo. Eu avisei para não se envolver.

—Aliás, foi só isso que me disse.

—O que esperava?

Baxter apertou os lábios.

—Se soubesse o que estava acontecendo entre você e seu padrasto teria sido mais fácil.

—O que está insinuando?

—O que imagina *minha pequena Deborah*?

Os olhos de Dee faiscaram.

—Não me chame assim!

— Então pare de me fazer de tolo! Posso não ter ouvido toda a conversa, mas o que ouvi foi suficiente.

"Para chegar a uma conclusão errada", Dee pensou. Talvez devesse protestar e tentar explicar, mas de que adiantaria?

Baxter entendeu o silêncio como uma confissão de culpa e o que disse feriu Dee ainda mais fundo.

—Não é de admirar que sua mãe a queira longe.

—Você não entendeu... — Dee respondeu com um fio de voz.

—Por que não explica?

Porque não lhe restavam forças. A realidade da situação atingiu-a com um golpe. Sua mãe fechara-lhe a porta. Agora ela havia se tornado realmente uma sem-teto.

Baxter ficou ainda mais nervoso quando viu uma lágrima deslizar pelo rosto de Dee.

—Não me diga que vai chorar!

—Não! — Dee negou ao mesmo tempo que derramava uma segunda lágrima.

Não queria que Baxter a visse chorar. Virou o rosto para a janela e tentou se controlar. Então, ouviu-o suspirar.

— Desculpe. Não precisa me explicar nada. Não me deve nenhuma obrigação.

Dee estava com um nó na garganta. Não conseguiu responder. Baxter fitou-a. Viu o corpo frágil ser sacudido por soluços.

Não aguentou. Parou o carro e desafivelou ambos os cintos de segurança. Mas quando tentou confortá-la, Dee golpeou-o no peito.

—Você não entendeu nada!

—Conte-me — ele pediu, sem se importar com o desabafo e sem desistir de abraçá-la.

—Estou sozinha! Não tenho ninguém no mundo!

Não havia palavras para consolar tanta dor. Baxter a fez deitar a cabeça em seu ombro e afagou-lhe os cabelos. Os soluços foram diminuindo pouco a pouco.

A medida que a angústia passava, outras emoções a invadiram. De repente Dee deu-se conta de que estava nos braços de Baxter como mulher. Afastou-se.

—Quer que eu lhe empreste meu lenço?

Ela tentou sorrir.

—Obrigada. Estou melhor.

Sem parar de fitá-la, Baxter enxugou as lágrimas com os polegares. Dee ficou estarecida. Não esperava tanta gentileza, tanto carinho.

— O que farei com você? — ele sussurrou como se estivesse se dirigindo a uma criança. E ela não queria ser uma criança para ele...

Baxter inclinou a cabeça com a intenção de beijá-la no rosto, mas Dee se moveu ligeiramente e seus lábios se roçaram.

Não foi proposital, mas Baxter esqueceu-se imediatamente de que pensara em Dee como criança até um minuto antes. Agora ela era uma mulher doce e adorável em seus braços e estava beijando-o de um modo que fazia seu sangue ferver nas veias.

O beijo terminou tão depressa quanto começara, mas deixou-o com dificuldade para respirar.

Sem perceber disse um palavrão. Para si mesmo. Mas Dee ouviu a julgar pelo modo que passou a encará-lo.

— Sinto muito. Sei que estou errado. Não deveria ter feito o que fiz.

Mas fizera. Com o carinho que a tratara, Baxter conseguira comovê-la. E

acabar com o que restava de suas forças.

Ele disse algo. Dee não prestou atenção. Encolheu-se no banco, virada para a janela. Tudo o que queria era dormir. Quando Baxter perguntou se queria ir para a Escócia ou para Londres, simplesmente fez um gesto de indiferença com os ombros.

A decisão foi deixada para Baxter. Ele estava arrependido por tê-la beijado. Errara. E erraria ainda mais se a levasse consigo. Precisava se lembrar de que não estava mais trabalhando na Cruz Vermelha e tentando salvar o mundo. Após dois anos de guerra, merecia ter um pouco de paz.

Ligou o carro e partiu rumo a Londres.

CAPITULO VII

—Chegamos? — Dee perguntou ao final da viagem.

—Sim.

Ela esfregou os olhos e espiou pela janela. Não havia lua, nem luzes na rua, nem casas, apenas escuridão. Estavam no meio do nada, diante de uma torre em ruínas.

Um arrepio de medo percorreu suas costas.

—Pensei que você tivesse dito que morava em Edinburgh.

—Nos arredores de Edinburgh — Baxter corrigiu.

—Onde, exatamente?

—Aqui, exatamente. — Baxter apontou para a construção de pedra.

—Está brincando, não?

—Já ouviu falar que devemos tomar cuidado quando desejamos algo? Não disse a sua mãe que eu possuía um castelo na Escócia?

—Sim, mas eu estava pensando em outro tipo de castelo.
— Dee engoliu em seco. — Você mora aí de verdade?

Após o beijo, mergulhara em uma espécie de torpor. Vira placas anunciando a cidade de Londres. Depois, as pálpebras começaram a pesar tanto que resolveu fechá-las. Quando tornou a abri-las, algumas vezes, notou que as placas haviam mudado. Reconhecera os nomes Sheffield e Barnsley, mas não se preocupou com o fato de que esses lugares ficavam muito distantes de onde imaginara ir.

— Resolvi levá-la para minha casa por algum tempo — foi tudo que Baxter disse.

Ela não discutiu. Qualquer lugar lhe era indiferente.

Pararam duas vezes na estrada para comerem sanduíches e tomarem café.

— Sim — Baxter finalmente respondeu. — Esta é minha casa. É mais

confortável do que parece.

Dee olhou para Baxter como se pedisse desculpa. Afinal, estava criticando o lugar que ele deveria considerar de estimação e cujas portas estava lhe abrindo.

Tentou descer do carro, mas o joelho não permitiu. Baxter ajudou-a.

Dee olhou para cima e viu uma série de janelas cortando as pedras escuras da construção que deveria datar de séculos. Contou cinco andares.

Pararam diante de uma porta alta de carvalho. Em vez de abri-la, Baxter apertou a campainha.

—Não disse que morava sozinho? — Dee estranhou.

—No momento, estou dividindo a casa com uma pessoa.

Dee quase perguntou quem era, mas calou-se. Não significava nada para Baxter. Não tinha o direito de se intrometer em sua vida.

—Não tem uma cópia da chave? — perguntou após a terceira tentativa.

—Tenho, mas como são duas horas da manhã, Joseph poderia imaginar que somos ladrões.

—Ah, um homem! — Dee exclamou e Baxter olhou-a, surpreso.

—Um jovem. Joseph tem apenas dezoito anos.

—Avisou-o sobre sua chegada?

—Disse que chegaria esta semana, mas não especifiquei o dia. Ele deve ter saído. Vou dar uma olhada por aí.

Baxter afastou-se e deu a volta à torre. Dee não tinha ideia de que ele estava procurando. Queria que Baxter voltasse logo. A escuridão era total. Além disso, Henry não parava de rosnar por causa dos ruídos da noite.

— Baxter? — chamou quando sentiu-se no auge do nervosismo.

Ele não respondeu. Gritou mais alto. O silêncio persistiu. De repente, uma luz foi acesa e ela ouviu passos. O medo a fez esconder-se atrás de uma viga.

—Dee, onde você está? — Baxter chamou.

—Aonde você foi? — Ela saiu do esconderijo.

—Verificar se a moto de Joseph estava no depósito. Não estava. Podemos entrar sem perigo.

Baxter abriu a porta e Dee o seguiu até a base de uma escadaria de pedras em espiral.

— São dois andares. Subirei atrás de você para qualquer eventualidade.

Dee não respondeu. Baxter estava certo. Com o joelho machucado, seria uma verdadeira escalada.

No primeiro andar, Dee parou para tomar fôlego.

— Aqui ficam a sala e a cozinha. — Baxter indicou as portas fechadas. Não a convidou para conhecer os ambientes nem ela pediu para vê-los. Deveriam ser tão antigos quanto a torre.

Continuaram subindo. Baxter explicou que o segundo e o terceiro andares abrigavam os quartos e um escritório.

— Você ficará neste quarto. — Baxter abriu uma pesada porta à direita e acendeu a luz. Não entrou. Em vez disso, avisou que iria se certificar de que Joseph realmente não estava em casa.

O quarto de Joseph ficava à esquerda. Enquanto Baxter batia à porta, Dee parou diante do quarto que lhe fora destinado. A surpresa deixou-a boquiaberta. Não se tratava de um cômodo simples e rústico como esperava, mas de aposentos dignos de uma rainha.

As paredes eram de pedra e o pé direito muito alto. Uma lareira diante da cama dava um aspecto acolhedor e agradável. Sobre o chão de tábuas de carvalho estendiam-se espessos tapetes de lã. Os móveis eram feitos de madeira escura. Ao fundo, estava uma imensa cama de dossel. Dee caminhou até lá e sentou-se sobre a rica colcha de brocado.

Um pequeno papel sobre o travesseiro chamou-lhe a atenção. Dizia:

Saudações, meu querido irmãozinho,

O aquecedor está ligado, a geladeira e o freezer estão abastecidos e a firma de limpeza esteve aqui. Joseph foi para a casa de uns amigos em Edinburgh por uns dias. E

você? Onde esteve que não deu notícias? Aconselho-o a ligar-me assim que chegar. Se não fizer isso, prepare-se para arcar com as consequências.

Da irmã devotada que você não merece,

Cat.

Dee leu a carta duas vezes. Era estranho ver alguém se referir a Baxter como *irmãozinho*. Ele era tão charmoso e tão seguro de si que era difícil pensar que um dia fora criança.

A batida à porta pegou-a tão distraída que soltou a carta como se ela a tivesse queimado.

—Dee?

—Sim? — Baxter continuou do lado de fora do quarto. — Entre.

Baxter abriu a porta, mas não deu nem sequer um passo para dentro.

—Precisa de alguma coisa?

—Não, obrigada. Bem, eu esqueci minha escova de dentes.

—Atrás daquela porta — Baxter apontou —, encontrará um banheiro. Deve haver uma no armário.

—Obrigada. Por acaso você teria uma camisa velha para emprestar?

—Para quê?

—Para eu dormir. Também não trouxe pijama.
Ele pegou a primeira camisa que viu no armário.

—Esta serve?

Dee olhou para a camisa branca com listras azuis e novamente para Baxter.

— Tem certeza? Parece nova...

—Não faz meu estilo. — Ela concordou. Baxter gostava de usar roupas esportivas e práticas. Aquela parecia muito formal e sofisticada. — Foi um presente de minha irmã. Portanto, procure não vesti-la quando ela estiver por perto.

—E sua irmã quem lhe compra roupas?

—Algumas — Baxter admitiu. — Em geral, não tenho tempo. Dee entendeu que a irmã costumava fazer coisas para ele, fossem ou não de seu agrado. Isso lembrou-a sobre a carta.

—A propósito, ela lhe deixou um bilhete.

Baxter leu-o rapidamente e deu um sorriso. Em seguida dobrou o papel e guardou-o no bolso.

—Bem, a menos que queira que eu faça um novo curativo, vou deixá-la para que descanse.

—Não, obrigada.

Baxter começou a se afastar.

—Estarei no andar de cima, se precisar de mim.
Dee ficou sem jeito.

—Este é seu quarto, não?

—Normalmente, sim.

O rosto de Dee assumiu um ar de culpa que foi mal-interpretado.

—Não se preocupe. Não pretendo vir reclamá-lo no meio da noite.

—Não foi isso...

—Está em seu direito. Aquele beijo não deveria ter acontecido. Foi um erro.

—Sim — Dee admitiu, ansiosa para que Baxter não mencionasse mais o fato, mas ele continuou:

—Você estava deprimida e vulnerável. Eu deveria tê-la respeitado. Minha única desculpa é não ter estado com uma mulher por muito tempo.

No início, Dee sentiu-se lisonjeada por ele ter se referido a ela como mulher. Em seguida, ao analisar as palavras e descobrir que o beijo só havia acontecido por uma questão de instinto e disponibilidade de momento, franziu o cenho.

—Desculpe. Não pretendia ofendê-la. Apenas...

—Esqueça — Dee interrompeu-o. E como seu orgulho estava ferido, disse as

primeiras frases que lhe vieram à mente. — Não foi nada demais. Já beijei outros homens.

Por sorte, a maioria não se arrependeu.

A ideia era parecer indiferente, mas o resultado foi lamentável.

— Procurarei lembrar-me disso se resolver fazer parte da multidão.

Até que Dee conseguisse pensar em uma resposta à altura, Baxter já havia subido para o outro andar.

Ele não fechou a porta ao sair e ela ouviu os passos se distanciarem. Fora uma tola. Por não querer que Baxter a julgasse uma jovem tímida e sem graça, portara-se como uma libertina.

Deitou-se na cama e procurou não pensar mais na patética discussão. Em vez disso, examinou o quarto. A decoração era tão austera quanto seu dono. O único toque feminino era um vaso de flores sobre a lareira. Teria sido colocado por Cat?

Eles pareciam ser muito amigos. Talvez os laços familiares tivessem se aprofundado com a morte prematura dos pais. Houvera um tempo em que desejara muito um irmão ou uma irmã. Não fora possível. Agora estava sozinha no mundo.

Fechou os olhos com força. Não queria chorar. Precisava ser forte. Afinal, aonde a fraqueza a levaria? Não viera parar em uma torre em ruínas?

Bem, talvez estivesse exagerando ao dizer que a torre estava em ruínas. O banheiro da suíte de Baxter era moderno e bonito. Contava, inclusive, com um bidê, um chuveiro elétrico e espelhos.

Encontrou uma escova de dentes nova no armário e usou-a. Depois lavou o rosto com água fria. Olhou-se ao espelho e levou um choque. Não parecia mais a mesma pessoa de alguns meses antes. Seus cabelos longos haviam desaparecido assim como o sorriso das fotos antigas. O rosado das faces havia sido substituído por uma profunda palidez. Os três brincos, em vez de enfeitá-la, estavam desfigurando-a.

Tirou-os um a um e olhou-se novamente ao espelho. O resultado ainda não a agradou. Deveria fazer semanas que não cuidava dos cabelos. Examinou o armário e encontrou alguns frascos de xampu e de condicionadores. Separou os dois mais perfumados e abriu o chuveiro.

Posicionou-se sob o jato morno até sentir o joelho latejar. Nesse instante, sentou-se e abraçou as pernas, sem desligar o chuveiro, em uma tentativa inconsciente de lavar não só o corpo mas também a alma.

Apenas de short, Baxter deitou-se. Estava tão cansado que precisaria de semanas para se recuperar. Não queria pensar em nada. Principalmente em Dee com seus problemas e na reação que sua irmã teria quando soubesse da nova complicação em sua vida.

Apagou a luz e fechou os olhos à espera do sono. Estava quase adormecendo

quando ouviu alguém bater com força a sua porta.

Por uma fração de segundo imaginou-se de volta à África e se preparou para o tiro seguinte. Depois riu de seu pânico. Era apenas Dee tomando banho. Ele havia trocado a fiação elétrica de toda a casa e modernizado os ambientes, mas os serviços de encanamento haviam ficado para outra etapa. Os tubos antigos ainda funcionavam, mas eram sujeitos a vácuos e efeitos de percussão.

Contou alguns minutos, certo de que o barulho logo seria interrompido, e tentou dormir. Mas Dee parecia ter se esquecido de fechar a torneira.

Fazia dez anos que herdara a torre de seu avô. O problema do encanamento viera com ela, mas em geral não o incomodava. Afinal, como sempre morara sozinho, se havia alguém usando o chuveiro à noite, era ele.

Esperou no escuro. De tempos em tempos consultava o relógio de ponteiros luminosos e franzia o cenho. Às três horas da manhã, praguejou consigo mesmo. Entendia que Dee estivesse com saudade de um bom banho, mas será que ela não poderia ter esperado até que amanhecesse?

Quando calculou trinta e quatro minutos de água corrente e perdeu a conta das explosões provocadas pelo ar nos canos, levantou-se e vestiu a calça. Não se importou em colocar uma camisa, meias ou sapatos. Desceu até o andar inferior e bateu à porta do quarto com força suficiente para acordar Dee caso ela tivesse adormecido no banho. Como não obtivesse resposta, abriu-a. Como a cama estivesse vazia, seguiu até o banheiro e tornou a bater.

— Dee! Dee! — gritou e não foi ouvido nem sequer assim.

Dee estava tão distraída sob a cascata do chuveiro, sentada e abraçada aos joelhos que só se deu conta da presença de Baxter quando ele abriu a porta do box.

Mais tarde, Dee iria se perguntar por que não se assustou ao vê-lo apesar de estar completamente nua. Permaneceu calmamente sob a ducha, olhando-o.

Baxter foi o primeiro a reagir. Desligou o chuveiro e estendeu-lhe uma enorme toalha.

— Enrole-se nisto — ordenou. Mas como Dee não parecia disposta a atendê-lo, ajeitou a toalha sobre os ombros e levantou-a pelos braços. Dee parecia alheia. Para se certificar de que ela não corria o perigo de cair, Baxter sentou-a sobre a tampa do vaso.

— Sabe por quanto tempo ficou nesse chuveiro?

Ela negou com um movimento de cabeça.

— Deixe-me ver seu joelho.

Feito o exame, Baxter retirou a faixa molhada e censurou-a.

— Não estou pedindo para que cuide de mim — Dee retrucou. — Aliás, agradeceria se saísse daqui!

Baxter se levantou. Naquele instante, Dee sentiu-se frágil e pequena. Por sorte,

Baxter ignorou sua grosseria e providenciou um novo curativo. Não porque sentia algo por ela, é claro, mas porque era seu dever como médico. Mal dava para acreditar que naquela mesma tarde a abraçara com imenso carinho.

—Se não poupar esse joelho, o mal poderá se tornar crônico — preveniu-a.

—Você se importaria?

—Está com pena de si mesma? — retrucou e tentou ajudá-la a se levantar.

—Não, obrigada. Posso ir para a cama sozinha.

Na tentativa de se desvencilhar, a toalha se soltou. Quando Dee percebeu que um dos seios estava completamente exposto, puxou a toalha. O resultado foi pior. Ela quase caiu por completo.

Baxter não parou de andar e de ampará-la. Por que deveria? Nunca se interessara por ela como mulher.

Mas Dee descobriu que estava errada. Quando a deitou, teve oportunidade de perceber que os olhos de Baxter não se afastavam de seu corpo.

—Desculpe — ele murmurou quando Dee cobriu-se com o lençol. — Fiquei surpreso.

—Surpreso com o quê?

— Com seus seios. Eles são bonitos, bem desenvolvidos.

Dee não soube o que responder dessa vez. Baxter sorriu.

— Não se preocupe. Não estou planejando nenhum ato de sedução. — Ainda sorrindo, Baxter estendeu a camisa e se virou para que Dee se vestisse.

— Eu sei — Dee provocou-o. — Talvez não goste realmente de mulheres.

Ela percebeu que o comentário foi levado à sério quando Baxter apertou os punhos.

—Pensei que esse assunto tivesse sido esclarecido. Não poderia estar mais enganada a meu respeito.

—Se você diz... — ela murmurou com deliberada malícia.

— Não acredita? É uma prova que quer? E isso? Quando Dee percebeu o significado daquele desafio era tarde demais. Baxter já estava deitado ao seu lado. Em outra, segurou-a por ambos os braços e obrigou-a a encará-lo. O coração de Dee disparou no peito, mas ela não esboçou nenhuma reação.

—Não está com medo de mim? — Baxter questionou, espantado.

—Não — ela mentiu.

—Ainda bem. — Baxter suspirou. — Eu jamais a obrigaria a fazer o que não deseja.

Um arrepio percorreu o corpo de Dee. A verdade era que ela *estava* com medo. Não de Baxter, mas de suas emoções. Pela primeira vez, não se sentia segura de conseguir controlá-las. Bastaria pedir que Baxter a deixasse sozinha e ele iria

embora. Por que não dizia nada? Por que continuava sentada, olhando para ele, com os lábios entreabertos como se pedisse um beijo?

— Diga que não quer — Baxter pediu.

Ela tentou falar, mas não conseguiu. Em vez disso, estendeu as mãos e tocou-o no peito. A pele estava quente e úmida. O calor de Baxter parecia estar passando para ela como uma corrente elétrica, deixando-a cada vez mais fraca.

Eles não pareciam capazes de se afastar.

Sem dizer nada, Baxter começou a lhe acariciar os lábios com a ponta dos dedos até introduzi-los em sua boca em movimentos lentos e sensuais.

Com a respiração suspensa, ela fitou-o com um misto de prazer e de surpresa.

Baxter cogitou se Dee tinha alguma experiência sexual. Sua consciência ordenava que recuasse, mas os olhos e os lábios de Dee eram um convite irresistível ao amor completo.

Dee mal compreendia o que estava acontecendo. Já havia sido beijada algumas vezes, mas não daquele jeito. A sensação era doce e inebriante. Ondas de desejo a engolfavam. Baxter estava agora acariciando-a sob a camisa. Moldava seus seios e depois beijava-os não apenas com os lábios, mas também com a língua.

Certo de que Dee o queria tanto quanto ele a queria, pôs-se a acariciá-la com intimidade cada vez maior. Mas quando a tocou entre as coxas, sentiu-a enrijecer.

Com a respiração suspensa, beijou-a. Mas, embora o beijo fosse correspondido, a dúvida persistiu. Para se certificar de que poderia continuar em frente, Baxter decidiu pegar a mão de Dee e conduzi-la ao próprio sexo.

Dee levou um choque com sua reação ao tocá-lo sobre o jeans. Conhecia os mecanismos do sexo pelas leituras de livros e de revistas, mas a realidade era muito diferente.

Baxter estava querendo que ela o tocasse. Todos os casais deviam fazer isso, pensou. O objetivo era dar prazer um ao outro. Mas algo a impedia de corresponder a esse tipo de carícia.

De repente, antes que pudesse se decidir sobre o que fazer, Baxter soltou-a e se afastou. Mas seus olhos não a deixaram. Tentou perguntar-lhe, sem palavras, o que fizera de errado.

Baxter balançou a cabeça. Como pudera ir tão longe? A verdade estava escrita nos olhos puros de Dee. Ela nunca tivera um homem.

Dominada por uma súbita timidez, Dee virou-se na cama e esperou que Baxter fosse embora. Em vez disso, ele a segurou pelos ombros e a fez encará-lo.

— Isso nunca te aconteceu antes, não é?

Dee sentiu uma onda de calor lhe subir ao rosto.

—Não.

—Pensei que você e seu padrasto... — Ela enrijeceu à sugestão e ele

interrompeu o que dizia. — Deveria ter me contado. Se eu não tivesse pressentido... — A expressão magoada de Dee o fez parar novamente. — Não pode imaginar o quanto me custou. Você é linda e inteligente. Sua primeira vez deve ser especial. Está tremendo, Dee?

— Estou com frio — confessou, envergonhada e frustrada. Baxter se levantou e pegou um cobertor no armário.

— Vou buscar algo mais quente. — Ele saiu do quarto e voltou com um edredom. Em seguida tocou-a na testa.

— Eu estou bem.

— Quero ter certeza.

— Não estou com febre. — Ela cobriu-se até o queixo. — Pare de me tratar como um médico. Deixe-me em paz.

Baxter mordeu o lábio. Dee estava certa em querer ficar sozinha. Embora soubesse dos problemas que vinha enfrentando, causara-lhe um mal ainda maior aquela noite.

Dee fechou os olhos e esperou que a porta fechasse à saída de Baxter. Em vez disso, ouviu uma cadeira sendo arrastada. Baxter parecia disposto a passar a noite ali, vigiando-a. E se isso fosse verdade, como poderia chorar pela rejeição sofrida? Por ainda não ser uma mulher como ele queria?

CAPITULO VIII

Dee pestanejou. O quarto estava inundado de sol, mas não fora a luz que a acordara.

— Bom dia — disse uma mulher aos pés da cama.

— Bom dia. Você deve ser a irmã de Baxter.

Um sorriso foi a resposta.

— E você?

— Uma amiga — Dee respondeu, sem jeito.

— Foi o que imaginei. — Os olhos da irmã de Baxter pousaram sobre a camisa listrada. — Ele está no banheiro?

Dee olhou para a cadeira que ele ocupara durante a noite. Estava vazia. Baxter havia adormecido ali e ela o cobrira com um cobertor. Agora, apenas o cobertor ocupava o assento.

— Acho que ele está no quarto de cima.

— Oh, desculpe.

"Por ter imaginado que ela e Baxter eram amantes?", Dee pensou.

— Meu nome é Cathy, mas todos me chamam de Cat — a mulher se apresentou.

—Meu nome é Deborah, mas prefiro que me chamem de Dee — Dee imitou.

—Prazer em conhecê-la. O cachorro que encontrei na cozinha é seu?

—É. Ele está bem?

—Parece que sim. Espero que goste de crianças. Minha filha ficou afagando-o enquanto meu marido descarregava o carro.

—Morag.

—Baxter lhe falou sobre nós?

—Um pouco.

—Mas a atenção não foi recíproca, infelizmente. Meu irmão é muito fechado sobre sua vida íntima. Por acaso ele lhe falou sobre Joseph, o jovem africano que trouxe para casa?

Dee fez um movimento afirmativo com a cabeça, embora não soubesse até aquele instante a nacionalidade do outro hóspede.

—Ele tem dezoito anos. E você?

—Quase dezoito — Dee respondeu na defensiva.

—Mas você é uma menina! Que loucura!

Dee supôs que Cat estivesse se referindo aos planos de casamento de Baxter.

—Acho que ele mudou de ideia — Dee murmurou.

—Ainda bem! — Cat respirou, aliviada, para em seguida franzir o cenho. — Então por que ele a trouxe para cá?

Boa pergunta. Essa ela não poderia responder.

—Eu machuquei, a perna.

—Bem, acho que é melhor eu subir e falar direto com ele. Desculpe por tê-la acordado. Quando cheguei, vi o carro de meu irmão e subi para vê-lo.

—Nós chegamos tarde. Que horas são?

—Quase meio-dia. Deve estar com fome. Farei um bom almoço para nós.

Dee forçou um sorriso. Assim que a porta foi fechada, tornou a deitar-se. Depois do que acontecera na noite anterior, não tinha coragem para se levantar e encarar Baxter. Quanto mais sua família.

Havia duas opções. Uma delas seria fingir que o joelho estava doendo e permanecer na cama. A outra seria se levantar e sair, o que lhe parecia mais seguro.

Levantou-se devagar. O joelho ainda doía, mas não tanto que não pudesse sustentar-lhe o peso.

Como a mochila havia ficado no carro, vestiu a mesma roupa com a qual viajara e tornou a pegar emprestada a jaqueta de couro.

Encontrou Henry na cozinha ao lado de um fogão antigo. A única peça, aliás, a destoar do conjunto moderno e branco. À mesa, estavam Morag, uma linda garotinha de cerca de cinco anos, o pai e a mãe. De Baxter não havia nem sinal.

— Oi — cumprimentou-os.

—Está é Dee — Cat apresentou-a ao marido. — Dee, este é Ewan.

—Prazer em conhecê-la, Dee.

Dee cumprimentou o cunhado de Baxter com um sorriso surpreso. Ele era bem mais velho do que Cat.

— Meu nome é Morag — disse a menina. — Por que está usando a jaqueta de meu tio?'

Um silêncio breve, mas incômodo, invadiu o ambiente.

—Não seja tola, querida. A jaqueta de Dee apenas parece com a de seu tio.

—Não. Ela é dele. Tio Baxter usou-a no Natal. Eu me lembro. Você não tem uma sua? — a menina insistiu.

—Para ser sincera, não. A minha foi roubada. Seu tio emprestou-me a dele até que eu possa comprar uma nova.

—Isso se chama partilhar, não? Minha mãe disse que se eu não aprender a partilhar meus brinquedos com minhas amigas, logo nenhuma me convidará para brincar. Você quer brincar comigo?

—Eu... preciso levar meu cachorro para passear. — Dee deu a primeira desculpa que lhe veio à mente.

—Talvez mais tarde, querida. — Cat procurou contornar a situação.

—Mais tarde não poderá ser — a menina explicou. — Quando meu tio acordar, terei de brincar com ele.

O pai colocou um fim na conversa, pegando a filha no colo e distraíndo-a.

— Ela está muito mimada, esse é o problema — Cat se desculpou.

Dee não respondeu. A cena levou-a de volta ao passado, para o tempo em que seu pai ainda vivia. Não percebeu que a tristeza havia atingido seu semblante.

—Você está bem?

—Oh, sim. — Dee voltou a si e se apressou a puxar Henry para fora da cozinha. Cat acompanhou-a.

—Tem certeza de que está em condições de sair por aí.

—Não se preocupe. O joelho ainda dói um pouco, mas não me impede de andar.

Cat não pareceu convencida.

—Quanto tempo pretende ficar fora? Baxter poderá ficar preocupado.

—Baxter sabe que sei cuidar de mim.

Cat meneou a cabeça. A que a jovem desconhecida estaria se referindo?

—Em todo caso, procure não ir muito longe. Há uma trilha que leva à montanha. É um bom lugar para seu cachorro se exercitar.

—Obrigada.

Não havia nenhuma outra habitação ao redor. Para retornar à civilização,

precisaria andar alguns quilômetros. Ou, então, pegar o carro que Baxter havia alugado.

Encontrou-o aberto e isso lhe pareceu um bom sinal. Recolheu a mochila e continuou seu caminho. Após quinze minutos, a estrada de terra e cascalhos desembocou em uma estrada pavimentada. Era estreita e vazia e os ônibus deveriam demorar horas para surgir, mas como ela fatalmente terminaria em algum lugar, Dee prosseguiu.

Na Escócia fazia tanto calor no mês do julho quanto na Inglaterra. Meia hora de caminhada e ela estava transpirando.

Sentou-se em uma pedra e tentou pedir uma carona, mas os poucos carros que passaram não aceitaram que levasse Henry consigo. Chorou por fim. Em sua ansiedade de fugir de Baxter e de sua família, cometera um grande erro.

Sozinha com seu cachorro no meio do nada, viu-se pensando repetidas vezes em Baxter e nos acontecimentos da noite. Não conseguiu se lembrar de nenhum momento que não tivesse desejado as carícias. Fora ele quem recuara. *Porque ela era virgem.*

Deveria sentir-se grata. Perdera seu lar para conservar sua virgindade. Por quê, então, estivera disposta a entregá-la a um homem que não a queria?

Não estava apaixonada por Baxter, estava? Afinal, eles mal se conheciam.

Não conseguia encontrar uma resposta. Talvez fosse melhor prosseguir viagem e aumentar a distância entre eles.

As esperanças se renovaram quando um carro parou alguns metros adiante, e pereceram quando o motorista desceu.

—Dee? Ficamos preocupados com sua demora — disse Cat. — Foi por causa da perna?

—Sim — Dee mentiu.

—Baxter disse que você não estava em condições de andar por tanto tempo. Ele foi procurá-la a pé.

Enquanto Dee se sentava no banco da frente, Cat colocou Henry no banco de trás.

Não houve oportunidade para Dee recusar a carona. Mas assim que Cat se sentou atrás do volante, Dee pediu que a levasse para a cidade mais próxima.

— Linlithgow?

— Sim, por favor. Preciso comprar algumas coisas.

Cat fitou-a em silêncio por um instante.

— Não acha que seria melhor voltarmos para casa antes? — Sem esperar pela resposta, Cat fez o retorno.

Ewan Macdonald aguardava-as à porta. Assim que chegaram, trocou duas palavras com a esposa e saiu com seu Audi.

Dee mordeu o lábio. Sua frustrada tentativa de fuga resultara apenas no atraso de uma pessoa para uma reunião de negócios e em preocupações para todos.

— Dê-me licença por alguns instantes, está bem? Vou verificar se Morag precisa de algo e depois sairei atrás de meu irmão, de moto, para avisar que já a encontrei.

Dee ainda estava junto à porta, sem saber o que fazer, quando Cat voltou.

— Já avisei meu irmão. Ele ficou aliviado quando lhe contei que você estava bem. Como havia subido até o alto do penhasco, demorará a voltar. Enquanto isso, pediu que eu a impedisse de tentar uma nova fuga — Cat brincou.

Um segundo depois, ao notar a expressão séria de Dee, mudou de tom.

— Estava realmente fugindo, não?

Dee fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— De Baxter ou da situação?

De Baxter, Dee poderia ter respondido, mas não queria que a irmã entendesse mal.

—Ele só quer me ajudar, mas não creio que deva ficar aqui.

—Talvez você esteja certa. Admiro meu irmão como homem e também como médico, mas considero essa sua ideia de se casarem muito arriscada. Entendo que ele se sinta no dever de reparar o problema, mas como você está em dúvida...

—Sim — Dee concordou, sem entender exatamente a que Cat se referia. Dever? Reparação? A quem?

—Não deve se preocupar com nada — Cat procurou tranquilizá-la. — Não permitirei que ele a force. Todos já almoçaram. Por que não come algo? Deixamos um prato para você.

—Obrigada.

Na cozinha, Cat serviu-lhe macarronada com frango e abobrinha. Após a longa dieta de sanduíches e frituras, o cardápio pareceu a Dee um banquete.

Enquanto Cat se ocupava com a louça, Morag encarava Dee do outro lado da mesa.

—Como seu cachorro se chama?

—Henry.

—Se eu tivesse uma cachorrinha a chamaria de Belle.

—É um bonito nome.

—Eu quero uma cachorrinha — Morag baixou o tom de voz —, mas minha mãe vai ter um bebê.

Cat ouviu a conversa e sorriu.

—Ainda demora.

—Você também tem um irmão? — Morag quis saber.

—Não, infelizmente. Gostaria de ter um irmão ou uma irmã como você.

A menina pareceu refletir por um momento.

— Não se preocupe. Você e tio Baxter poderão ter uma porção de filhos.

Dee engasgou. Cat parou o que estava fazendo e olhou para a filha.

—Morag! Por que disse isso?

—Eu ouvi sua conversa com papai. Você disse que não considerava Dee jovem demais para se casar com meu tio, se era o que ela queria fazer.

—Precisa parar de escutar as conversas dos adultos, Morag. Você confunde tudo. Eu disse que Dee, talvez, quisesse se casar, mas não com seu tio.

—Com quem, então?

Dee esperou pela resposta com os olhos muito abertos.

— Bem, existe uma pequena possibilidade de ela se casar com Joseph.

— Com Joseph? — a menina repetiu, surpresa.

Dee quase caiu para trás. Então era com Joseph que Baxter queria que ela se casasse? Não com ele?

—Eu disse que a possibilidade era pequena — Cat se apressou a acrescentar ao notar a expressão contrariada de Dee.

—Por que não? — Morag quis saber. — Eu gosto dele. Joseph me faz rir. Mamãe, se eles se casarem, como serão os bebês?

— Morag! Por que não vai brincar lá fora?

Assim que a menina saiu, Cat se desculpou.

— Sinto muito. No momento, Morag não pensa em nada exceto em bebês. E eu não posso lhe dar explicações sobre você e Joseph. Quanto menos as pessoas souberem a respeito, melhor será. Você entende?

Dee estava começando a entender. Baxter lhe dera dinheiro para se casar com um jovem que viera da África. Só poderia haver uma razão para isso.

—Quando expira o visto de permanência de Joseph?

—Não sei exatamente. Meu irmão o trouxe para cá no Natal. Pensou que ele poderia continuar no país como estudante, mas o Departamento de Imigração está criando problemas. Pensei que ele estivesse brincando quando sugeri que arrumássemos uma noiva inglesa para Joseph.

—Por que Baxter quer tanto ajudar o rapaz? — Dee indagou.

—Ele prometeu aos pais de Joseph, antes de morrerem, que o ajudaria. Eles trabalhavam com Baxter no hospital. Todos apanharam uma febre. Baxter escapou mas ficou vulnerável a infecções. Foi por isso que voltou para a Escócia.

—Como ele está se sentindo a respeito?

—Para ser franca, ainda não tive oportunidade de perguntar. Fiquei muito feliz com sua volta. Vivia com medo de que ele morresse naquela guerra. Tudo o

que quero, agora, é que meu irmão tenha uma vida normal.

Dee não respondeu. Ficou pensativa. Mas tomou uma decisão sobre o que fazer quando Morag voltou para a cozinha.

— Vocês me dão licença? Acho que preciso me deitar um pouco. Posso deixar Henry aqui?

A resposta afirmativa de Cat, Dee se dirigiu à escada. Ouviu Morag perguntando à mãe sobre sua perna. Na verdade, o esforço fizera o joelho inchar.

Esvaziou a mochila sobre a cama e separou uma muda de roupa. Em seguida lavou-se no banheiro e tomou cuidado para não molhar novamente o curativo. Quando voltou ao quarto, encontrou Baxter a sua espera.

Se fosse um sonho, ele abriria os braços para recebê-la. Em vez disso, Baxter avançou para ela com o cenho franzido.

—Aonde você foi?

—Dar um passeio — mentiu.

—Com uma mochila cheia de roupas? Não me faça de idiota! Para onde estava indo?

—Não faço a menor ideia — ela respondeu, de repente zangada. — Qualquer lugar seria melhor do que este!

—Por causa de ontem à noite?

O rosto de Dee tornou-se vermelho.

—Eu lhe disse que não tornaria a acontecer! Não sei como aconteceu! — Baxter exclamou.

—Por quê? Eu lhe causo repulsa?

—Não foi isso que eu quis dizer — Baxter murmurou. — Muitos homens perderiam a cabeça por você, apesar dos cabelos curtos e dos brincos. — Ele se deteve. Dee estava diferente desde a noite anterior. Naquele instante percebeu o detalhe. Ela havia tirado os brincos. — Acontece que eu não sou do tipo que persegue garotas virgens.

A mágoa deixou-a ainda mais zangada.

—Ontem à noite você não teve tantos escrúpulos.

—Não — ele admitiu com um suspiro. — Estava cansado e carente. Não estou pedindo que me perdoe, mas que tente entender. Faz mais de um ano que não tenho uma mulher nos braços.

—Oh, eu entendi. Entendi que você queria sexo fácil. Quando descobriu que eu não era quem pensava que fosse, mudou de ideia.

Baxter sentiu tristeza. O que acontecera à garota que ele vira na foto e que parecia sorrir para o mundo?

— Não foi assim que aconteceu. Reconheço que meu comportamento foi imperdoável, mas garanto que nada foi planejado e que eu nunca pensei em você

naqueles termos.

A sinceridade que captou na voz de Baxter expulsou totalmente a mágoa.

— Sêrio?

— Sêrio. Apesar de não ter experiência, você é muito provocante. No futuro, eu a aconselharia a ter mais cuidado quando tratar com os homens. Eles poderão chegar a uma conclusão errada a seu respeito.

Dee gostaria de dizer que ele havia sido o único homem que a fizera reagir daquela forma, mas calou-se.

Baxter fez um movimento afirmativo com a cabeça, como se o gesto significasse um acordo.

—Bem, agora que nos entendemos, aceita ficar aqui?

—Em que base? — Dee quis saber.

—Você não tem um lugar onde se abrigar no momento, nem emprego e está com o joelho machucado. Acho que as três razões são boas.

Dee poderia apontar razões igualmente boas para partir. Levava meses para se adaptar à dureza da vida nas ruas. Como se sentiria após algumas semanas hospedada em uma torre de marfim? Sem coragem, no mínimo!

- — Você ainda não mencionou a razão principal.

—O que houve ontem à noite não tornará a acontecer, eu já disse.

—Não estou me referindo a isso, mas à razão pela qual você me trouxe para cá. — Diante do silêncio de Baxter, Dee assobiou a *Marcha Nupcial*. — Pretendia esperar até quando para me explicar sobre o casamento?

Baxter balançou a cabeça.

—Fique tranquila. Nosso casamento está fora de questão.

—Oh, isso eu sei! — Dee afirmou, irônica. — Era seu amigo nativo de Kirundi que eu tinha em mente.

Se irritá-lo era o que Dee queria, seu objetivo foi alcançado.

— Não seja preconceituosa. Meu amigo *nativo* é um jovem brilhante, filho de príncipes africanos. Em tempos normais, ele nem sequer dirigia um olhar para você.

Dee mordeu o lábio. Não era preconceituosa. Sua intenção fora apenas atacar Baxter por seu jogo duplo.

— Esqueça essa história de casamento de uma vez — Baxter esbravejou. — Não se casará com ninguém por meu intermédio!

Porque ela não era digna de confiança, por certo. Afinal, se desse com a língua nos dentes sobre o plano de Baxter de conseguir a cidadania britânica a seu pupilo africano por meio de um casamento falso, ambos poderiam ser presos.

—Eu não contaria a ninguém.

—Não é tão simples assim — Baxter declarou. — O Departamento de

Imigração passaria a vigiá-los. Não bastaria não contar. Você teria de fingir que o casamento era de verdade e que estava apaixonada por Joseph.

—Eu seria capaz de enganá-los — Dee garantiu. — Se fosse necessário...

Baxter encarou-a, cético. Era difícil imaginar Dee se portando como uma mulher carinhosa e apaixonada.

— A tarefa seria mais difícil do que imagina. Seria preciso aprender tudo sobre a vida de Joseph e passar um longo tempo em companhia dele. Vocês teriam de sair e serem vistos pelas pessoas...

—Aonde está querendo chegar, Baxter? — Dee interrompeu-o. — Por que faz questão que eu desista do casamento, se há três dias estava disposto a me pagar um bom dinheiro em troca desse favor?

—Você é engraçada. Faltou ao encontro e se comporta como se o culpado fosse eu!

—Na verdade, eu não faltei — Dee finalmente admitiu. — Perdi a hora. Quando cheguei ao Continental, você já havia saído.

A explicação não o convenceu.

—Não me disse nada quando nos vimos mais tarde.

—Não. Estava muito ocupada com meu joelho.

—A propósito, como ele está?

—Bem.

—Difícil acreditar, após o esforço que o obrigou a fazer. Baxter estava certo. O joelho estava latejando.

—Não quero ser examinada por você.

—Está em seu direito. Mas como ainda precisa de cuidados, pedirei a Cat para levá-la a Linlithgow amanhã. Em seguida, poderá pegar um trem para Edinburgh ou para qualquer outro lugar.

—É o que você quer? — Dee desafiou-o.

—Não. Acho que você não está em condições de viajar. Por outro lado, tenho mais com o que me preocupar.

—Com Joseph, por exemplo?

—Eu era amigo dos pais dele. Devo-lhes esse favor.

—Cat me contou que eles morreram.

—Sim. A água do hospital foi contaminada por um vírus.

— Não me parece que a culpa tenha sido sua.

— Talvez não, mas como o hospital estava sob minha supervisão, senti-me responsável.

— Por que não me contou a verdade?

Afinal, Baxter tornava-se uma pessoa muito melhor sob essa nova luz.

Ele deu de ombros. Em seguida pôs-se a esvaziar a cômoda e a colocar suas

roupas sobre a cama.

—Não preciso de tantas gavetas — Dee explicou. — Uma será suficiente.

—Acho que sua mãe mandará o restante de suas coisas em breve. Ela me pediu o endereço e eu dei.

A informação deixou Dee perplexa.

—Ontem, você me deu a impressão de que me levaria de volta a Londres.

—Mudei de ideia.

—Por quê? — Dee indagou, mais perplexa ainda.

—Confesso que não sei. De qualquer forma, quer ela mande mais roupas ou não, você precisará de mais trocas, se pretende ficar aqui por um tempo.

"Como poderei ficar depois do que aconteceu ontem à noite?", Dee desejou perguntar. Para ele, obviamente, não havia significado nada.

—Darei um jeito.

—Se o problema é dinheiro, posso lhe emprestar algum.

—Obrigada. Não quero seu dinheiro.

—Talvez possa trabalhar para ganhá-lo.

—Como?

—Sabe cozinhar?

—Nunca cozinhei. — Dee foi sincera. — Mas seria capaz de cuidar da limpeza.

—Faria isso?

—Bem, admito que essa não é a profissão de meus sonhos. Por outro lado, jamais imaginei que um dia seria capaz de pedir esmolas em estações do metro.

—De se apresentar — Baxter corrigiu-a, como ela o fizera ao se conhecerem. Ambos sorriram. — Qual é a profissão de seus sonhos?

—Acho que ainda não me defini, mas sei que quero ingressar em uma faculdade.

—Não será difícil. Sua mãe comentou que você sempre tirava notas excelentes. Bem, preciso ir à cidade e devolver o carro. Quer que lhe traga algo? Xampu, escova de dentes?

—Uma passagem para Londres?

Ele não riu.

—Sim, se é isso que você quer. Não é uma prisioneira aqui. Era livre. Aliás, não conseguia entender por que fizera aquela tolice de tentar fugir. Baxter jamais a tratara como uma prisioneira. Bastaria um pedido seu e ele a levaria para onde quisesse, de carro.

Por quê, então, deu aquela resposta?

—Se tanto faz para você, ficarei por um dia ou dois.

Em resposta, Baxter apenas fez um movimento afirmativo com a cabeça e saiu.

Ao ouvir vozes, Dee foi até a janela. Logo depois, viu Baxter sair de mãos dadas com a sobrinha. Eles riam. A menina fitava-o com adoração. E a adoração era mútua. Quando Baxter se abaixou e pegou-a no colo, seu rosto mudou. A menina pediu algo e ele atendeu-a. E quanto mais a girava no ar, mais ela ria.

A menina subiu no carro alugado e Cat no outro. Obviamente traria o irmão e a filha de volta após a devolução à locadora.

Sozinha, Dee deitou-se. Estava cansada, mas sem sono. Ficou olhando o jogo de luzes e sombras nas paredes e tentando não pensar. Mas não conseguiu. Era como se uma semente tivesse sido plantada em seu peito e agora estivesse criando raízes e crescendo. Todos seus pensamentos levavam a Baxter.

Não havia motivos para sentir-se grata a ele. Baxter não lhe fizera nenhum favor. Seu joelho estava machucado por culpa dele e também por causa dele, quase havia perdido sua auto-estima. Em troca, Baxter lhe oferecera a chance de ganhar algum dinheiro para ajudá-lo em um ato ilegal que poderia, inclusive, levá-la à prisão.

Por quê, então, após uma convivência de três dias, durante a qual passaram mais da metade do tempo brigando, estava tão certa de ter encontrado o homem com quem gostaria de passar o resto de sua vida?

CAPITULO IX

Era noite quando Cat entrou no quarto e acordou Dee para avisar que o jantar seria servido em meia hora. Dee agradeceu e se levantou. Após o descanso, sua perna estava bem melhor.

Banhou-se e desceu. Não havia notado antes, mas a sala era enorme e elegante. Contava com uma imensa lareira de pedra, diante da qual se encontravam um sofá e duas poltronas azul-escuras.

A família estava reunida no outro lado da sala ao redor de uma mesa antiga. Sentou-se de frente para Baxter, em uma cadeira com assento de couro, que era a única disponível. Sentia-se uma intrusa em meio aos MacDonald, mas o mesmo não parecia acontecer com eles em relação a sua presença. Cat, o marido e Morag faziam questão de incluí-la na conversa e de deixá-la à vontade.

Baxter, contudo, mal olhava em sua direção. Dee procurou fazer o mesmo.

Após o jantar, estavam sentados diante da lareira, quando Cat observou:

—Você está muito calada, Dee. Está sentindo dor?

—Não, eu estou bem, obrigada.

—Talvez ela não tenha encontrado nenhuma oportunidade de falar. Eu sempre digo que somos uns tagarelas — Ewan brincou.

—Sua família é como a nossa? — Cat perguntou.

—Bem diferente — Baxter respondeu por Dee.

Cat entendeu que deveria ser mais discreta, mas a curiosidade foi mais forte.

—Faz tempo que saiu de casa, Dee?

—Mais ou menos.

—Desde a Páscoa — Baxter tornou a responder. — Dee tem dormido em locais abandonados há meses.

Olhares compadecidos pousaram sobre Dee. Por sorte, Morag havia adormecido no sofá, ou ela também teria visto a expressão zangada de Dee e ouvido seus protestos.

— Por que não conta a eles tudo de uma vez? Por que não conta que me conheceu em uma estação do metro, mendigando?

Baxter suspirou.

—Por que não diz simplesmente a verdade a eles?

—Diga você! — Dee se levantou e deixou a sala sem se importar com as expressões atônitas de Cat e de seu marido.

—Aonde vai? — Baxter indagou. — Se pensa que sairei a sua procura outra vez...

—Vou arrumar a cozinha! Não foi o que combinamos? Que eu cuidaria da limpeza em troca da hospedagem?

Tomada de indignação, Dee estava colocando a louça dentro da pia, quando Cat apareceu na cozinha.

—Sei que está furiosa com meu irmão e não quer vê-lo... por isso ele me pediu para lhe dar um recado. O trato ainda não está valendo. Antes, você precisa melhorar do joelho.

—Eu já disse que estou bem!

—Mas Baxter não está — Cat confidenciou. — Nunca o vi tão zangado.

Cat pôs-se a enxugar a louça que Dee estava lavando. Parecia estar se divertindo.

— Deve estar pensando que sou malcriada e insuportável, não?

Cat sorriu.

—Imagino que tenha seus motivos.

—Não tolero quando Baxter fala sobre mim como se eu fosse uma marginal que ele recolheu. Não estava pedindo esmolas quando ele me conheceu. E não lhe pedi ajuda.

Aliás, seu irmão praticamente me raptou.

A informação fez Cat franzir o cenho.

— Então você não tinha concordado em se casar com Joseph?

Não. Sim. Isto é, Baxter nunca me falou sobre Joseph. Era com *ele* que eu

pensava que teria de me casar.

—Com Baxter? — Cat não cabia em si de espanto.

—Sim.

—E você aceitou?

—Sim.

—Oh.

Ao perceber que Cat havia interpretado mal suas palavras, Dee apressou-se a acrescentar.

— Não foi uma questão de amor à primeira vista, se é isso que deduziu.

A explicação não soou convincente nem sequer para a própria Dee. Assim, ela decidiu que era chegada a hora de revelar toda a verdade.

Quando terminou, Cat balançou a cabeça.

— Não sei quem é mais maluco, meu irmão ou você. Não teve medo de aceitar uma proposta de casamento de um completo estranho? Eu sei que Baxter jamais tiraria vantagem de uma mulher, mas você não tinha meios de saber.

Dee admitia que havia se comportado como uma garota ingênua, mas, no fundo, nunca duvidara do caráter de Baxter. Até mesmo na noite anterior, quando perdera o controle sobre si mesma, ele havia se portado como um cavalheiro.

—Ele nunca me deu motivos para duvidar de sua honestidade — Dee afirmou.

—Meu irmão é bom e realmente se preocupa com as pessoas, isso eu posso garantir. Quando falou a seu respeito conosco, não quis ofendê-la.

A expressão magoada de Dee subitamente levou Cat a uma suposição:

—Dee, você não se apaixonou por meu irmão, não é?

—Claro que não! — Dee se apressou a dizer. — Seria um absurdo. Baxter é muito mais velho do que eu.

A resposta deveria ter sido tão veemente que Cat sorriu com ar aliviado.

—Baxter. — Ela continuou sorrindo ao ver o irmão entrar na cozinha. — Estávamos falando de você.

—Eu ouvi.

—Apenas repeti o que você vive dizendo — Dee murmurou na defensiva.

—Não deveria estar de pé por tanto tempo — Baxter lembrou. — Minha irmã não lhe deu meu recado?

—Lógico que dei — Cat respondeu.

—Pare de implicar com sua irmã. Se está nervoso, implique comigo. Já estou acostumada.

Baxter cerrou os punhos.

— Está bem. Se faz questão de ser tola e imprudente, não me culpe se o joelho piorar!

Furioso, Baxter saiu, batendo a porta atrás de si. As duas mulheres se entreolharam. Cat estava mais intrigada do que preocupada.

—Você sabe como fazer meu irmão perder a calma.

—Não a culpo por estar do lado dele — Dee murmurou.

—Costumo ficar,, mas desta vez estou neutra. Quanto ao conselho que ele deu, acho que está certo. Trate de repousar. Eu termino o serviço.

—Obrigada. Então, vou me deitar. Boa noite.

—Boa noite. Tenho certeza de que se sentirá melhor amanhã. Se precisar de alguma coisa, ou quiser conversar, ligue para mim.

—Obrigada mais uma vez.

A intenção de Dee era ignorar Baxter, fazer de conta que ele não existia. Parecia algo impossível, mas conseguiu. Após rolar na cama por uma hora ou duas, dormiu profundamente. Quando acordou, Baxter havia saído.

Desconfiou que estava sozinha na torre antes mesmo de encontrar o bilhete na cozinha. Curto e direto!

Fui à universidade. Volto à noite. Fique à vontade.

Ficar à vontade para fazer o quê? Abrir a geladeira? Pegar o dinheiro que ele deixara sobre a mesa?

Contou as cédulas. Cinco. No total Baxter deixara cem libras, o suficiente para comprar algumas roupas novas ou uma passagem de trem. A escolha era dela.

Optou por deixar o dinheiro onde estava e fazer um *tour* pela propriedade. Com Henry.

Não havia um jardim propriamente. Apenas um gramado que não estava muito bem cuidado. Um caminho na lateral da torre levava a uma garagem e a um depósito de ferramentas e instrumentos de jardinagem. Havia uma outra construção, mas a porta estava trancada. Dee espiou pela janela e viu um barco coberto por uma lona.

Depois, decidiu explorar a torre por inteiro. Começou pelo andar térreo. Empurrou uma porta. Pelo rangido, o lugar deveria ter pouco uso. Em tempos antigos, talvez fosse um depósito de armas. Não havia sido restaurado ainda. Seu aspecto era opressivo. Não se demorou ali mais do que um minuto.

Já conhecia o andar de cima: a cozinha moderna e a sala ampla que servia tanto para as refeições como para a convivência.

Não parou no segundo andar. Ali ficavam seu quarto e o de Joseph. O que a interessava era conhecer o quarto onde Baxter estava dormindo.

O lugar era pequeno e antigo. Ainda não fora reformado. Havia manchas de umidade nas paredes e poucos móveis. A cama de solteiro deveria ter sido feita para uma criança. Não comportava uma pessoa de sua estatura, quanto mais a de

Baxter.

Não lhe havia pedido que cedesse seu quarto, mas a sensação de culpa invadiu-a do mesmo jeito.

Arrumou a cama com capricho e dobrou as roupas que ele deixara espalhadas. Em seguida perguntou-se se o gesto não seria mal-interpretado. E se em vez de pensar que ela estava cuidando da casa, considerasse o ato uma invasão a sua privacidade?

No mesmo andar, havia outro quarto e também um escritório com uma mesa atulhada de papéis. Não entrou além da porta. Aquilo, sim, poderia ser considerado uma intromissão.

O último lance de escada dava para uma porta pesada com um ferrolho. Abriu-o. Como não tinha problemas com alturas, apreciou a vista ensolarada e deu boas-vindas à brisa que soprava em seu rosto.

Era um lugar incomum para viver. Mas Baxter, afinal, era um homem incomum.

Mais uma vez viu-se cogitando sobre o tipo de mulher que ele preferia. Intelectuais? Humanitárias como ele? Mulheres de carreira? Não sentia ciúme das mulheres que Baxter tivera. Não acreditava que ele as tivesse amado realmente. Baxter era um homem fechado e independente. Não precisava de ninguém. Nem de amor. E se mudasse de ideia, com certeza não seria por causa dela.

Por mais que tcesse conjecturas, Dee não conseguia parar de pensar em Baxter.

Assim, foi com o coração aos saltos que se preparou para recebê-lo no final da tarde, quando ouviu passos. Mas não era ele.

—Olá. Sou Joseph. O doutor falou a meu respeito?

—Sim. Como vai?

—Bem. Desculpe se a assustei.

—Oh, não. Apenas não o esperava.

—Talvez eu devesse ter tocado a campainha.

—Bobagem. Você mora aqui, não mora? Baxter foi a Edinburgh. Deixou uma nota avisando que voltaria à noite.

—Eu estava em casa de um amigo. Avisaram-me que o doutor havia chegado de viagem. Vim assim que soube.

Joseph só se referia a Baxter como doutor. Era evidente que o respeitava e estimava.

—Espero que ele não esteja zangado comigo.

—Acho que não. A propósito, meu nome é Dee. Baxter lhe falou a meu respeito?

O jovem negou com um movimento de cabeça.

—Você também está morando aqui?

—Por uns dias.

—Será bom. O doutor trabalha muito. Precisa de uma mulher para ajudá-lo.

— Dee sentiu vontade de rir. Era óbvio que Joseph não sabia sobre o plano. — Comprei ingredientes para um prato africano de que o doutor gosta. Quer que a ensine a prepará-lo?

—Não entendo de cozinha.

A afirmação provocou um olhar de perplexidade. Todas as mulheres deveriam ser boas donas de casa na África, Dee pensou.

— Estou aqui porque machuquei meu joelho. Não ficarei por muito tempo.

— Eu deveria ter imaginado — Joseph comentou com admiração. — O doutor é um grande homem e um grande médico. Sua vida é dedicada aos outros. Em meu país, as pessoas o veneravam.

Dee sorriu, mas não respondeu. Virou-se para a pia e apontou para a cafeteira.

—Aceita uma xícara? Acabei de fazer.

—Sim, obrigado.

—Notei seu sotaque francês — Dee observou. — Prefere falar nessa língua? Estou destreinada, mas aprendi esse idioma no colégio.

—Não, obrigado. Preciso praticar o inglês, caso consiga permissão para estudar aqui.

—O que gostaria de estudar?

—Medicina, como meu pai.

—O que fará se precisar voltar para a África? Uma sombra caiu sobre o rosto de Joseph.

— Infelizmente, não terei escolha. Serei obrigado a servir na guerra.

Após ouvir a história sobre a guerra civil que assolava o que já havia sido uma nação relativamente próspera, Dee entendeu o porquê de Baxter querer proteger Joseph.

Seus próprios problemas de repente lhe pareceram pequenos, insignificantes. Tinha um teto sobre sua cabeça e comida à vontade. Até mesmo um emprego.

Quando Baxter chegou, emocionou-se ao ver o abraço que ele e Joseph trocaram. Pareciam pai e filho. Como gostaria de receber um abraço igual. Por ela, contudo, Baxter não tinha nenhum interesse pessoal.

CAPITULO X

O barco deslizava suavemente ao vento. Dee olhava para Baxter ainda surpresa com o convite que ele lhe fizera. Joseph também fora convidado para o passeio, mas não pôde acompanhá-los porque havia assumido um compromisso.

Dee quase perdeu o fôlego quando Baxter a chamou. As esperanças cresciam cada dia. Ele vinha sorrindo para ela com frequência cada vez maior. Mas havia ocasiões em que voltava a se comportar de maneira distante.

—Quer me substituir no comando? — Baxter afastou-a de seus devaneios ao propor que pegasse no leme. Ela preferia continuar olhando para ele, mas não quis ser indelicada.

—Claro que sim. Aproveite e descanse um pouco.

Os papéis inverteram. Agora era Baxter que a analisava. Sentiu o rosto afogues-se.

—Tem tomado os comprimidos que Alan prescreveu?

—Tenho — respondeu, aborrecida. Será que Baxter só conseguia se interessar por ela profissionalmente?

Alan era o médico local e um velho colega de escola de Baxter. Baxter o chamara em sua segunda noite na Escócia para examiná-la. Os conselhos com relação ao tratamento do joelho tornaram-se uma ordem. O repouso era imprescindível. Além disso, foram prescritas vitaminas e sais minerais para combater sua anemia.

— Você está com aspecto bem mais saudável.

Ela não agradeceu. Não considerava uma observação médica como um elogio. Afinal ele não dissera que estava mais bonita ou mais sexy...

— Talvez o tratamento possa ser suspenso em breve — Baxter acrescentou.

Então você estará em condições de ir embora. Afinal seu joelho estará curado e a anemia tratada. Aquilo não seria um adeus?

Baxter notou a mudança de expressão no rosto de Dee.

—Algo errado?

—Não — Dee mentiu. Não havia mais o que esperar. Seria menos doloroso a seu orgulho se a despedida partisse dela. — Estava apenas pensando que já é tempo de eu seguir em frente com minha vida.

—Está querendo ir embora? — O tom de voz era de franca decepção.

Tão logo disse aquelas palavras, Dee se arrependeu.

—Eu...

—Se é o que você quer, não posso detê-la.
Era o que ela pensava que *ele* queria!

— Tem algum lugar em mente?

—Nenhum. Talvez uma pensão em Edinburgh.

— Com Henry? — ele lembrou. — E como pretende sobreviver?

Ainda não sabia. E antes que pudesse pensar em uma resposta, viu um navio se aproximando.

—Deus! Para onde devo virar?

—Para Port! — Baxter gritou ao mesmo tempo que corria para baixar as velas e diminuir a velocidade. Em seguida, voltou para ajudar Dee, mas antes que a alcançasse, o barco inclinou perigosamente.

Dee percebeu que Baxter iria cair. Largou o leme e tentou segurá-lo. Não foi possível. Ele caiu na água e ela, perdendo o equilíbrio, o seguiu.

Quando voltou à tona, Dee sentiu os braços de Baxter ao redor de seu corpo.

—Não tenha medo — Baxter murmurou.

Dee tentou sorrir, embora os dentes estivessem batendo uns contra os outros.

—Sinto muito. A culpa foi minha.

—Acontece. Agora, vamos tratar de sair desta água fria.

Ele ajudou-a a subir no barco e só depois de vê-la a salvo, apoiou-se na borda e saltou para dentro.

Dee poderia ter chorado devido ao susto. Em vez disso, pôs-se a rir. Em uma situação normal, não veria graça em Baxter tirar os sapatos de brim e torcê-los, mas naquele momento a atitude pareceu hilária.

Por sorte, Baxter não estranhou sua reação. Ao contrário. Ele também pôs-se a rir.

Debateram sobre o que fariam a seguir. Baxter sugeriu que voltassem e trocassem de roupa. Dee indicou o sol e perguntou se ele nunca havia caminhado sob a chuva. Por fim, concordaram em se secar ao sol e voltarem para casa apenas no final da tarde.

Não se tocou mais no assunto sobre a partida de Dee. Mesmo depois que voltaram para casa.

Cat brincou dizendo que Baxter estava segurando Dee, pois ela significava uma garantia contra ex-namoradas que poderiam voltar a assediá-lo quando soubessem que continuava solteiro. Dee não fez nenhum comentário. Sabia que uma mulher o procurara várias vezes após a primeira quinzena de seu regresso, mas tinha certeza de que Baxter não saía para encontrá-la. Nem para encontrar outras mulheres.

Suas vidas adquiriram uma rotina. Baxter dirigia quase todos os dias até Edinburgh para trabalhar em sua pesquisa. Joseph o acompanhava algumas vezes. Outras, preferia usar a moto para o caso de resolver dormir na cidade em casa de algum amigo. Dee permanecia em casa com Henry, cuidando da limpeza em troca da hospedagem, ou caminhando pelas colinas ou tomando conta de Morag quando Cat precisava fazer compras ou ir ao médico.

Estava tudo indo bem. Dee não conhecia tanta paz e felicidade desde que seu pai morrera. Distraía-se com a flauta e com os livros que Baxter lhe emprestara. Nunca lera tanto. E também verificava prospectos de todas as faculdades locais na tentativa de decidir por uma carreira.

As matérias de que mais gostava eram literatura inglesa, francês e história. Estava se sentindo bastante inclinada a cursar uma delas no ano seguinte.

Baxter revelou-se um homem diferente no dia-a-dia. Além de tudo era um bom cozinheiro. As tarefas domésticas, portanto, ficavam a cargo de Dee e a cozinha, de Baxter. Joseph era dispensado dos afazeres, nas ocasiões em que ficava em casa. Tinha muito o que estudar para poder ingressar na faculdade. Isso, se conseguisse residência no país como refugiado.

Após o jantar, costumavam dar um passeio ou jogar xadrez. Eram ótimos parceiros, ela e Baxter. Com Joseph, o jogo não tinha graça. Ele sempre vencia. Mas, na maioria das noites, apenas se sentavam na sala e conversavam horas e horas sobre tudo e sobre nada.

Os fins de semana começavam na sexta-feira, quando Baxter a levava ao supermercado. Nas primeiras vezes Dee preparou uma lista, mas Baxter reclamava que listas tiravam o prazer da compra.

Nos sábados, costumavam velejar. A não ser, é claro, que Morag pedisse para que a levassem ao cinema para assistir a algum filme das produções Disney ou ao zoológico.

O fato de saírem juntos não a ajudou a esquecê-lo. Se Baxter fosse uma má companhia, se suas conversas fossem monótonas, ela, talvez, não estivesse mais interessada nele como homem. O problema era que Baxter reunia todas as qualidades que admirava. Era bonito, inteligente e espirituoso, além de calmo e controlado. O fato era que Baxter era sua cara-metade. O problema era que apenas ela enxergava isso.

Baxter continuava vendo-a como a jovem rebelde com excessivo número de brincos na orelha e cabelos curtos. Não se dava conta de que seus cabelos estavam crescendo e de que ela passara a usar apenas um par de brincos. Discreto e delicado, inclusive. E que muitos homens se viravam para olhar quando ela passava na rua.

Como gostaria de ser mais velha! Como gostaria de não mais ser considerada uma criança. Não quis nem sequer contar que era seu aniversário, quando o dia chegou. Para quê?

Mas Baxter descobriu a respeito no dia seguinte, um sábado, por causa da correspondência.

Ele apanhou-a sob a porta e distribuiu-a enquanto tomavam o café da manhã.

—Para você. — Baxter entregou um envelope grande e pardo a Dee. Ela o reconheceu imediatamente, antes de ler o nome do remetente.

—Não é seu aniversário, é? — Baxter quis saber.

—Não, foi ontem.

—Eu não sabia — disse Joseph. — Meus parabéns, Deborah.

Dee agradeceu com um sorriso tímido.

—Muitas felicidades — continuou Baxter e indicou o pacote. — Não vai abri-lo?

—Claro que vou — respondeu, hesitante.

O envelope decorado marcava o número dezoito na frente. A mensagem não era exatamente calorosa. Dizia apenas "Com amor, mamãe". Não mencionava saudade nem pedia visitas, quanto mais uma volta ao lar. O cheque em anexo sugeria uma compensação.

—É de seu padrasto? — Baxter perguntou.

—Não, é de minha mãe — Dee respondeu na defensiva. Em seguida mostrou o cheque. Sentiu que era seu dever. Baxter a deixara ficar em sua casa porque sabia que não tinha dinheiro. A importância de quinhentas libras mudava a situação.

—Ótimo. Fico contente por você.

—Bem — Dee suspirou —, ao menos não estou mais arruinada.

—Por uma semana ou pouco mais, ao menos — Baxter declarou.

Dee franziu o cenho.

—Por que disse isso? Acha que eu sairia por aí e torraria tudo em um piscar de olhos?

—Por que não? Não é para isso que serve o dinheiro? Para gastar? Principalmente à idade de dezoito anos? Você poderia sair esta noite e comemorar sua maioridade em um bar.

—É verdade — Dee pareceu concordar: — Mas não posso sair esta noite. Sua irmã me pediu para cuidar de Morag.

De repente, a ideia pareceu irresistível a Dee. Sair com Baxter e com Joseph para celebrar sua maioridade seria algo inesquecível.

—Poderíamos ir amanhã — Dee propôs.

—Eu aceito — Baxter respondeu.

—Eu também — disse Joseph.

—Então o encontro está marcado — Baxter confirmou. *Um encontro.* Dee repetiu mentalmente aquelas palavras. Como gostaria que fosse verdade. Cat lhe confidenciara que o irmão não costumava ficar sem uma mulher por muito tempo. Como seria se ele trouxesse alguém para dormir em seu quarto?

O pensamento foi tão insuportável que Dee fechou os olhos. Quando tornou a abri-los, Baxter estava entregando um envelope a Joseph.

— O que você esperava, chegou. E um envelope oficial do Departamento de Imigração.

O jovem engoliu em seco.

— Leia para mim, doutor, tenha a bondade.

A tensão se estendeu também a Dee. Pelos modos de Baxter, as notícias não eram favoráveis. Incapaz de controlar a decepção, Joseph se levantou e saiu da sala.

Dee fez menção de segui-lo, Baxter a deteve.

—Ele descende de nobres. E muito orgulhoso. Será ainda mais difícil encarar a situação se tiver testemunhas de sua dor.

—Quer dizer que não há mais esperanças?

Um movimento afirmativo de Baxter confirmou o fato.

—Ele terá um prazo de dois meses para deixar o país.

—Nós precisamos ajudá-lo — Dee afirmou. Em verdade não havia acreditado, até aquele instante, que o caso de Joseph era realmente desesperador. — *Eu o ajudarei. Foi para isso que vim para cá, não foi?*

Se era gratidão que Dee esperava receber, teve uma decepção.

— Não. No início era, depois tudo mudou. — Baxter se levantou. — Preciso dar uns telefonemas. Em seguida, sairei.

Dee calou-se, magoada. Baxter se apresentara a ela com o único objetivo de ajudar Joseph. Por que mudara de ideia? Não confiava nela? Tinha medo de uma traição de sua parte?

Raiva e auto-piedade a dominaram. A raiva foi mais forte. Era a vida de Joseph que estava em jogo. Baxter não tinha o direito de decidir.

Foi nesse estado de espírito que Dee procurou Joseph mais tarde, quando levou um sanduíche em seu quarto. Joseph, apesar de tudo, estava estudando.

—Joseph, Baxter lhe contou por que me trouxe aqui?

—Você estava com a perna machucada.

—Sim — Dee admitiu. — Mas ele não comentou algo com você sobre casamento como solução para seu problema?

—Um casamento com uma cidadã britânica? — Joseph disse. — Sim, ele fez uma brincadeira a respeito, mas o assunto logo foi esquecido. Eu não conheço ninguém para me casar.

Dee respirou fundo. Era óbvio que Joseph jamais a considerara uma candidata. Ela tampouco pensava em se casar. Até conhecer Baxter.

— - Você me conhece.

Joseph encarou-a por um instante. Depois riu.

—Estou falando sério.

Ele continuou encarando-a, incrédulo.

— Não podemos nos casar. Baxter não permitiria. Você é sua *chère amie*.

Dee cogitou o que Joseph estava querendo dizer. Estaria se referindo a ela como amante de Baxter?

—Por que diz isso? — Dee caçoou.

—Notei o modo como vocês se olham. Acho que deveria propor casamento a ele, não a mim.

Dessa vez, Dee não sentiu vontade de brincar.

—É esse o costume em seu país? São as mulheres que pedem os homens em casamento?

—Não. Kirundi segue costumes tradicionais. O homem procura o pai da moça e lhe oferece bodes de presente. Na Inglaterra, contudo, há liberdade. As moças podem escolher os homens. Você não quer Baxter?

O rosto de Dee enrubesceu. Ela não esperava por uma pergunta direta.

— Desculpe — Joseph murmurou. — Não pretendia ofendê-la.

— Não ofendeu. A ideia de eu me casar com você partiu do próprio Baxter.

Joseph mostrou-se perplexo.

—Eu quero que considere essa opção, Joseph — Dee insistiu. — Sei o quanto lhe significa estudar aqui. Além disso, não tenho nenhum outro plano de casamento em vista. Joseph sorriu, constrangido.

— Confesso que não sei o que dizer. Você é muito gentil. Antes de mais nada, preciso conversar com o doutor.

Por sorte, Cat havia lhe pedido para cuidar de Morag aquela noite e dormir em sua casa. Assim, quando retornasse, Joseph e Baxter já teriam conversado sobre aquele assunto, Dee pensou.

Cat notou sua preocupação, mas quando lhe perguntou se havia algo errado, Dee preferiu tranquilizá-la. Cat tinha bastante com o que se preocupar. No final da gravidez, estava se sentindo cansada e um jantar de negócios com os clientes de seu marido não lhe parecia um bom programa.

—Estou parecendo uma baleia — resmungou.

—Você está linda — Dee escutou Ewan dizer. Ficou fascinada. Eles estavam casados havia dez anos e ainda pareciam apaixonados. Eram diferentes dos casais que ela conhecia.

—Mentiroso — Cat respondeu com um sorriso de prazer.

—Você me coloca de castigo quando minto — Morag protestou.

Os adultos foram salvos de uma explicação com a chegada do táxi que os levaria ao clube onde seria oferecido o jantar.

Dee havia se afeiçoado ao casal e a pequena Morag no decorrer do tempo.

Brincaram e riram por duas horas. Depois, Dee colocou-a na cama e leu algumas histórias. Quando a menina adormeceu, foi para o quarto de hóspedes e procurou dormir também. Não queria passar a noite acordada, pensando na conversa que Joseph teria com Baxter.

Acordou com um barulho insistente. Aguçou os ouvidos. Alguém estava batendo à porta. Levantou-se. Havia se esquecido de tirar a chave da fechadura.

Provavelmente Cat e Ewan não estavam conseguindo entrar. Mas não era Cat nem Ewan. Era Baxter.

Ele entrou. Seus olhos percorreram-lhe o corpo, da cabeça aos pés. Ela ainda estava usando uma das camisas dele como pijama.

—Você não tem juízo? — ele a censurou antes mesmo que ela tivesse tempo de acordar e pensar. — Sabe o que fez? Abriu a porta no meio da noite sem perguntar quem era.

—Pensei que eram sua irmã e seu cunhado.

—Poderia ter sido um criminoso — Baxter retrucou, zangado.

—Está bem — Dee respondeu. Sabia que estava errada, mas preferiu não estender o assunto. — O que você quer?

—O que acha que eu quero?

"Brigar comigo", Dee pensou. Mas resolveu ser direta. — Falar sobre Joseph.

—O que mais poderia ser?

Dee fez um movimento com os ombros.

—Poderia ser por outro motivo? — Baxter insistiu.

—Quem sabe? — Ela tornou a dar de ombros. — Você é contra quase tudo que faço.

—Isso não é verdade. — Dee fez menção de se afastar. Baxter segurou-a pelo braço. — Aonde pensa que vai?

—A cozinha. A menos que você prefira que eu vá ao quarto de Morag e verifique se ela acordou com seus gritos.

—Eu não estou gritando! — Baxter protestou em tom ligeiramente mais baixo. — Está bem. Vamos para a cozinha.

O comportamento de Baxter começou a irritá-la. Foi até a pia e pegou um copo d'água. Ele também se serviu de algo, mas foi de uísque. Após tomar um gole, olhou para ela.

—Quer uma dose?

—Não, obrigada. Eu não bebo — Dee respondeu, séria. Baxter serviu-se de outro copo.

—Que tal me contar sobre esta tarde? O que aconteceu?

—Com Joseph?

—Sim, com Joseph — Baxter respondeu com impaciência. — A menos que você tenha pedido mais algum homem em casamento, é claro.

—Não que eu me lembre — Dee respondeu, sarcástica. No mesmo instante, viu as juntas dos dedos de Baxter em palidescerem ao redor do copo. Ele estava realmente nervoso. Mas conhecia-o bem o suficiente para não temer um confronto físico.

—E alguma brincadeira? Está tentando me atingir por meio de Joseph?

—Não estou entendendo — Dee foi franca em dizer.

—Qual seu interesse? Dinheiro?

—Isso importa? — Dee retrucou, ofendida. — Quem pode garantir que não me apaixonei por ele? Afinal estamos vivendo na mesma casa há um bom tempo.

A declaração soou convincente. Até demais.

—Foi isso que aconteceu?

—O quê?

—Você se apaixonou?

Dee sentiu que corava. Sim, ela havia se apaixonado. Mas não por Joseph.

— Não, claro que não. Eu já lhe disse que não acredito em amor.

— Então por quê?

— Use a imaginação. — Baxter manteve-se em silêncio.

Ela prosseguiu. — A ideia foi sua.

— Naquela época, eu não a conhecia — Baxter justificou.

— E agora que me conhece, não confia em mim, não é?

— Dee esbravejou. — Prefere que Joseph seja expulso da Inglaterra!

Não havia mais o que dizer. Dee quis se afastar. Mas, mais uma vez, Baxter a deteve.

—Não é uma questão de confiança.

—Não? O que é, então?

—Você não sabe? — Baxter encarou-a como se a acusasse de algo.

—Não!

—Não pode se casar com Joseph.

—Então procure outra noiva para ele. Talvez confie mais em uma de suas ex-namoradas.

Baxter suspirou.

— Não seja ridícula.

—Oh, eu esqueci. Joseph é jovem demais para elas.

Assim que disse aquelas palavras, Dee se arrependeu.

—Tenho trinta e quatro anos. Acha que sou velho?

— Não. E você quem acha isso. Está sempre me chamando de criança

—Talvez tenha sido esse meu erro. Não tratá-la como uma mulher. — Ele atraiu-a contra o peito e fitou-a. — Não é disso que gosta? De saber que exerce fascínio nos homens?

—Por favor...

—Quanta pureza em seu tom de voz! — Baxter zombou.

—Solte-me!

—Ainda não. Foi você quem começou. Quer que eu a trate como uma mulher, não quer?

Dee não sabia mais o que queria. Quando Baxter segurou-a pelo pescoço e a fez encará-lo, sustentou-lhe o olhar. Ele a beijou sem paixão, no intuito de castigá-la. Ela cerrou os lábios, tentando resistir.

Mas fazia tanto tempo que não ficavam juntos, tanto tempo que não se beijavam, que a raiva logo passou e o beijo tornou-se doce e persuasivo.

Quando finalmente se afastaram, ela não conseguiu se lembrar da razão pela qual haviam discutido. Não conseguiu pensar nem parar de olhar no fundo daqueles olhos azuis e de desejar outro beijo.

— Não está certo — Baxter murmurou ao mesmo tempo que se inclinava mais uma vez à procura dos lábios trêmulos de Dee.

Ambos pararam de respirar quando o beijo se tornou mais intenso. Em seguida, as respirações ficaram ofegantes. Não se tratava mais de um jogo. Dee enlaçou-o pelo pescoço e não escondeu seus sentimentos. Quanto mais se beijavam, mais beijos queriam.

Por fim, após ousadas carícias sob as roupas, quando Baxter começou a gemer e a tentar deitá-la no chão, Dee recuperou o controle.

—Aqui não.

—Não. Aqui não. — Ao se dar conta do que estava fazendo, Baxter respirou fundo e segurou-a pela mão. Em seguida conduziu-a pelo corredor em direção ao quarto de hóspedes.

O pouco bom senso que lhe restava pedia que lembrasse Baxter de que a sobrinha estava dormindo no andar de cima e que Cat certamente não gostaria de saber sobre o que estava acontecendo. Mas Baxter voltou a beijá-la e a atrair seu corpo de encontro ao dele e ela não conseguiu pensar em mais nada.

Depois de beijar seus lábios, Baxter começou a deslizar a boca pelo pescoço até alcançar a barreira da roupa. Afastou-se, então, e começou a desabotoar-lhe a blusa. Cada botão que ele soltava significava um beijo no local. As partes da blusa foram finalmente separadas. Nesse instante, Baxter concentrou-se no vale entre os seios.

Dee não parava de tremer. Queria que Baxter continuasse a amá-la e não queria. Em determinado momento, quando seus olhos se encontraram, ela baixou a cabeça. Baxter não podia ler o amor que estava transbordando dos dela. Nem seu medo.

Ele a deixou inteiramente nua. No entanto, era seu rosto que ele olhava o tempo todo enquanto se despia e exibia o peito largo coberto de pêlos escuros.

Só depois que tirou a camisa, ele se permitiu admirar o corpo de Dee. Era ainda mais lindo do que se lembrava. A pele era pálida como marfim e macia como seda. O corpo era delicado e esguio, mas os seios eram cheios e firmes.

Os olhos de Baxter acariciaram cada parte da anatomia feminina como se estivessem lhe fazendo amor mentalmente. Dee pensou que não resistiria à vergonha, mas não foi o que aconteceu.

Manteve-se calma até Baxter tornar a tocá-la. Nesse instante, voltou a tremer.

— Você está com frio — ele sussurrou e carregou-a para a cama. Deitou-a gentilmente e cobriu-a com o lençol.

Ainda trémula, Dee observou-o enquanto terminava de se despir. Primeiro Baxter tirou o relógio e colocou-o sobre a mesa-de-cabeceira. Depois foi o cinto. Ele também tirou os sapatos, as meias e o jeans, mas deitou-se com a cueca.

O calor do momento havia passado, mas não para Baxter. O modo que ele acariciava-lhe os cabelos e o rosto dizia isso. E Dee reconheceu que esperava por aquilo desde sua primeira noite na torre. Era ansiedade o que sentia, não medo.

— Sinto dizer, mas não estou prevenido — Baxter murmurou. — Tudo bem?

Dee demorou um instante a entender. Talvez devesse agradecer pelo aviso e pela preocupação de Baxter com as possíveis consequências. Em vez disso, sentiu um aperto no peito. Baxter estava acostumado a ter mulheres. Era apenas mais uma para ele.

—Bem, se você tampouco se preveniu, basta dizer, certo?
— Ele sorriu.

—Ok.

O sorriso aumentou.

— Dê-me um beijo.

Agora, Dee não hesitou. Baxter havia se deitado e ela se inclinou sobre ele. O beijo foi suave no início, mas ao ter certeza de que Dee também o queria, Baxter não esperou mais.

Rolou-a na cama, segurando-a pela base das costas com uma das mãos e pela nuca com a outra. O beijo, que não interrompeu nem sequer por um segundo, foi tão íntimo que deixou-a sem fôlego.

Quando os lábios deixaram sua boca para beijarem as orelhas, as faces, o pescoço, os ombros e os seios, ele já estava por cima dela.

Entre gemidos, Dee afundou os dedos nos cabelos de Baxter. O prazer que ele estava lhe proporcionando, sugando os seios, um após o outro, era tão intenso que se espalhava por todo o corpo.

Baxter sabia tudo sobre a arte do sexo. Sabia como, onde e quando tocá-la. Mas no instante que a tocou no centro de sua feminilidade, não teve certeza se estava ou não pronta.

Ele tornou a beijá-la até sentir que as pernas relaxavam em vez de se contraírem às carícias. E elas eram tão intensas e voluptuosas que provocaram espasmos e gemidos ainda mais altos.

Dee abriu os olhos ao sentir que uma imensa onda a cobria, Baxter estava olhando para ela e descobrindo seus segredos. Era impossível ocultar as emoções.

Havia ternura na voz de Baxter quando tornou a falar.

—Estou te machucando?

—Não — ela respondeu com um fio de voz.

—Você é virgem, não?

Dee concordou com um gesto de cabeça.

— Isso importa? — Não importava para Dee. Ela queria que Baxter fosse o primeiro e o último homem em sua vida.

— Talvez seja errado por causa de nossa diferença de idade, mas agora não tenho certeza de mais nada. Não sei o que você quer de mim.

"Amor", Dee pensou. Muito amor. Mas não era uma tola.

— O que estamos fazendo não é suficiente? — Dee perguntou como se estivesse satisfeita.

Ele pareceu inseguro. Talvez não estivesse acreditando na sorte que tivera. Uma mulher que não exigiria um compromisso.

Dee sentiu que precisava convencê-lo daquelas palavras. Abraçou-o, trazendo-o para junto de si, e beijou-o. Se Baxter hesitou, foi apenas por alguns segundos. Logo estava beijando-a como se o desejo ainda não tivesse diminuído.

Mais tarde, Dee pensou que teria feito qualquer coisa que Baxter pedisse. Mas não houve tempo. O ruído do carro de Cat e de Ewan chegando fez com que voltassem à realidade.

Dee ficou em pânico.

—Cat!

Baxter soltou-a, rindo.

— Não se preocupe. Cat é uma mulher adulta. Sabe que o irmão dorme com mulheres.

A situação poderia ser divertida para ele, mas não para ela.

— Não é *sua* reputação que está em jogo!
Enquanto procurava a roupa, Baxter continuava na cama, olhando calmamente para ela.

— Você tem um sinal de nascença.

Ela sabia que tinha e onde ficava. Puxou a coberta e jogou-a sobre o corpo. Mas só percebeu que o que fizera fora ainda pior, quando era tarde demais. Em sua posição indolente, Baxter estava inteiramente exposto.

— Por favor! — Dee implorou. Não queria que Cat pensasse mal a seu respeito, apesar do modo como havia se comportado.

Por fim, Baxter se levantou e vestiu o jeans e a camisa. Em sua calma, já estava vestido enquanto Dee continuava procurando sua camisa de dormir.

Ele a encontrou e entregou-a com um beijo. Um beijo tão apaixonado que deixou-a perplexa. Mesmo com a irmã e o cunhado na iminência de entrar na casa, Baxter ainda

a queria.

No instante seguinte, ouviram Cat chamá-los. Sabiam da presença de Baxter pelo carro, por certo.

— Arrume a cama — Baxter instruiu-a. — Se eles entrarem aqui, deixe que eu fale.

Dee fez o que Baxter pedia sem discutir. Enquanto isso, ele abriu a janela.

— Estamos aqui — ele disse.

Cat entrou e parou após dar um passo. Ora olhava para Dee, que passava os dedos nervosamente pelos cabelos, ora para seu irmão, junto à janela.

— Dee estava com calor — Baxter informou — Eu precisei vir ajudá-la a abrir as venezianas. Elas estão um pouco emperradas.

O olhar de Cat recaiu sobre o relógio em cima da mesa-de-cabeceira. Quando tornou a olhar para Baxter, notou a umidade em sua testa.

—Parece que o calor também o atingiu. Talvez esteja precisando de um banho frio.

—Boa ideia. — Baxter recebeu a sugestão com um sorriso. — Acho que vou tomá-lo agora mesmo. A menos, é claro, que Dee prefira ir para casa.

Os olhos de Baxter se fixaram em Dee com um pedido mudo para que fossem imediatamente para a torre.

Dee pestanejou. Se fossem para casa, certamente continuariam o que estavam fazendo. Mordeu o lábio. Como seria depois? Seguiriam com suas vidas como se nada tivesse acontecido? Para ela, seria impossível.

Cat pressentiu a indecisão e disse.

—Que bobagem! É muito tarde. Dee não está nem sequer vestida, caso não tenha notado.

—Oh, eu notei.

—Sim, e eu não nasci ontem — retrucou Cat.

Dee sentiu-se ainda mais constrangida. Talvez irmão e irmã estivessem acostumados a situações como aquela.

—Engraçado você dizer isso — Baxter brincou. — Dee nasceu.

—É mesmo? — Cat virou-se para Dee. — Foi seu aniversário? Deveria nos ter contado. Quantos anos fez?

—Dezoito.

Cat franziu o cenho.

—Não precisa fazer um sermão — Baxter murmurou.

— Não. Apenas espero que tenha consciência do que está fazendo.

—Eu tenho, acredite — Baxter respondeu.

Dee percebeu que a discussão tinha a ver com sua idade. Foi sua vez de franzir o cenho. Mas Cat logo voltou ao normal.

—Parabéns — disse. — Dezoito anos é uma idade especial. Precisamos comemorá-la.

—Estou tomando providências — Dee disse. — Você receberá um convite.

—Para uma festa?

—Para meu casamento — Dee corrigiu.

—Casamento? — Cat pareceu levar um choque. Mas o sorriso que deu em seguida era de pura felicidade. — Oh, mal posso crer! Baxter, por que não disse nada? Que genial!

Baxter não respondeu. Estava sério. Dee sabia que também o havia chocado. Mas o que poderia fazer? Sabia que não havia futuro para ela com ele.

— Com Joseph — Dee acrescentou.

De sério, ele ficou zangado. Ou melhor, furioso.

—É verdade? — Cat perguntou, assombrada.

—Pergunte a ela — Baxter resmungou.

—Sim.

—Não consigo entender — Cat confessou. — Vai se casar com Joseph por causa daquele problema com a imigração?

Dee assentiu.

—Só por esse motivo? — Cat insistiu. — Você aprova, Baxter?

—Importa o que eu penso?

—Importa. — Dee o fez parar em seu caminho para a porta.
— Joseph não fará nada sem consultá-lo. Você sabe disso.

—E o que espera que eu faça? — Baxter indagou. — Que lhes dê minha bênção?

Baxter começou a avançar em direção a Dee. Cat o deteve.

—Por favor, parem com isso!
Baxter não atendeu.

— Está bem. Eu dou. Não quer também que eu a entregue nos braços dele diante do altar?

Era o orgulho falando. Dee reagiu do mesmo modo.

—Como pode me tratar assim? Fala como se *eu* o tivesse traído!

— Parem! — Cat implorou. — Vocês estão indo longe demais!
Mas não havia mais volta. Baxter olhou para Dee com desprezo e saiu, batendo a porta.

Cat chamou-o e tentou segui-lo, mas foi em vão. Ele subiu em seu carro e foi embora.

—O que houve? — Ewan quis saber.

—Não tenho certeza — Cat respondeu. — E Morag?

—Dormindo como um bebê. Pensei que Dee fosse dormir em nossa casa esta

noite.

—Ela irá.

—Então, o que Baxter estava fazendo aqui?

—Boa pergunta! Suba, querido. Logo estarei com você.

—Não demore, está bem? Você precisa descansar.

—Só quero trocar umas palavrinhas com Dee.

Não foi possível. Antes mesmo de chegar ao quarto de hóspedes, Cat ouviu os soluços de Dee. Bateu à porta e a viu chorando, com a cabeça enterrada no travesseiro.

CAPITULO XI

Como estou? — Dee perguntou ao 'sair do provador. Cat examinou-a da cabeça aos pés. Dee parecia outra pessoa sem o costumeiro jeans e suéter.

O vestido era lindo: de cetim branco, longo, decotado, justo na cintura e nas mangas. Mas o que realmente o tornava especial era a jovem que o usava. Os cabelos curtos e espetados haviam crescido e agora estavam brilhantes e bonitos.

—Inacreditável! — Cat exclamou.

—Não estou me sentindo à vontade dentro dele, mas darei um jeito de superar o problema.

—Tem certeza do que está fazendo? — Cat tentou mais uma vez solucionar aquele quebra-cabeças. — Não acho que Baxter tenha pensado em um vestido de noiva quando planejou ajudar Joseph.

—Não? — Dee fingiu indiferença.

—Ele apenas disse que você deveria usar algo apropriado.

—Existe algo mais apropriado para um casamento do que um vestido de noiva? — Dee ironizou.

—Tudo o que está fazendo é para atingir meu irmão, eu sei — Cat murmurou.

Dee franziu o cenho. Não havia mais segredos entre ela e Cat. Desde a noite fatídica, passara a morar com os Macdonald e a trabalhar como babá de Morag. — Sou uma tola. Duvido que ele compareça à cerimônia.

— Eu não teria tanta certeza. Afinal, a garota com quem ele gostaria de se casar, estará desposando outro.

—Ele não admite a ideia de se casar comigo. Acha que sou jovem demais.

—Ou ele se considera velho demais para você?

—É a mesma coisa.

—Não, não é — Cat afirmou.

Cansada de conjecturas, Dee avisou que iria tirar o vestido para irem embora. Cat não teve paciência para esperar. Puxou uma parte da cortina e prosseguiu com a conversa.

—Seria lamentável se vocês não se casassem somente por causa da diferença de idade. Veja meu caso. Eu tinha vinte e três anos quando conheci Ewan. Ele estava com quarenta e um. A diferença entre nós é maior do que a sua e de Baxter. E nosso casamento deu certo.

—Não é uma questão de idade apenas — Dee murmurou.

—É uma questão de quê? — Cat quis saber.

—Não sou o tipo" dele.

—Bobagem. Meu irmão nunca teve um tipo preferido.

Dee já havia percebido por diversas vezes que Cat gostaria que ela se casasse com o irmão. Talvez para evitar que ele decidisse voltar à África.

—Sei que suas intenções são boas, Cat — Dee resolveu dizer —, mas acho melhor você tirar da cabeça essa sua ideia de Baxter e eu nos casarmos. Aconteça o que acontecer, vou me casar com Joseph no próximo sábado.

—Seu compromisso com Joseph é sério. Não estou criticando-a. Apenas parece-me uma medida drástica demais vocês se casarem na igreja.

—Confesso que isso não me agrada. Mas ouvi quando Baxter disse a você que um juramento diante de Deus seria mais convincente perante as autoridades do serviço de imigração.

Após ouvir essas palavras, Dee convencera Joseph a procurar uma igreja e ela e Cat visitaram uma loja de aluguel de roupas.

O pior fora mentir para um representante de Deus. Quando Joseph e ela saíram da igreja, após marcarem a data, entraram no carro de Baxter, que ficara esperando-os na rua.

— Algum problema? — ele perguntou.

Nervosa, Dee acendeu um cigarro. Foi Joseph quem respondeu:

— Não foi fácil, doutor. Acho que Deus está zangado com o que fizemos.

A surpresa de Dee foi grande. Quando esperava que Baxter fosse zombar da atitude de Joseph, ele procurou tranquilizá-lo.

— Deus perdoará a mentira. Ele sabe o que se passa no coração das pessoas.

No entanto, na primeira oportunidade que Baxter ficou a sós com Dee, na casa da irmã, o tratamento que lhe deu foi oposto.

—Se está com alguma intenção de desistir, diga agora.

—Por que desistiria?

Baxter fitou-a com hostilidade. Ela sustentou o olhar. Por pouco tempo. Ainda estava apaixonada por ele. Nunca o esqueceria. Para disfarçar, acendeu um

cigarro.

— Anda fumando muito — Baxter observou.

Dee ergueu os ombros.

—Não entendo como Cat tolera esse vício, especialmente em seu estado.

—Não fumo dentro de casa — Dee se defendeu. — E se o sermão ainda não terminou, trate de acabá-lo. Ewan chegou.

Baxter seguiu o olhar de Dee e viu o cunhado estacionando o carro.

—Quero que fique com isto. — Baxter tirou um cheque de seiscentas libras do bolso e entregou-o.

—Não é preciso.

—E para as despesas. Você não pode se casar de jeans, não acha?

—Está bem.

Dee não agradeceu. Não pôde. Apenas pegou o cheque e se afastou, correndo.

Dee voltou ao presente ao terminar de se vestir. Pagou quatrocentos e cinquenta libras pelo aluguel e estava esperando que a dona da loja embrulhasse o vestido, quando percebeu que ela abria um caderno.

— Quando será seu casamento?

—No próximo sábado.

A mulher pestanejou.

—Bem, antes precisarei consultar a lista de reservas.

As noivas costumam escolher os vestidos com dois meses de antecedência. — Um instante depois ela tornou a olhar para Dee. — Está com sorte. Talvez por este ser um dos vestidos mais caros da loja, não é alugado com muita frequência.

— Obrigada por tudo — Dee agradeceu enquanto tomava café com Cat em uma confeitaria, onde Ewan e Morag iriam buscá-las.

— De nada — Cat respondeu. — Adoro casamentos. Pena que o seu não seja de verdade.

A voz de Cat soou tão melancólica que Dee sentiu-se no dever de dizer:

—Se está preocupada com o aspecto legal da situação, tenho certeza de que Baxter conseguirá outra testemunha.

—Oh, não. Quanto menos pessoas se envolverem nisso, melhor será.

A conversa foi interrompida pela chegada de Ewan e de Morag. A menina estava excitadíssima com o prospecto do casamento. Durante o traje to, não sossegou enquanto Dee não prometeu que posaria para ela com o vestido assim que chegassem.

Baxter estava esperando-os diante da casa.

Com o coração apertado, Dee tentou escapar para seu quarto, enquanto os familiares se abraçavam. Mas foi detida por Morag, que a segurou pela mão, e também por um chamado de Baxter.

—Preciso falar com você.

—Oh, tio, agora não! — Morag implorou. — Dee e eu vamos experimentar nossos vestidos para o casamento. Se quiser, nós mostraremos a você.

—Não dizem que dá azar? — Baxter respondeu, seco.

—Só se você fosse o noivo, querido irmão — disse Cat. Para Morag, estava decidido.

—Venha, Dee. Precisamos nos vestir.

Dee seguiu, calada. Não teve forças para protestar.

Morag ficou deslumbrada com o vestido. Ela, contudo, desejou poder devolvê-lo. O que estava fazendo não era certo. Estava se casando com um homem e amava outro.

Assim que terminaram de se vestir, Morag puxou-a novamente pela mão.

—Vamos! Tio Baxter está esperando!

—É você quem ele quer ver — Dee disse com um fio de voz. — Vá, querida.

Morag hesitou por um instante, mas concordou. Sozinha, Dee encostou-se à parede e fechou os olhos. Não poderia entrar em uma igreja com aquele vestido. Não suportaria. Cumpriria o prometido e se casaria com Joseph, mas com um vestido simples que não acentuasse a farsa.

Morag voltou para o quarto rindo de satisfação.

— Meu tio disse que sou a menina mais bonita do mundo. Como você não desceu, ele está subindo para vê-la.

Não houve tempo para tirar o vestido. Mal Morag terminou de falar, Baxter surgiu à porta do quarto. Não entrou. Não era preciso. De onde estava, sua visão era total.

—Lindo, não? — Morag perguntou.

—O vestido, sim — ele custou a dizer. — Preciso falar com você, Dee. Troque de roupa e iremos a algum lugar.

O tom de voz não poderia ter sido mais frio. Até mesmo Morag percebeu.

— Acho que ele não gostou.

—Não tem importância. É com Joseph que irei me casar. Morag fez um movimento afirmativo com a cabeça.

—Talvez fosse diferente se ele fosse o noivo.

Dee não soube como responder à sabedoria da criança. Tirou o vestido, pendurou-o em um cabide e vestiu seu jeans e sua camiseta. Não tornaria a colocar o vestido. Apesar do prejuízo, estava decidida a não usá-lo.

Levou-o a seu quarto e saiu pelos fundos para ver Henry. Ele também estava morando com os MacDonald. Estava acariciando-o quando Baxter surgiu as suas costas.

—Como ele está?

—Bém.

Baxter inclinou-se para brincar com o cachorro.

— O que você quer?

— Precisamos conversar, mas não aqui. Joseph está a nossa espera na torre.

Dee não discutiu. Deu alguns biscoitos para Henry e seguiu Baxter em direção ao carro. Estava com os nervos em frangalhos. Não conseguia nem sequer encontrar uma posição no banco.

—Se está precisando, pode fumar.

—Estou sem cigarros — Dee mentiu. Decidira parar de fumar, mas não queria que Baxter pensasse que fora por causa dele.

Dee ficou surpresa ao ver um táxi diante da torre.

— O que esse táxi está fazendo aqui? — Dee perguntou.

—Esperando Joseph.

—Para quê?

—Para levá-lo ao aeroporto.

—O quê? — Dee indagou, alarmada. — Ele voltará a Kirundi?

—Não. Mas para que você não tenha dúvidas, quis que viesse ouvir a história dele próprio.

—Então não haverá casamento?

—Não — Baxter respondeu. — Ficou decepcionada?

—Não há nada entre mim e Joseph e você sabe perfeitamente disso!

Baxter desceu do carro e Dee o seguiu. Olhou para o alto. A torre lhe pareceu magnífica. Fazia semanas que não a via e a saudade a ensinara a apreciá-la.

Subiram ao primeiro andar e encontraram Joseph na companhia de outro africano, de terno e gravata.

—Deborah, fico feliz que tenha vindo — Joseph disse com um sorriso. — Não queria partir sem me despedir de você. O doutor avisou-a sobre minha viagem?

—Sim, mas não sobre seu destino.

Joseph olhou para o outro homem e trocaram algumas palavras em seu próprio idioma.

—Infelizmente não posso lhe fornecer detalhes, mas irei ao encontro de meu tio, irmão de meu pai, que já foi um ministro em meu país, antes da guerra. Eu não tinha notícias dele. Pensei que tivesse morrido, mas ofereceram-lhe asilo político.

—Então irá morar com ele? — Dee perguntou.

—Sim. Ele se chama Patrice. O doutor conseguiu localizá-lo. Agora lhe devo

mais esse favor. Assim que o contato foi feito, meu tio, que também estava tentando me encontrar, disse que enviaria Marcelle para me buscar o mais depressa que pudesse.

—Fico feliz por você.

—Nunca esquecerei o que fez por mim. — Joseph entregou a Dee um pequeno estojo. — Por favor, aceite.

O estojo continha um anel com uma pedra azul oval.

— É maravilhoso. — Dee deu um passo para Joseph e beijou-o no rosto.
— Eu o guardarei para sempre.

Joseph virou-se, emocionado, para Baxter.

—Jamais poderei lhe agradecer o suficiente, doutor.

—Não diga nada, Joseph. Não é preciso. — Baxter abraçou o amigo. — Vou acompanhá-los.

Emocionado demais para falar, Joseph acenou para Dee e pegou as malas com a ajuda de Baxter e de Marcelle.

Dee não os seguiu. Apesar de estar a uma semana de seu casamento com Joseph, não eram íntimos. Baxter, contudo, além de amigo, era um herói para o jovem.

Dee resolveu esperá-lo na cozinha. Enquanto aguardava, tentou colocar um pouco de ordem no local. Havia jornais e cartas espalhadas pela mesa, casacos pendurados nos encostos das cadeiras e louça suja na pia.

Quando Baxter retornou, percebeu a contrariedade de Dee.

—Está limo desordem total, não?

—Precisa contratar uma faxineira.

—Cat disse que procuraria uma para mim.

—Não acha que Cat já tem o bastante com que se preocupar?

—Eu não pedi nada —: Baxter justificou-se. — Foi ela quem ofereceu ajuda.

—Há quanto tempo a situação de Joseph foi acertada? — Dee resolveu ser direta.

—O contato foi estabelecido há uma semana, mas a permissão oficial para Joseph entrar na França só foi dada dois dias atrás.

—Não precisava ser tão específico — Dee ironizou. — Pensei que fosse segredo.

—Não quero que imagine que Joseph tenha sido levado a algum lugar perigoso — Baxter explicou. — Além disso, se *eu* consegui localizar o tio de Joseph, seus inimigos obviamente já têm o endereço.

—Então, por que se calou sobre os acontecimentos? Por que não me contou que o casamento não mais seria necessário?

—Queria ter certeza absoluta antes. Quanto à necessidade de seu casamento

com Joseph, foi *você* quem decidiu isso.

—Não foi para isso que me procurou no metro? — Dee protestou.

—Isso foi antes.

—Antes de quê? Antes de você decidir que eu não era confiável?

—Antes de nós. — Dee pestanejou e Baxter continuou — Pensou realmente que eu permitiria seu casamento com Joseph?

—Eu... Você me deu dinheiro para o vestido.

—Queria ver até onde você iria. — Baxter encarou-a.

— Qual era seu plano esta tarde? Mostrar o que eu estava perdendo?

Dee não respondeu, mas o rubor traiu-a.

— Não era preciso — Baxter avançou para ela de forma que seus corpos se tocaram. — Eu já sabia o que estava perdendo.

A raiva de Dee passou como por encanto. Com a proximidade de Baxter, estava tremendo como uma folha ao vento.

—Gostaria de ir para casa agora.

—Você está em casa.

Dee quis se afastar e responder, mas não conseguiu.

—Preciso de você comigo, Dee.

Ele tocou-a no rosto com uma ternura que a emocionou.

—Não faça isso.

—Por que não? Você também me quer.

Não adiantaria negar.

—Acha que isso é suficiente?

—Não.

Dee não entendeu a resposta. Mas ele tampouco havia entendido a pergunta. Não tinha importância. Estarem juntos era tão inevitável quanto o dia e a noite.

Por que outro motivo ela teria permitido que Baxter lhe segurasse o rosto e a beijasse até roubar o ar de seu corpo e a razão de sua mente? Por que o seguiu para o quarto sem dizer nenhuma palavra? Por que estava disposta a aceitar tão pouco quando seu coração clamava por mais?

Ele a levou para o quarto com a cama de dossel. A noite estava caindo e trazendo sombras pela janela. Não acenderam as luzes. Não falaram.

Ele a despiu com rapidez e eficiência até deixá-la apenas de sutiã e calcinha. Observou-o enquanto desabotoava a camisa, mas quando Baxter começou a desafivelar o cinto, tentou afastar-se.

Ele a deteve e abraçou-a pelas costas. Depois começou a beijar-lhe os ombros e a virá-la de frente. Dee dobrou a cabeça para trás, invadida por uma onda de desejo. Baxter estava tocando-a em seus pontos mais sensíveis e que somente ele conhecia.

Estava perdida antes mesmo que Baxter terminasse de se despir e se colocasse sobre ela, lindo e másculo. Nesse instante, sentiu medo. Sabia que nunca mais seria a mesma após aqueles momentos. Mas era tarde demais. Baxter estava penetrando seu corpo, seu coração e sua alma, fazendo-a gemer.

A voz que sussurrava em seu ouvido parecia vir de longe.

— Está tudo bem. Está tudo bem. Eu te amo. Eu te amo muito.

Dee não ouviu a declaração. Estava ocupada demais em corresponder aos beijos e a não gritar com as investidas de Baxter em seu corpo.

Recebeu-o passivamente até se adaptar à força da penetração. Depois, envolvida por completo pelo amor e pela paixão, começou a se movimentar também, aceitando-o nas profundezas de seu ser, até que o prazer se transformou em êxtase.

Foi uma união tão absoluta que Baxter, sempre tão prevenido, esqueceu-se de tomar qualquer precaução.

Permaneceram abraçados por um longo tempo até sentirem os corações acalmarem. Dee jamais havia estado com outro homem, mas o instinto lhe dizia que nenhum a teria feito sentir-se tão feliz, tão completa. Baxter era seu primeiro amante e seria o último, apesar de não ter esperanças de que ele também a amasse.

Baxter ergueu-se sobre um cotovelo e fitou-a com um sorriso que desapareceu diante da seriedade com que foi recebido.

—Você está bem?

—Estou — ela mentiu.

—Não é o que parece. O que está acontecendo, Dee?

Dee se afastou e cobriu a nudez com o lençol.

— Não está acontecendo nada. — Queria ser forte, mas estava à beira das lágrimas. — Preciso ir.

Sentou-se e vestiu a camiseta. Antes que pudesse pegar o jeans, Baxter a segurou pelo braço.

—Ir para onde?

Para qualquer lugar onde ele não a visse chorar. Desesperada, desvencilhou-se e saiu do quarto. Só percebeu que estava sem os sapatos quando chegou à porta da rua. O bom senso dizia que não iria longe descalça e no escuro. Mas o orgulho a impedia de voltar ao quarto.

Quando Baxter desceu, depois de se vestir, encontrou-a sentada na escada. Ele se sentou ao lado dela.

—Foi aquilo que eu disse? Eu te assustei? Se for esse o motivo, não se preocupe. Estou preparado para me contentar apenas com sua presença.

—O que está dizendo? — Dee perguntou, confusa. — Quer que eu passe a noite aqui?

—A noite, uma semana, um mês, um ano. O tempo que quiser.

Dee não partilhava da mesma opinião. Se dependesse dela, não haveria limite de tempo. Quanto mais ficasse, mais difícil seria partir.

— Não posso ficar.

Baxter pareceu não ouvir. Inclinou-se e afagou-lhe os cabelos. Depois beijou-a com suavidade.

—Fique e deixe-me cuidar de você.

—Não sou mais criança para que cuidem de mim — disse, amarga. — Não precisaria ter saído de casa, se quisesse isso.

Baxter sentiu-se mal. Sempre soubera que Dee era frágil. Como pudera enganar-se tanto?

—Eu pensei que tudo ficaria certo entre nós se fizéssemos amor...

—Não se recrimine. Você me queria, eu te queria. Ficamos juntos. Fim da história.

Ela se levantou e subiu para o quarto antes que Baxter respondesse. Mas ele estava diante da porta no instante seguinte.

—Por quê, Dee? Foi curiosidade? Vingança?
Dee franziu o cenho.

—Não sei de que você está falando.

—Não? Esperou que eu caísse a seus pés para me deixar. Por quê? Quis que eu pagasse pelo que seu padrasto fez?

—Meu padrasto não tem nada a ver com isso! Acha que eu permiti alguma vez que ele me tocasse?

—Então por que deixou que eu lhe fizesse amor, se não queria nenhum compromisso comigo?

Dee não podia dizer a verdade. Para não mentir, limitou-se a fazer um movimento com os ombros.

—E se eu a engravidei? Já pensou nessa possibilidade?

—Não, mas você obviamente já e isso o perturba, não?

—É claro que sim! Se você ficar grávida, a responsabilidade também será minha.

— - O que sugere, então? Que nos casemos para evitar algum problema?

Dee usou de puro sarcasmo, mas a resposta de Baxter foi séria.

—Exatamente.

—Eu estava brincando.

—Eu não.

—Ninguém se casa hoje em dia por esse motivo.

—E um motivo justo para mim.

—Mas não para mim!

O que estava acontecendo com ela? O homem que amava a queria em casamento. Por que não aceitava de uma vez?

—Quer outros?

—Sim.

—Nossa química é fora do comum. Não tem experiência no assunto, mas eu sei o que estou dizendo. Além disso, somos compatíveis em interesses e atitudes.

—Você é racional demais, Baxter. Uma garota precisa de romance — Dee caçoou.

—Eu já tentei esse ângulo. Não adiantou.
Dee não entendeu.

— O que está dizendo?

— Eu disse que te amava e o que consegui? Você se levantou e quis fugir!

—Você me ama? De verdade? — Dee fitou-o, perplexa.

—Eu seria incapaz de mentir sobre meus sentimentos.
Riso e lágrimas se misturaram nos olhos de Dee.

—Quer que eu repita?

Não era preciso. Agora ela havia entendido. Ambos eram orgulhosos. Se não tomassem cuidado, viveriam brigando.

— Não. Agora é minha vez. Eu te amo, Baxter e isso me assusta. Você pediu que eu ficasse esta noite, ou algum tempo. Eu te amo tanto que não pude aceitar. Não quero nada menos do que uma vida inteira.

Não foi possível continuar. Baxter pousou os lábios nos dela em um beijo que traduzia um amor tão real quanto o que Dee lhe dedicava.

—E você achava que eu a deixaria ir embora? Depois de tudo que me fez passar?

—Eu? — Dee protestou.

—Esqueceu-se daquela noite na casa de Cat? Em um momento estávamos na cama juntos e eu me sentia o homem de mais sorte no mundo. No outro, você anunciou que iria se casar com Joseph.

—Não havia nada entre mim e ele.

—E eu sabia disso, mas o ciúme me enlouqueceu — Baxter admitiu. — Minha irmã contribuiu. Não parava de elogiá-la.

Dee sorriu.

—E agora?

—Fique comigo, Dee.

—Se é isso que você realmente quer...

—Sabe que sim. Mas não apenas esta noite. Quero que fique comigo para sempre. Case-se comigo, Dee.

—Por causa da probabilidade de uma gravidez?

—Não, porque eu te amo.

—Não seria uma loucura?

—Talvez — Baxter admitiu com um amplo sorriso. — Será apenas um ato legal ou optaremos por uma cerimónia completa?

—Eu ainda não disse sim — Dee lembrou-o.

—Está bem. Vamos dormir e amanhã você me dará a resposta.

Despiram-se e amaram-se como se não suportassem mais um minuto de separação. Quando dormiram, aos primeiros raios da aurora, continuaram abraçados.

Casaram-se um mês depois na mesma igreja que os familiares de Baxter realizavam seus enlances e batizados nas últimas quatro gerações.

Os pensamentos de Dee sobre o casamento haviam mudado. Enquanto se dirigia ao altar, ao encontro de seu marido, viu o futuro estender-se diante deles. Seriam anos de amor, de amizade, de risos, de bons momentos e também de maus. Mas sempre juntos!

FIM